



Victor A. Mota

Crónicas de um
Antropólogo

Crónicas de um Antropólogo

Crónicas de um Antropólogo

Victor A. Ausina Mota

TENDER EDIÇÕES

Título: **Crónicas de um Antropólogo**

Autor: **Victor A. Ausina Mota**

Capa: CEFILO

1ª Edição: Abril 2010

2ª Edição: Julho 2010

Acabamento e Impressão: Tender Edições

www.tender.com.pt

geral@tender.com.pt

ISBN: 978-989-8112-09-5

Depósito Legal: 282357/08

Lisboa, CE

Copyright do Autor

À minha família

COMEÇANDO...

Este livro começou a ser escrito em 1999, quando adquiri um novo computador, inteiramente pago pela minha irmã, que em mim depositou, junto com o meu cunhado e minha mãe, a esperança de eu ser escritor de língua portuguesa. Talvez tivesse eu merecido melhor sorte, mas por este meio, rude, solitário, incompreendido, tenho expressado emoções e ideias. Muitas discussões acabaram comigo escrevendo de raiva. Não deveria ter sido assim. O processo da escrita que se deu comigo foi este, infelizmente para o meu corpo.

Com esta obra não pretendo afirmar sucintamente que sou o escritor da minha aldeia, pois que não me enfio nessa pele. Haverá decerto mais gente trabalhando do mesmo jeito. Acontece mesmo que me tenho alheado aos acontecimentos jovens e seniores da aldeia onde passei minha infância. Como um autor dos nossos dias disse um dia, “eu escrevo romances em vez de teses”. Admito que é esse um dos caminhos que

me apraz seguir por agora. É também uma convicção e propósito moral. Mas também preciso de garantir o meu futuro profissional. Estou numa época da vida em que tudo é muito indeciso, mas já me acostumei a não ter esperar certezas. Deste cenário pode nascer um romance que faça a síntese de tudo o que escrevi até agora enriquecido com novas vivências. Estou farto de actividade intelectual, mas estou também viciado, tenho de fazer uma cura. O que sei é que tenho uma obra diarística considerável e devo dar-me ao trabalho de reler muitos escritos que tenho de minha autoria. Devo ser também menos ingénuo e mais acutilante. Disto tudo pode sair um romance. É preciso aproveitar o que entretanto adquiri de útil e reconciliar-me comigo próprio. Que diacho, não pode ser! Surgem várias personagens, não posso parar, rever tudo o que escrevi, construir uma teia, mas tenho uma vida à minha espera. O trabalho que inicialmente vou fazer que vou fazer é continuar qualquer coisa que está subentendido nos meus

contos, recuperar personagens, disciplinar a mente. Há tensão nesta cidade, nesta aldeia. E eu julgo estar agora sentindo tensão criadora.

Latia surge dizendo mal de todos na aldeia. Inventa histórias, acusa as mulheres que não são da aldeia, é racista, devia ser internada numa casa de correcção. Casou com um homem que não lhe sabe vergar a espinha. Tem dois filhos em França, por sinal meus amigos de infância. A guerra está para estalar, tragam foices e gadanhos que isto vai aquecer, vai dar molho. Há uma considerável injustiça e racismo nesta gente da beira litoral, não sei o que Jorge Dias disse a propósito, mas nem me importa, pois a cadência dos dias está sendo lamuriante e forçosamente terei de comprar livros de Torga para percorrer a linha férrea já que estou tão indiferente aos acontecimentos e não veio mulher com véu ou sem véu dado a isso, ao meu alheamento, estar pensando em duas palavras em *bold* todo o tempo, diacho, a coisa vai dar uma volta nem

que me dê um traque mas que doença por causa disto não vou apanhar. Latia esteve raivosa e obrigou-me a dizer-lhe tudo isto. Esteve meu pai para lhe dar um pontapé naquele rabo que lhe ficava a saia torta. Estou procurando densidade de acontecimentos? Não, estou a mais nesta aldeia a que não dei nome ainda. Alguém por onde passo abriu uma caixa de Pandora que me persegue, diacho, mas vou-lhe dando pontapés através da estrada, diacho, tenho de olhar um pouco para o Siddhartha e não torno a beber café no diacho do café, que porra não poder conduzir o Opel Brown. Judas tinha o seu esquema montado, achava que nada na vida lhe podia fugir, incluindo os bens materiais. Arranjar namorada e fazia caso disso na aldeia. O café central era o local onde se jogava a política e o que ele sabia, o que de mais sabia, seria de política.

UM DIA NÃO SERÁ TARDE DE MAIS

Escrevendo esta história estou arriscando, pondo em causa dias do meu futuro. Em nome da escrita, de um prazer solitário. Tenho uma vida para viver mas escuso-me por falta de dinheiro, pois estou independente dos meus pais por um fio. Não traz sucesso esta tarefa, mas é como uma missão, um dever, uma satisfação imediata que nos reconcilia com a alma. As personagens que vou apresentar são meio fictícios, baseiam-se nas minhas observações e em pessoas que conheci. Tarefa árdua esta que nunca pensei tivesse tantos sacrifícios, mas persisto, só, como o cavaleiro de Cervantes, buscando a minha dama, o meu lugar, as palavras certas. Se muitas vezes não o consegui, o trilho ficou marcado para outros. Ao menos essa satisfação terei tido. Tenho experimentado o azedume de minha mãe, que comigo vive mais perto grande parte dos momentos do dia. Meu pai está distante e só vem para as refeições. Não posso estar muito

tempo em Riachos, onde escrevo estes últimos capítulos, pois não cabe bem um homem de 32 anos estar ainda em casa dos pais. O que me resta é deixar escrito tudo o que sou e fiz e partir para uma outra vida.

NARRATIVAS SINGULARES

Os nervos tinham sido o problema de Bunel. Em Riachos, estava sentado num banco do posto médico, numa tarde de verão e, pensava, o que estariam todos os outros a fazer. Os que por ele passado viam-no simplesmente. Tinham pena dele. E quem seriam os outros, em que mais outras pessoas pensava? A televisão. Estavam de facto a ver televisão, anestesiados. Depois, dali a minutos encontrava-se numa paragem de autocarro. Mais tarde, sentado numa poltrona que alguém tinha posto fora naquele dia e que ele recolhera, pois parecia nova em folha e forte. Estava sendo observado, não duvidava. Mas por quem?

Nada naquele dia poderia mudar o destino de Bunel. Para aquele dia. Ele estava ali, arrumado a um canto da estação de comboios, esperando um bilhete para um pensamento positivo, um naco de comida dos voluntários da noite. O seu pensamento fixava-se num pormenor de uma pedra do chão,

numa brecha da parede. Talvez a sua alma fosse demasiado pobre para se perder em pormenores. Talvez os pormenores fossem importantes e sua alma fosse livre. Talvez o pormenor não importasse e como ele não tinha frequentado nenhuma escola, nem sequer a escola da vida, ali estava, mesmo não sabendo que estava alguém à sua espera.

Mas, diga-se, os seus lugares não eram fixos. Com alguma frequência se instalava nas arcadas de um prédio em construção, numa área isolada que em breve iria ser área residencial de parte da elite lisboeta. Por vezes pensava que seria simples sair dali vivo, comunicar, entrar numa dinâmica qualquer com quaisquer pessoas. Ainda assim, sentia-se vítima de alguma coisa, ofendido, esperando por alguém que lhe devesse não dinheiro, mas uma palavra, um sorriso, um assentimento. Era alguém a quem tinham tirado a voz, a capacidade de se dar a mostrar. E isso é coisa de valor? Isso conta nos dias que correm, depois da revolução do 25 de

Abril? Não soube de resposta à questão naquele dia. Seja como for, não conhecia o calor de alguém há muito tempo. O calor de um aperto de mão. Vivia embrenhado em memórias que não passavam disso mesmo; memórias. Talvez isso o fizesse saltar de lugar em lugar e esperar alento para se desfazer da barba, vestir roupa nova, arranjar um trabalho. Seja como for, as pessoas que iria conhecer daquele dia de Março de 79 em diante não seriam as mesmas que conhecera no passado. As pessoas desaparecem como as moscas quando fechamos a luz, caem mortas quando aspergimos a sala com insecticida, reaparecem como caracóis quando faz sol numa manhã de orvalho. A não ser que um terramoto se ocasionasse nos corações, ele estaria condenado a ficar num qualquer lugar, esmigalhando pão, à espera do saquinho dos voluntários, abancando de lugar em lugar. Quem se acercava dele sentia que havia algo diferente consigo. A sua alma estava abandonada, a sua vida não tinha sentimentos ou

emoções. Afinal de contas, fora o pensamento que o traíra e trouxera pelas ruas. Os dias eram uma repetição, estava dentro de um Triângulo das Bermudas, os outros tentando ajudar e ele alheio a tudo. Havia envelhecido. Será que era ainda tempo para alguma coisa? Suspeitava que no final da sua vida ele próprio não seria capaz de tomar a sua vida nas mãos? Se essa suspeita fosse ilusória, o que poderia ele então fazer com suas mãos? Aprender um ofício?

Um dia, não prestando atenção ao calendário, nem sequer ao calendário dos jogos desportivos, lançou-se para o centro de acolhimento do bairro. Aí lhe deram roupa limpa. Pôde tomar banho. Colocou um pouco de gel, guardou os óculos no bolso. A noite esperava por ele. Os sons da noite ouviam-se através das portas entreabertas dos clubes nocturnos. Entrou num deles. Tinha-se visto ao espelho e achava-se confiante. Afinal ainda tinha 29 anos. As luzes da pista de dança cortavam o seu corpo. Mirou uma rapariga que ali se confundia

entre a gente. Chegou-se perto e sorriu e foi correspondido. Começou a dançar. Ainda sobrevivia, afinal, mais, sentia-se vivo entre o jogo de espelhos. A jovem aproximou-se instintivamente dele. Para ela talvez ele fosse apenas um jovem com um bom corpo. Para ele talvez o mesmo. O que importava o que cada um tinha na cabeça? Puderam finalmente ser esquecidos por alguém. Na mesma cama, em casa dela, sonharam uma porção de eternidade. Ele, que pensara estar velho por dentro, revigorava-se como se tivesse nascido de novo. As poucas pessoas que conhecera até então tinham-lhe ensinado muito da vida. Ele não era das pessoas que conhecem muitas pessoas. Ela, não lhe fazia perguntas tolas. E ele deixava cair a cabeça no peito dela.

SENTIDO E RECONHECIMENTO

Às vezes é difícil compreendermos as nossas acções. Parar para pensar naquilo que realmente interessa. Às vezes temos de perdoar a nós próprios. A vida é aberta, nas diferentes sociedade de que dispomos para viver. Podemos, dentro de certos limites, compreendendo e assimilando as regras, fazer o que quisermos, ser o que quisermos. A confiança no futuro é coisa que não nasce dentro de nós. A maturidade traz-nos o vício, o *dark side of life*. O que é muito triste é dar-mos conta de que vivemos de costas para a realidade e que um dia nos podemos reconciliar com alguém que esquecemos, com o afecto que nos foi dado e que ignorámos. Aceitarmos a solidão como um destino é um erro humano, uma forma de sermos vítimas e fazermos sofrer alguém uma forma de chamar a atenção. Ora, não temos que chamar a atenção. A vida nos reserva um destino e creio que

momentos de encantamento para todos. Até o indivíduo que dorme num carro podre de velho se posiciona em relação aos outros. A idiossincrasia de cada um é coisa a analisar e isso é coisa que a psicologia não faz. Quando o hábito, os hábitos mentais, estão enraizados na mente, é difícil mudar. Mas não será forçosamente a mudança de contexto social e cultural que nos poderá fazer deslumbrar face à vida e mudar de vez, radicalmente na direcção do bem. Podemos estar meses ou anos embrenhados em nós próprios e um dia descobrimos que, face a todo esse tempo que consideraríamos desperdiçado, somos alguma coisa. Descobrimos que alguém pensa em nós, alguém reconhece aquela criança que fomos e que ainda temos dentro. Se há alguma coisa de que posso falar com autoridade, será a solidão. Voluntária ou forçada, uma solidão que é afinal parte da coisa a que chamamos Vida. Dizemos quando não nos ocorre nenhuma explicação sobre factos que desenvolvemos que “é a vida”. Mas nem

provavelmente da solidão poderei falar com autoridade porque esse tempo morto é vivido em função de alguém, por causa de alguém. Alguém que se deixou, conversas que não se acabaram, alguém que há-de chegar um dia, acreditamos. Não me conheço suficientemente bem porque não me confrontei com os outros ainda a um nível que possa tirar conclusões. Sempre desejei ter uma alma mansa perto de mim. Para manipular? Talvez. Sempre desejei ter um corpo perto de mim, um corpo feminino, posso ser explícito. Em vão ter desejado tal coisa. O estado real das coisas não permite que diga que me sinto realizado. Não posso dizer que tenho o que os outros têm, mas recuso-me a condenar-me à partida. O cansaço que a minha situação gerou em mim retirou-me forças, mas não me sinto esgotado. Fiz muitas curvas difíceis na estrada da vida até aqui e parece que falo como um velho moribundo. Mas desejo viver mais anos e creio que tal poderá acontecer. Afinal, ainda me restam forças para lutar e mudar dentro dos limites

que conheço. Por isso digo que há cada pessoa de compreender-se a si própria, de perdoar-se. Só assim poderá reconciliar-se com os que lhe estão próximos. Acredito que poderei ainda viver e dar a viver momentos com emoção. Se formos a contabilizar, perdi muita capacidade de me emocionar e comover com os factos da vida, com a morte, com as curiosidades e coincidências do quotidiano. Mas sou humano. E se errei, tenho também a capacidade de reconhecer que errei. A emoção está escondida, guardo ainda uma imagem daquilo que quero da vida. O que eu sou realmente permanece num substrato da memória ou do sentimento que não permite que os outros me vejam emocionado. Num substrato que se pode revelar ainda. Tenho pensado porque tenho uma visão puritana da vida. Por isso os meus desvios. Tenho pensado por que não viver os dias sem nada de especial esperar da vida. Talvez ainda tenha fé. E tenham sido provas aquilo que venho experimentando, nomeadamente a batalha da minha

mente com o meu Ego, por assim dizer. Bom, vejo que esta reflexão havia sempre de ir dar para falar de mim. Afinal sou eu quem teclo. Nunca neguei que era eu que estava deste lado do vidro. Mesmo nos acontecimentos que não se descrevem. Há que ter confiança. Afinal de contas, em nome de quê me entrego à solidão. Onde aprendi a viver assim, que é não viver? Basta sair pela porta e encontrar-me com os outros. Não é bem assim. A coisa é mais complicada, decerto. A vida irá ser em tudo diferente de como a prevejo. Diferente de como a explico aqui, pois a escrita emocional dificilmente é futurista. Escrevo sobre o passado, recente, que me está fresco na memória. É bom que a vida seja algo de completamente diferente. É sinal de que o tempo passado não foi em vão.

Tancredo sentia saudades do mar. Dos sons da natureza. O que está na sua cabeça é bom e mau. O mau não se apaga facilmente. Sentia saudades dos livros que, para meu bem ou mal, não lhe saíam da cabeça. Sabia que ainda podia fazer

qualquer coisa à sua maneira. Ainda ia a tempo de começar qualquer coisa. “Se serei bem sucedido isso já é outra história. Não, é melhor esquecer tudo, perdoar o meu passado, esquecer o passado, esse passado que nós podemos largar mas que nunca nos larga a nós. Tenho de fazer de contar que vou recomeçar tudo de novo, aprender a viver. Como se fosse ainda criança. Como se tivesse 7 anos”. Genova tinha dez anos quando começou aprender música. Cantava no coro da Igreja dois meses depois. Há qualquer coisa que faz lembrar os pastorinhos de Fátima. Uma mensagem. A pureza. Genova tinha uma educação apertada. Os pais queriam que ela atingisse certas metas. O seu futuro disso se ressentiu. Agora, na casa dos trinta, tem dificuldade em lidar com a vida e encontra-se sozinha e cheia de raiva para com o mundo. Talvez devesse ter sido mais inventiva na juventude, nos anos em que o conhecimento se assimila como uma esponja. Fumava marijuana aos trinta e cinco e encontrava-se no limiar

das pessoas decentes. Em breve certamente que se iria prostituir para pagar a droga. A família contactava-a frequentemente por telefone, para o seu telemóvel. Mas não queria saber. Mesmo assim tinha um sonho, mesmo na sua condição. Voltou a uma igreja um dia, não para ouvir missa, para procurar silêncio, um silêncio parecido ao de um bosque inundado por aves. Duas ou três mulheres rezavam o terço. Ela olhava o Cristo crucificado e sentia que havia perdido a fé. O que lhe dizer? O que pensar? Nada, apenas estar ali, como um acto de amor. Nada dizer. Não durou muito o efeito. Dali a nada os seus pensamentos caíam em vertigem para o que os homens chamam o mal. Mas não estava rendida. Se conversar com a assistente social de nada lhe servia em termos práticos, com a psicóloga era a mesma coisa. Estava cansada e tinha de lutar, uma vez mais, cada vez mais, agora mais do que nunca. O que a vida lhe ensinara era a viver em extremos morais. O eterno duelo entre bons e maus em que ela

simplesmente era uma bola, chutada de um lado para o outro. Alguém apareceu para parar a bola a meio caminho do percurso. Numa noite então Genova saiu com um amigo, foram a um bar. Na sala do fundo, um grupo de ucranianos jogavam *flippers* e *snooker*. Ela entrou com o amigo, cumprimentaram-se, eram uns quatro. A conversa desenvolveu-se. Entretanto, o amigo teve de ir embora. Ela ficou. Já com uns copos a mais, começou andando, sozinha, insinuando-se. Eles não gostaram, melhor, deixaram o jogo e começaram a olhá-la fixamente. Ela fazia uma espécie de dança do ventre diante deles, só que era para si própria, para o amigo, julgando embriagada que ele ainda ali estava. Um deles colou-se a ela e apalpou-a. Veio outro. Colocaram-na em cima da mesa de *snooker* e violaram-na, à vez, os quatro. Depois levaram-na pela porta dos fundos e deitaram-na ao rio.

Artemisa era o seu nome artístico. Não tinha namorado. Mas também não era uma *superstar*. Raros eram os seus

filmes verdadeiramente explícitos. A trama tinha, para poder participar, de ter uma história. Uma história que criasse uma situação, uma excitação. E uma localização temporal, pois era nos anos setenta. E o local de trabalho um bar. Conhecia muito tipo de pessoas desajustadas da norma social. Ela desconfiava nos seus dias que havia algo além do céu, mas nunca nenhuma prova evidente dessa hipótese se colocara diante dos outros ou lhe alimentara os pensamentos durante o tempo necessário para chegar a falar a alguém sobre o assunto. Triste vida a sua. Começara com uma depressão. Medicamentos, tónicos para o espírito. Experimentara de tudo. Teve tempo de visitar o seu pai, encarquilhado pelos anos e mágoa de não ter uma filha às direitas que lhe desse um neto, que continuasse as tradições da família. O pai, rígido quando Artemisa era pequena, fizera tudo para lhe dar uma educação moral e católica condizente com o meio social em que viviam, uma aldeia que acabou por ser designada de vila pouco depois

da jovem ter partido para a capital. Estudou numa escola secundária à noite, enquanto fazia umas horas num café. Depois, começou o stripetise. Ela vinha de meios humildes mas fizera valer o seu corpo diante de velhos quase da idade do seu pai. Não era como a sua colega, Anabela Vaz, que provinha de famílias burguesas dos arredores de Lisboa e que não se prestava a nenhum esforço de sedução diante dos clientes. Anabela fazia o que fazia por maldade, Artemisa fazia de tudo uma descoberta. Poderia ter escolhido outro tipo de pessoas para as suas relações, podia ser a professora de muitos homens que regem o país, suportam a sua economia e acabam por ter uma vida dupla. E quanto aos homens? Aos homens da vida destas mulheres? Estariam elas com esperança em algum momento da sua vida em ter um dia uma vida própria? As opções pagam-se caro. Não há que ter pena. Não haveria caminho de retorno para nenhuma delas. Genova envelhecera e o seu corpo deixara de ter utilidade para a

sedução platónica. Artemisa queria morrer jovem. Não suportava a ideia de envelhecer. Vidas as curtas, mortes as súbitas. Anabela, por seu lado, podia ter desfrutado do seu estatuto dentro da sociedade, mas não teve cabeça. Montou um negócio de lingerie na baixa. Enriqueceu. Nunca se reconciliou com a família. Afinal tornou-se independente. Teve cabeça.

NA PRIMEIRA PESSOA, EM RIACHOS

Interroga-se o leitor para que serve a história de vida de três mulheres assim para o que se pretende aqui delatar. Desde cedo que tenho uma atracção pelo abismo. Não era fácil chegar perto de uma jovem e iniciar uma conversa que desse em sexo. Se calhar precisei de ser iniciado. Se calhar devo confessar, devo purificar-me. Se calhar, ainda vou a tempo. E que necessidade tenho eu de revelar tudo isto ao leitor? Que interessa ao leitor a sinuosa caminhada de uma alma em direcção a um santuário quando é mais fácil a linearidade? Posso estar longe de tudo e todos, estar delatando tudo isto de um buraco fundo onde nenhum balde jamais chegará para captar a água que sei que existe. Mas pode alguém, por descuido, cair no mesmo poço. E haverá mais poços como este? Creio que sim, imagino que sim, que as pessoas querem a maior parte do tempo levar uma vida às

direitas mas nem sempre conseguem sobretudo porque se emocionam e reagem das mais variadas formas. Isso também é humano. Mas quando me ler saberá do que falo. E que era preciso eu dar conta do que enfrentei, do que me levou a agir de determinado modo, das razões por que me afasto das pessoas de quem mais gosto. Por vezes encolhemo-nos demasiado e pensamos que nunca ninguém se há-de lembrar de nós. Pelo menos do modo como queremos ser lembrados. Na nossa órbita geram-se ideias sobre os outros, ideias negativas. Isto acontece quando se tem uma obra minimamente organizada e pensada e se quer mostrar a alguém que possa avaliar a eventualidade da publicação. Quando não se está no meio, não se fala com as pessoas certas, tudo parece mais difícil, senão mesmo impossível. Mas talvez por isso a escrita ganhe valor. Mas desgasta. A solidão mata devagar. A alma entristece por uma vez sequer não ser recordada nos seus pensamentos poéticos. O que há a fazer

quando já se perdeu o rasto dos primeiros e genuínos pensamentos, o entusiasmo juvenil e isto tudo não foi substituído por uma serena e madura visão da vida? O que fazer quando não se consegue manter o diálogo com a família, com amigos? Quando reconhecemos que simplesmente existimos estamos num limite e precisamos desesperadamente de sair dali, fizemos todas as tentativas e nada resultou, nada parece aguentar-se, as ideias têm curta duração, esfumam-se em horas, nada perdura a não ser a dor de estarmos lentamente sendo esquecidos. E isto é o pior que pode haver no que digo, ser lentamente esquecido. Mas há que partir para outra. É preciso acreditar que a vida nos reserva surpresas se continuarmos a alimentar uma esperançazinha, dentro de nós, como uma pequena lâmpada a que juntamos azeite todos os dias. Então, lentamente, vai-se ganhando jeito para a vida prática. Sonhamos com viagens que nos transformariam noutra pessoa, que apagariam como com uma borracha as

perturbações psíquicas. Há que continuar, fazer um pouco de musicoterapia tanto quanto se tem tempo. Passa um dia, outro, e o pensamento deteriora-se, mas espera-se, espera-se, esperança que a sorte brilhe para nós. Qualquer ajuda que viesse seria recusada por orgulho. Eu pedi uma vida com pensamentos, distinta da monótona que tinha. Pois bem, eles aqui estão para me atazanar É nisto que me reconheço. Nisto a que volto sempre, uma vez mais, cada vez mais. Só quem está de fora poderá um dia julgar tudo isto, as minhas súbitas variações de humor. Este aspecto da minha vida não está humanizado, esse é o problema. Depois, esqueço os que estão à minha volta. Preparo-me para um qualquer evento, tento dominar o espaço e nada acontece. Há anos que nada acontece. Reconheço que estou dentro de um grande labirinto que é a minha cabeça, o cerco está dentro da minha cabeça. Sozinho nesse labirinto. Gostaria de ter outras pessoas nesse labirinto, comunicar. E de algum modo isso tem acontecido.

Mas há sempre uma tendência para permanecer sozinho envolto de ideias, acompanhado de ideias. Conceptualizar tudo tem sido um problema. Isto já deve ser suficiente para o leitor imaginar o que se passa na minha cabeça durante dias, durante hora, e porque é que as minhas personagens são do modo que são. Adormecer cansado e não conseguir adormecer. Acordar cansado, sem perspectivas. Enfim, há que aceitar que não se pode voltar atrás, que o pensamento evoluiu. Irei sair daqui um pouco, parecendo estar condenado a voltar. Não sei se voltarei de novo e sempre à casa, onde construí os meus dias, onde recebo os meus pensamentos da realidade que me cerca, as minhas pequenas coisas, os meus objectos que estão preparados para ser usados com intensidade, onde alimentei esperança de ser recompensado pela escrita. Pode parecer um diário, a forma como apresento estes escritos. Pois eu reconheço que sim. Espero acontecimentos e ao mesmo tempo não vou ao encontro

deles. Não me esqueço, tudo bule na cabeça. Tem-se a sensação da loucura, está-se na fronteira, mas não se vai definitivamente de um lado para o outro. Talvez seja mesmo assim, talvez seja necessário passar por tudo isto porque desde cedo que conceptualizei tudo, até as relações com as pessoas. Isto é o mais grave. Condeno-me e fico sem histórias para contar ou imaginar. Talvez a vida seja também estes pensamentos e não teria graça sem a mente, o trabalho infundável da mente. Talvez ela venha a misturar-se com a natureza um dia e ser o canto de um pássaro que nos chega ao ouvido pela manhã. Talvez goste obsessivamente da minha casa e não consiga desapegar-me dela. Por isso, com fatalidade, volto dias depois aos mesmos rituais. Mas que tem isso de negativo? De tanto procurar escondê-los, de tanto pressionar para que deixem de existir, levo em conta que sempre fui assim, umas vezes mais outras menos. Tal não me deve inibir na relação com os outros. São dados que a mente

processa, tais como outros. Haverá uma justificação profunda que não me interessa mais descobrir. Sei que fazem parte da minha existência e que tenho de saber viver com eles. Sou como um artista, talvez tenha alma de artista. Os dias dos outros poderão ser bem mais infernais. Afinal é da vida que se trata. Uma vida, muitas vidas. Por isso não adianta esconder, dissimular. Curiosamente, as minhas obsessões retiram-me criatividade, enfraquecem a minha imaginação, colocam-me numa posição fraca, algo poética ou feminina. O leitor deverá estar aborrecido com estes pensamentos que aqui dejecto. Se conhecer outros escritos meus, poderá ficar ainda mais aborrecido. A minha intenção é ir dando conta do que acho necessário para se compreender uma vida. Aquela de que sou dono. Outras coisas poderia relatar, se chance tivesse para isso. Se as circunstâncias fossem diferentes. Se não fosse como sou. Mas tudo isso são hipóteses. O que o leitor tem de aceitar é o modo como sou e isso é como aqui me apresento.

Claro que há qualquer coisa que escapa, qualquer coisa que guardamos para o futuro de nós próprios. Tem de ser assim. Se assim não fosse perder-se-ia o interesse de saber como eu fiquei depois de escrever. Um dia destes hei-de recuperar a fé. A fé num deus só para mim, que não seja incompatível com o deus que vários grupos amam. Talvez seja hora de me reconciliar com esse deus e sentir a sua presença. Talvez assim diminuam as minhas obsessões violentas e que me fustigam o espírito. Os rituais residirão nessa réstia de fé que me resta? Talvez. Preciso de me encontrar com quem acredite, com quem tenha a vida iluminada pela fé. Assim poderão findar os eternos dias de peso na cabeça, de criticismo. A minha experiência religiosa foi fugaz e intensa. Depois o brilho se apagou e virei-me para as coisas do mundo. Mas a luz habita também o mundo, está entre nós e podemos voltar-nos para ela e nosso rosto se iluminará. O que mais interessa na mensagem do deus cristão é a sua

universalidade. Todos, independentemente da sua condição, até os burgueses, são convidados a participar de um destino que se enforma em jeito de solidariedade. Podemos estar conversando sobre passagens da Bíblia, mas o nosso inconsciente está processando outras mensagens, tais como pensamentos positivos. E estes pensamentos positivos são importantes, qualquer que seja a religião, budismo, taoísmo, cristianismo, islamismo. É preciso abater o criticismo com que interpretamos estas mensagens de teor religioso e ter um pouco de coração, não deixar que o pensamento faça tudo, não confiarmos demasiado na nossa cabeça. Talvez por esta razão eu me encontro na situação social que encontro. Enfim, não há-de ser nada. Se deus quiser (custa-me escrevê-lo, mas é uma coisa diferente que faço, um esforço em manter alguma esperança). Pergunta-se o leitor porque é que não consigo deixar de falar de mim. Porque é que me acho tão importante. Ora, está em causa nestes escritos falar de pessoas,

imaginadas ou não, mas falar também numa hipótese de redenção, de salvação que representa a minha confiança no casamento, na união com uma alma gémea. Certamente quem me visita, seja testemunha de Jeová, seja mórmon, tem o intento de ver alguém feliz. Porque não aceitar isso, já que não consigo orientar-me sozinho? Antes isso que dar cabo da minha saúde com tabaco, com ociosidade, com falsas expectativas. Antes isso.

NA PRIMEIRA PESSOA, EM LISBOA

Fecho os horizontes para mim nesta cidade. Recuso-me a viver. Nada de importante que eu possa contar aos outros me aconteceu. Por isso não saberão como foi a minha vida até aqui. As palavras têm esse dom de acordar coisas escondidas. A vida é chata, é eterna, nunca mais acaba. Não que eu deseje a morte. Só espero que as coisas se modifiquem. E que faço eu para se modificarem? Na realidade, pouca coisa. Estou demasiado preocupado comigo. Os dias não são novidade. Canso-me até ao fim do dia para poder adormecer em paz. O problema é que eu desejo que a minha vida seja igual à dos outros. Não, sou diferente, tenho de ter uma vida própria, de fazer as coisas por mim próprio, saber e viver por aquilo que me interessa. Estar aqui, escrevendo, é uma forma de viver, uma forma de ver o mundo, uma forma de sobreviver. Compreendo que aquilo que escrevo não tenha mercado.

Pode ser que tenha, daqui a muitos, daqui a alguns anos. É com dificuldade que junto as palavras. Tento a impressão de que devia lavar as mãos, como se escrever fosse um ritual. Às tantas é isso mesmo, escrever é um ritual que tento cumprir frequentemente, uma descarga de consciência para esvaziar a mente. O pior é que ela fica cheia de novo facilmente e isto nunca mais acaba. Hoje deveria telefonar para casa. Mas regressarei em breve para mais um tempo de nada fazer. A este ponto não me surgem histórias e estou submerso por uma dor de cabeça. Se é caso de lutar, ainda não desisti, nem julgo que desistirei. Sofri demasiado para me dar ao luxo de desistir. Há que purgar todo este mal, todo este peso que ostento. Em nome de quê é o que se está para ver.

SAINDO DA CASCA

Ela não sabia que fora atraindo. Junto do corpo, um enorme monte de roupa. Alguém tinha por lá passado e deixado de intervir no seu presente. “Descansa”, havia dito ao despedir-se, “o que esperas cumprir-se-á, mas de um modo distinto do que imaginas”. Ela ficara ali, retira junto ao corpo do seu filho, com a morte já a seu lado. Da janela do quarto pensava ver o demónio, vestido de vermelho e negro, levantar-se de um cemitério. Nunca lhe haviam dito que a vida trazia surpresas tão grandes. Como esquecer o sofrimento? Os objectivos da sua vida estavam defraudados. Perdera alguém que ajudara a criar. Homens movimentavam-se em seu redor. Ela chorava e queria esquecer que as notícias haviam de vir a público. Queria ser capaz de ali em diante viver uma vida silenciosa e independente, sem estudar o que a maioria tem na cabeça. Não queria ser mais um carneiro. Não valia a pena

continuar. Tinha de continuar. Sozinha. Era necessário ter em conta os outros, mas esperava por um dia em que as conversas seriam calmas e não teria medo, medo de viver. De qualquer, modo, há que fechar as janelas, cobrir o rosto com um pano humedecido para que o espírito sossegue, esse espírito que não descansa há anos. Virá qualquer coisa que não houve no passado. Uma capacidade para aceitar o que acontece cada dia. Uma simples mulher, era uma simples mulher. Podia ser também um homem. Um simples homem. Não estava mais deslumbrada com o que podia dizer dela, embora isso contasse para o seu ego. Mas com tudo isto tinha de aprender a desgostar dos outros. A paz não lhe trouxera nada de novo. Mas não queria guerrear, não estava no seu coração tal intento, nem o seu comportamento indiciava qualquer traço de violência. Estava-se preparando para fazer qualquer coisa da sua vida novamente. Não esperava por uma revelação instantânea que mudasse a sua vida radicalmente.

Continuava agarrado a palavras, não esquecia as palavras, as palavras que proferia. O ritual fazia parte da sua vida. E a escrita poderia ser um desses rituais se estivesse conectado com alguém. Como a eucaristia para os sacerdotes. A memória atraíu-o até ao dia em que resolveu, no mesmo dia, mudar de casa, deixar o trabalho, mudar de companhia. O seu destino como ser individual estava em causa. Sabia tudo estar dependente da sua cabeça e tentava concentrar-se nisso. Era tempo de procurar outras vidas, o outro (ouro) que desejava há tanto tempo. Não iria desistir de viver só porque o mundo não é perfeito. Só porque achava que o mundo não é linear. O mundo, essa palavra parecida com vida, que usamos resumindo muita coisa, estava em mudança e embora a sua vida fosse previsível, havia de se acreditar na mudança que o mundo opera diante dos olhos. Quando se registasse outro acontecimento importante na sua volta, voltaria para casa, voltaria a fumar um cigarro. O menino estava nos seus braços

e ela chorava de injustiça. Chorava como há muito tempo não fazia. Era o mundo que estava em causa. O seu mundo, tudo o que a influenciava e com que construía a sua visão do mundo.

Dentro da cidade habitavam espíritos, errantes, que não tinham consciência do seu lugar no mundo. Em casa, havia alguma paz, havia música exclusiva numa casete. Continuavam os habitantes a fumar cigarros, mal viravam as costas à psicoterapia. Eram poucos os habitantes da cidade que Manuel Ventura concebia. A maior parte tinha uma rotina diária; não lhes conhecia história pessoal. Mas toda a gente tem uma história pessoal. Nem todos têm consciência disso. Na casa faltava sabão e papel higiénico. Aquele espaço estava gasto mas não havia alternativa, havia que continuar a habitar aquela casa. Sair todos os dias, ver pessoas. O que teriam essas pessoas no seu interior? Era pesado o correr dos dias, como podiam as pessoas aguentar o quotidiano? Tudo fazia

parte de uma caminhada. Numa livraria alternativa, folheu um volume em francês sobre o cérebro. Procurou “obsessions et compulsions” e lá dizia que se tratava de uma doença, que assombrava 5% da população mundial. Já podia justificar os seus dias. Isso não o impedia que voltasse a ver a cidade todos os dias com novos olhos, novas esperanças, procurar lugares onde se sentisse bem. O que aconteceria se os espíritos se soltassem e voassem errantes pelas ruas da cidade? Esperava por esse dia, em que o corpo não encarcerasse mais a alma. Esperava, não o desejava, esperava porque vivia dentro desses dias. Não desejava a morte. Mas tinha de travar uma luta constante para não ir morrendo. A psicóloga interessava-se pela morte e pelo “morrer”. Talvez em breve marcasse consulta. Era preferível do que ver o médico quando sabia que os sintomas estavam estacionários. Eu sabia o que era. Precisava de evoluir, ter perspectivas de uma cura. E todos os que tinha conhecido

enquanto estudante haviam desaparecido da sua vista. Era obrigado a viver numa cidade que não o fascinava. Resistir, aguentar, procurar novas vias para o espírito, essa seria a sua tarefa. Andar entre Riachos e Lisboa, transportado pelo comboio. Acreditava que um dia podia voltar a ser jovem. Tratava-se de uma questão de espírito, mas também uma questão de coração, de manter o coração adormecido. Pode dizer-se que tinha de viver uma vida e procurava lentamente começar a viver outra, a ter uma visão diferente dos outros, a classificar e seleccionar as pessoas sem contudo as discriminar. Tinha a certeza que a sua aura era ainda pequena e pouco positiva, mas estava lá qualquer coisa como ouro. Estava lá uma semente que era a garantia de que, de uma maneira ou de outra, Ventura sobreviveria.

Dantes não costumava ser assim. Ela forçava a entrada e conseguia chegar entrar. Nesses dias, a maçaneta nem sequer rodava. Havia um hiato na sua memória. Mas a memória

pouco interessava no caminho que tinha de percorrer, nas alas que tinha de perfazer. A sua cabeça continuava vacilante. A surpresa da chegada a um mundo novo mas sempre conhecido, trouxera-lhe alguma alegria ao rosto. Contudo, os dias passaram e tinha de saber conviver com os altos e baixos dos dias. Muitas disposições de espírito tinha durante o dia. A música ajudava. O *drum'base* por vezes ajudava. Um dia, um momento, poderia olhar despreocupadamente sem que tivesse a pulsão de lá regressar. Tinha a pouco e pouco consciência de que todos os momentos eram importantes e de que afinal estava vivendo a vida. Era verão e a mente era uma pequena diferença na vida das pessoas. Tinha chegado a compreender o que estava perdendo. Por isso não iria deixar-se ir abaixo novamente, mesmo que tivesse um hiato na mente. Ela era um ser imaginado, com muitas palavras, sem cessar, dia após dia, em que se renovavam as esperanças de ter, numa palavra, uma melhor qualidade de vida. Em breve teria que ir ao médico

e alguma coisa teria de lhe dizer. Como em casa dos pais tudo era difícil, principalmente o diálogo. Há anos que andava nisto, como se estivesse a escrever um grande romance. Há anos que não saía disto. A diversidade do mundo não lhe dava importância. Elsa era livre, ele não a conhecera mas sabia que ela tinha-se suicidado quando frequentava o curso de literatura. Ficara com essa suicida na cabeça, as suas relações sociais eram diminutas. Mas que importa. Numa grande cidade é assim. Um dia destas haveria de ver a limpidez das águas escorregando sobre as mãos e molharia o rosto como alguém cansado de trabalhar no campo. Talvez um dia destes se encontra-se noutra ponta da cidade, fugindo às pessoas que tinha na cabeça, fingindo-se ser livre. Os seus registos escritos eram diferentes de todo o resto. Ele estava numa posição difícil e achava a literatura uma chatice, que não se dava importância ao que importava.

Tende-se a dizer que a nossa infância foi difícil e com isso afligimos os jovens de hoje. Tende-se, por outro lado, a dizer que a infância foi feliz e que todas as crianças são felizes, que não têm personalidade formada e que por isso não merecem tanta atenção os casos de delinquência. A vida tem momentos bons e momentos menos bons. Que podia Bunel dizer da vida? O que é que a vida lhe teria oferecido senão dificuldades e uma doença que teimosamente se instalava na mente. Contudo, Elsa era diferente. Os pormenores não importavam. Passava pela vida como uma gazela, olhava só ao mais importante. Não conhecia doenças, conhecia obstáculos que ultrapassava como um bom cavalo nos concursos de hipismo. Era fácil para ela criar amizades e a sua vida não tinha parado num determinado ponto em que se vira confusa para poder recomeçar. Mas mesmo para ela, dantes não costumava ser assim. Em criança desejava ser adulta, agora desejava ser criança. Não podemos ter tudo. Ela tinha uma continuidade.

Começava e as coisas tinham um meio e um fim. Não vivia com medo da realidade, da puta da realidade.. Não se escondia quando vinham visitas para os seus pais. No entanto, vivia entre seres humanos e não deuses. Contudo, um dia atravessou mal uma passadeira e teve pior sorte que Bunel, esse que continuava inerte mas vivo.

Uma pequena concha misturava-se com a areia sobre a qual estava deitado. Bunel conseguia imaginar outros mundos. Em breve teria de ser obrigado a mudar. Ir para outra cidade, ter uma outra atitude. Sabia que era livre, mas a mente aprisionava-o a dois locais. O coração, pequenos demais, não tinha apelos. Não aguentava mais sofrimento. Tinha de mudar, equacionar novas formas de viver. Os sinais da mudança poderiam estar perto. Era necessário estar atento, tentar sempre mais e ir a novos lugares, quebrar a relação Riachos-Lisboa-de-comboio. A questão não era insistir ou desistir, seria

talvez persistir. Ela, a deusa, era um ser imaginado com base em acontecimento verídicos. Podia ser a sua irmã ou a mulher por quem sempre esperara e desesperara. Andou todo um tempo tentando pintar um quadro enorme que mostre a vida, a transcendência de ser, mesmo o que está para além da vida. Sim, por vezes ela fazia-o sentir-se assim, como se não fizesse parte de nenhuma pessoa. E estou aqui, resistindo às armadilhas da mente, como um guerreiro. Sim, algum mérito devo ter ao fim de tanto tempo. Não enlouqueceu porque não conhece verdadeiramente as pessoas. Tornou-se num ser estranho, esquisito, que se esquia das pessoas, que diz que não precisa das pessoas, que quer viver sozinho um destino de cadáver já em decomposição.

Naquele tempo Bunel dormia muitas horas e quando estava acordado as intenções eram fugazes. Podia facilmente dizer que era falta de motivação, mas o certo é que continuava lerdo e prisioneiro nos movimentos. Será que tinha de mudar de

casa? Queria continuar os estudos, queria trabalhar, mas nem uma nem outra coisa via que poderia fazer. Restava-me viver um dia de cada vez, fazendo o máximo possível. Tinha uma viagem agendada para dali a algum tempo e podia ser que melhorasse, que nascesse esperança. Tinha de continuar a alimentar essa pepita encontrada em tanto anos de escavações mentais. Há cerca de dois anos que não fazia nada porque simplesmente tinha falhado anteriormente nas coisas que tinha tentando fazer. Por isso, o que estava fazendo agora era “alguma coisa”. Continuava a tentar, tinha de continuar. Podia ficar condenado o resto da vida por nunca procurar trabalhar. O certo é que uma convicção o acompanhava, um peso no corpo como se quisesse justificar toda a sua existência à custa da existência dos outros. Era ainda aquele dia de verão. Saiu de casa para tomar o café com um amigo. A televisão passava o mesmo assunto: concursos, o rescaldo de uma derrota no futebol. E eu que até jogava bem

futebol aprendi a não ser fanático. Aprendi a não gostar de outras coisas que a maior parte da sociedade gostava. Seria preciso fazer uma investigação que não era até preciso ser apurada, para conhecer quem tivesse gostos diferentes. Há seis anos, há seis anos na mesma casa, na mesma cidade. Aguentar era difícil e ele até se julgava herói de alguma coisa. Quanto a Elsa, era diferente. Não tinha nada de obsessivo, libertara-se das coisas e dos pensamentos como uma ave grácil e majestosa. Tinha-lhe inveja. Desejava conhecê-la de verdade. Contudo, para onde ele foi não era para já possível ir. Não tinha ainda chegado a hora de Manuel Ventura.

OUTROS PRONOMES

Restava pouco tempo para descer as escadas em direcção a um mundo que conhecia desde há vários anos. As suas noções haviam sido emendadas e com alguma paciência poderia voltar a Espanha ou a Itália. Encontrava-se Manuel Ventura nesse estado. A vida poderia parecer fácil, mas os seus neurónios apontavam para uma onda de preocupação. Não devia ser assim e não seria assim, ele tinha a certeza, os anjos haviam-no avisado. O seu velho amigo tímido adormecia e o seu amigo canino já dormia sobre o lugar que Manuel Ventura ocupava nos sonhos. Não adiantava pensar nas coisas que não tinha, não adiantava pensar em ser tudo e acabar por não ser nada. O que o marcou foi de facto uma experiência religiosa e um curso, um curso que acabara a custo, às custas de si próprio. Os trabalhos de grupo resolvera fazê-los sozinho lá para o final, para os lados da Bobadela. A

sua mente não estava sempre activa e certamente que queimava neurónios com embrulhos de nicotina. O que estaria fazendo a sua colega que fora para Brooklin e o seu colega que estava em Congóis? O que seria feito daqueles a quem pedira o telefone durante cerca de dez anos? Que se dane, pouco importa!

Preparou a ocasião com particular incidência. A sua vida interrompida poderia ser reatada com a ocasião, uma ocasião especial. Pensara já num jantar de antigos alunos da Escola Secundária de Riachos. No entanto, não anotava tudo o que era necessário para se considerar um homem activo por mais de quatro dias. Precisava. Lutava. Odiava também às vezes. Precisava de odiar para se sentir. Só isso. Odiava quem se esquecia de que ele era um pequeno deus. No entanto, tinha de dizer certas coisas. Detestava a falta de educação, era um conservador, mas gostava da criatividade e de quem usava boné durante uma aula. Deus permitia e o Diabo acenava com

uma orelha. Naqueles dias, numa cidade, haveria muitos mais como ele, pensando todo o tempo o que fazer com o tempo. O tempo que jaz a espera que o venham velar. Não fazia nada de novo com as suas actividades. Um dia veria como tudo poderia ser evidente. A sua companheira era determinada e divertida. Fazia-o rir. Estranho como os papéis sociais se podem por vezes inverter. Mas não é isso que esperam as mulheres mais dignas e modernas. Não via o seu passado como uma nódoa que ela tinha de apagar. Debaixo de uma árvore, um cão estendia o dorso e rolava-se no chão, enquanto Manuel Ventura estava sentado num banco de jardim próximo. O cão veio ter com ele e Manuel Ventura ofereceu-lhe um saco de ossos que lhe dera um pedinte que vasculhara nos caixotes do lixo. Era tarde quando apareceu o seu amigo GNR. O trabalho ficava para dali a dias. Com os progressos actuais, tudo ou quase tudo dependia desse polícia à paisana que aparecia em nevoeiro como um Dom Sebastião. Era de

esquecer tudo o que o preocupava, dizia-lhe ele. E que era feito da jovem que me metera a cabeça em água e que aparecera na televisão com a nudez pouco recatada e que em termos de input fazia algum sentido. Registou-se naquela noite uma contusão estranhíssima, um acumulado como quando vamos para dormir e cerramos os olhos, vendo a mente plena de obstáculos. Não se via claro naquela altura, como disse a canção do slogan no café. Era um domínio a explorar, a esventrar, a reconstituir como uma plástica, essa acepção de que a sexualidade e os psicanalistas cruzam. Mas para falar a verdade, o cão ainda estava perto dele, agora num dos cafés do bairro. Bem podia ser o cão de Kafka. Nesse cafés, estavam duas pessoas, noutra estavam outras duas, noutra, no Versailles, mais tantas, conversando. Precisavam as pessoas de conversar, juntando pedaços de vida, tensões interiores, mostrar as entranhas da alma ao homem que distribuía as bicas. Procópio entrara no café de mão estendida

e depois afagou os pelos do cão que roía a perna da mesa de plástico. O cão saiu, não era local próprio para caninos. Kafka esperava-o com a coleira à entrada do Versailles.

Era Inverno. Matias e Fernandes discutiam sobre os preparativos para a festa que tardava em realizar-se. Sónia e Fernanda debatiam problemas relativos aos filhos, que uma dela amamentava com dores. O espírito do pequeno José andava perturbado. Não lhe dava para ser violento, como muitos outros rapazes. O seu sentido de inibição não se aplacava com o convívio com as pequenas Sandra e Lili. Um dia uma adivinha disse a Fernanda que José era patético, era a negação do que é ser humano.

-José, deixa a televisão. Não fiques até tarde, olha que o pai tem que trabalhar cedo. Achas que é justo?

-Vou já, mãe, deixa-me acabar de ver este filme.

O pequeno cresceu com a televisão debaixo de olho. E nutria pelo aparelho um misto de amor-ódio que se anulava com a extrema dependência. Na escola brincava com todos os outros, mas fartava-se com demasiada facilidade. Os psicólogos da escola não conseguiam determinar qual o tipo de vocação que o jovem iria seguir. Teria de ser ele a escolher. Estavam todos preparados para a festa, mas o artista principal estava em decadência naquele Inverno. Poucos sabiam disso, começando por aqueles que o conheciam de perto. Estavam talvez demasiado perto. Havia uma brecha por onde fugir, mesmo em desprezo da integridade do corpo. José via com atenção o espectáculo que num fim-de-semana assentara arrais na busca de olhares atentos. O seu pai tinha os braços pousados nos ombros e pensou que “nunca mais isto irá acabar”. Havia uma contradição especial em continuar a alimentar esperanças desconexas. Como se procurassem no céu do seu horizonte uma constelação que atraísse a atenção.

Fernandes era um típico português. Apreciava a tourada. Devorava os acontecimentos desportivos. O seu clube do coração era o Belenenses porque o vira ser campeão. Era a última vez que se encontrava naquela festa e havia de tirar alguma verdade verdadeira para si, sabia que tinha no fundo de si reservas para mostrar, se é que seria preciso mostrar, que sabia pegar num touro pelos cornos e amansar a sua fúria vinda directamente da natureza. Quanto aos que olhavam, haviam sido habituados a olhar e um dia alguém já falara na luta entre a natureza e a cultura, de como o homem tem de se exceder para que seja entendido pela plebe.

Matias era sportinguista. Um clube com uma dimensão em termos de simpatia popular distinto de outros, mas que naquele ano estava sucedendo a um domínio avassalador do FêCêPê. Em Espanha tudo era distinto. Digo isto porque as duas mães estavam sendo informadas que, por carta, chegaria um convite para visitar familiares perdidos nas planícies da

Andaluzia. E o revisor do comboio em que viajavam era simpático mas não parava de tirar notas, um tique que enervava deveras Patrícia, a filha adolescente do casal Matias e Sandra. Eram estas implicações que tinham de enfrentar numa viagem de comboio atravessando a fronteira para encontrar um mundo totalmente novo em Espanha, quiçá mais fechado, mas encantador e barroco ao seu jeito. Mas a viagem não se realizou. Na verdade, Patrícia contara o sonho ao pai e ele deteve-se em pensamentos incapacitantes.

As fraquezas do pequeno José situavam-se num plano que transcendia os seus pais. Talvez estivesse na sua mira mudar o destino e prever o futuro. Não tinha fantasmas em especial e tinha os sonhos que toda a gente tem. Mas era curioso que quanto mais atenção se lhe dava, mais aumentava o seu problema. Se tivesse nascido cego, talvez o menino fosse feliz e conhecesse o tacto. Mas não revelemos mais segredos acerca do mundo kafkiano deste menino perturbado.

Uma canção em vinil dizia que “A minha vingança pessoal/será dizer-te bom dia/numa rua sem pedintes e sem-abrigo/A minha vingança pessoal/ será dar-te estas mãos/que um dia maltrataste/mas que nunca deixaram de ser dóceis”. Patrícia percorria os discos de Fernandes no sótão aquecido por um dia de calor, cujas telhas de cimento o tornavam ainda mais quente. No seu quarto, ele pensava como a vida era esperançosa e ao mesmo tempo cheia de dúvidas em relação ao futuro. Fernandes percorria uma estrada sem iluminação, com os seus faróis sendo dois olhos brilhantes na escuridão.

Matias lutava desesperadamente na escura solidão. A sua vida metia dó. Escrevera cartas ao desbarato a duas, três mulheres tiradas ao acaso da sua memória. Amparou com as mãos um bilhete com poucas palavras. Coisas so passado. As suas preocupações não o deixavam, mas ele persistia acreditando um dia encontrar a mulher da sua vida. Rica, bonita, intelectualmente estimulante, que gostasse de sexo.

Onde se poderia encontrar tal mulher? Onde, na geografia da sua mente? O que havia para descobrir? Iria mandar aquelas cartas? Seria decisivo? Cada vez mais se enfiava em si próprio e tinha dificuldade em comunicar. Tinha de usar o recurso da imaginação... ele tinha o seu quê de louco. Talvez apenas perturbado. Mas...não tivesse ele a consciência de tudo isso! Talvez tivesse melhor sorte.

Era tarde no quarto dela. Patrícia lia um livro de contos. Noutro quarto, noutra casa, Matias escrevia histórias. As histórias permitidas pelo seu quotidiano. Havia uma esperança que um dia poderia contar uma história verdadeira a Patrícia, quando ela já tivesse filtrado toda a ficção. Contudo, Matias sabia que a ficção era importante, para ele mais importante que a realidade. Em Patrícia, as duas mesclavam-se no ardor da sua adolescência. Noutro quarto, Fernandes punha contas à vida e em dia a contabilidade. Depois de ver a transferência bancária da compra a crédito de um microondas, bateu-lhe

alguém na porta. Tiniu a campainha depois. Era Jonas, o sobrinho que vinha frequentemente para utilizar o computador para jogar. Fernandes deixou o jovem e foi até à rua, ouvir um pouco dos sons dos comerciantes e dos ciganos que pontuavam numa feira ali perto. Na rua encontrou Sónia colada a uma montra de vestuário. Não era difícil encontrar alguém conhecido naquela pequena cidade de província. De facto, Riachos tinha apenas 20 mil habitantes. Contudo, as suas infra-estruturas estavam relativamente bem desenvolvidas. Podia dizer-se que havia uma certa qualidade de vida e segurança no emprego. Mesmo assim, Fernandes tinha um emprego a termo certo. Abordou a sua conhecida e forma ao cinema. Passava uma película de Lars Von Trier. Sónia era pouco cinéfila, mas Fernandes abusava do conceito. Todas as segundas-feiras ou todas as semanas ia ao cinema. Afinal, na nossa sociedade moderna não há assim tantos lugares para conhecer e encontrar gente interessante, pensava. Assim

acontecia em Riachos. A cidade ficava próxima da fronteira com Espanha. Depois do cinema resolveram ir tomar um copo lá. Ainda eram dez horas da noite e os bares de Badajoz ficavam afinal de contas bem perto. Não discutiram muito acerca do filme, pois que Sónia censurou a Fernandes o facto de ser um cinéfilo inveterado. Talvez quisesse estabelecer um equilíbrio em função de não ter um trabalho certo e assente. Talvez se refugiasse apenas no cinema como forma de sonhar com mundos que nunca podia viver. Ela era muito terra à terra. A distância entre a vida e o cinema podia ser enorme. Nunca uma vida chegaria para conhecer muita coisa do mundo. No entanto, uma vida teria de chegar para chegar a algumas conclusões. Ele conhecia apenas uma parte da cidade. Tinha viajado por outros lugares, embora a sua mente o obrigasse a ficar retido no trabalho. Por vezes pensava quão extenuante podia estar sem fazer nada, com acontecia nas férias em que

ele e Fernanda discutiam a maior parte do tempo sobre que solução dar ao tempo disponível.

Fernandes ficou naquele dia retido em casa. A não ser a sua mulher, ninguém do mundo suspeitava que ele estava ali retido, contido. Mesmo que soubessem não dariam importância à sua breve hibernação. O que é certo é que não havia nada de interessante para fazer lá fora. Podia de facto imaginar conhecer pessoas interessantes e decerto que elas existiam. Nessa tarde, os seus pensamentos estavam longe, pensava no passado em vez de esquecer o que tinha sido passado e que não importava para o que ele queria fazer. Decidiu telefonar a Patrícia.

-Está, posso falar com a Patrícia?

-Sim, quem fala? -perguntou a avó do outro lado.

-Fala o Fernandes da tipografia.

-Eu vou chamar. Ouviram-se os passos de Patrícia descendo as grandes escadas que conduziam ao hall de entrada.

-Olá Fernandes, então, estás bem?

-Estava aqui pensado com os meus botões. Não queres passar o Sábado comigo? Tenho umas coisas para te contar.

-Sábado? Deixa-me ver...o que tens em mente?

-Ir até à praia, passear um pouco.

-Está bem, passar por aqui para me vir buscar?

-Sim, às três horas.

Uma juventude perdida e uma juventude à procura. Era o que acontecia quando se dava atenção a pormenores. A alma perdia-se em recantos que não podemos chamar recantos da alma. O ser humano desejava sublimar-se, fazer sentido na sua cabeça. Estas duas vidas eram procuradas por um demónio que podia muito bem vir de saias. A sua filosofia era elementar. Era como uma vertigem: perdiam-se nos sentimentos dos sem-abrigo, das prostitutas, das pessoas que não tinham, aos olhos da maioria, uma vida com direcção. E quem quer saber deles? Ainda assim, Fernandes adiava a sua

vida, como se tivesse de cumprir algo que os outros cumpriram a seus olhos. E Patrícia esquivava-se à atenção de Fernandes porque tinha medo e não se queria atirar de cabeça para a realidade. O pequeno José olhava com curiosidade os seus dois pequenos cágados, a dois quarteirões dali. Estas duas personagens podiam fazer parte de um ensaio, como personagens cinzentas. Podiam fazer parte de um inquérito sociológico ou de um estudo antropológico. Não fazia, contudo e que mal vem ao mundo e às suas almas por isso? José era objecto de atenção e, mesmo assim, a sua vida parecia parada na infância. Já nada faziam muito sentido. Para Fernandes, o mundo parecia acabar todos os dias. Estava farto de ver televisão e não habituara os seus filhos a isso. Não é que ele tivesse sido habituado, mas caíu nesse engodo da diversão e do nada fazer por muito tempo. Seria capaz ainda de se revoltar contra um mundo que lhe oferecia tudo mas que na realidade não lhe dava a felicidade, um trabalho certo, uma

satisfação ao fim do dia? A solidão tinha-o feito assim. No entanto, era casado e pai de um filho. O que lhe faltava? Não sabia se iria seguir ainda as pisadas do seu pai. Preocupava-se ainda com isso. Talvez por não ter com quem conversar. Talvez por ter sentenciado a sua vida ao julgar-se vítima. Tinha um filho e dele havia de cuidar. Era uma delicada flor que era preciso conservar a uma distância relativa. Entretanto, os dias para si eram contidos de pensamentos infinitos. Não era fácil ser pai desempregado de um filho. Mas o que fazia na realidade Fernandes? Pouco se sabe da sua vida. Patrícia era uma das poucas pessoas que conheciam um pouco do seu passado. Nenhum jornal jamais publicaria coisa alguma a seu respeito. Nem um crime que cometesse. Estava demasiado enfronhado em si próprio para se tornar visível. Por mais que façamos, por vezes não chega para o mundo nos ver. E o que é o mundo?

LISBOA

A casa parecia perdida no meio da floresta. Os canais de comunicação eram a velha estrada de macadame e a rádio. Na sala principal, o velho Simas contorcia-se na cadeira, atiçando o lume com cavacas finas.

-Que raio! Na minha primeira vida fui um escritor bem sucedido, escrevia tal como a maior parte dos rios correm, fluentemente, tal como os jovens que têm habilidade para novas línguas.

O lume reflectia-se na face. Pequenos estalidos e ecoavam pela sala e o velho sentia o calor nas pernas. O seu rosto segurava-se na palma da mão aberta com o cotovelo apoiado no joelho. Depois de se sentir um pouco adormecido, acordou repentinamente como se uma tarefa importante o chamasse. Levantou-se e encaminhou-se até à cozinha. Um gato preto comia os restos do jantar em cima da mesa. O velho Simas

não o enxotou. Desligou a luz e dali a momentos o gato veio ter com até perto do lume. O velho tinha a mania das repetições. Desta vez imaginava-se a conversar com um vendedor de livros. Regateava os preços, as colecções, os prazos de entrega. Estando ele nesta discussão em que parecia ter mesmo alguém à sua frente, deu com dois gatos fazendo uma incursão no seu espaço pela janela do quarto. Seguiram para a sala de jantar e admirável era o que tinham diante dos olhos: o brilho vinha justamente do meio da sala, de uma mesa que suportava um candeeiro severamente iluminado que descia do tecto até perto de uma mesa totalmente posta. De quem estaria o velho à espera para jantar? De muita gente e ninguém ao mesmo tempo. Tinha saudades da sua família, que seguira um caminho diferente do seu. Ele, isolado entra a floresta, tinha por companhia os animais e seriam os gatos nessa noite a comer na sala preparada. Falava, por isso, sozinho, dizendo mal de todos os

que o foram abandonando no caminho da vida. Para ele, tudo estava em fase terminal. Era fácil dizer, portanto, mal dos políticos, do que surgia na televisão. Por isso tinha o desejo de viver só. Talvez assim estivesse mais perto dos homens.

Um jovem entrou na noite de mãos nos bolsos e cigarro na boca. Era um jovem normal, 25 anos frescos, que chegou junto do balcão do Cá te Quero e pediu um descafeinado. Atrás dele, duas jovens alemãs discutiam sobre as suas viagens. Ele olhou de soslaio e compreendeu que estava completamente perdido no meio daquela gente. A empregada de balcão mais feia pôs-lhe um descafeinado em cima do balcão. O jovem olhou-se ao espelho e viu um homem deficiente. Aos 25 anos, um deficiente que não tinha vida sexual. Estaria ele assim tão desfasado do mundo? Então pôde ler um bilhete que ele lhe deu e que tinha há muito tempo guardado no bolso: "Procuro à noite/ um sinal de ti/ Procuro na noite/ Por quem não esqueci".

O jovem leu aquilo e veio-lhe à memória tudo o que tinha feito na sua vida passada. A sua mente procurara durante muito tempo a serenidade que permite fazer coisas. Mas agora o mundo era diferente. Sabia que era um sobrevivente, mas não o podia dizer a ninguém. A lei da vida era madrasta, a vida tinha-lhe sido muito filha da puta. Mas ele alimentava mesmo assim ideias de um dia sair da solidão em que o seu coração se encontrava. Purgar ideias, destilar ideias, por mais que o façamos, se o fazemos sozinhos, ficamos sozinhos. O mendigo já não tinha medo de estar sozinho, ao ponto em que estava habituado. O jovem fez uma comparação: “Estou aqui com tanta coisa... por que não fazer algo de diferente?”

Duas horas depois estavam sentados no sofá da sala. Não se podia pedir mais honestidade a um jovem. Talvez porque fosse tão puro merecesse a luxúria mais do que os outros. Conversaram sobre animosidades e afinidades. Não ficou uma grande amizade depois daquele convite do jovem. Mesmo

assim, o jovem perguntou-lhe onde é que ele costumava parar para o cumprimentar. Como era pessoa fechada, o mendigo disse-lhe apenas: “Olhe, eu estou aqui bem disposto. Mas sei que me vou cansar a seguir e depois vou pernoitar em muitos sítios. Mas posso dizer-lhe que costumo parar nas arcadas da sede do ministério da Economia”.

-“Tá bem, porte-se bem”.

-“Vá, conto consigo”.

O jovem recolheu-se nessa noite no seu quarto. O amanhã era incerto, pleno de dúvidas, de energia, de boas surpresas que nem sequer suspeitava. Mas isso não importava. Os dias seguintes iriam ser uma repetição de uma odisseia pessoal numa cidade onde ninguém verdadeiramente se conhece, por mais que se cante o fado. Aqueles segredos que só cada um de nós sabe talvez fossem necessários para prosseguir. Mas para o jovem, mais valia não existirem segredos. Havia assimilado o lado negro da cidade, Lisboa não era para ele

maravilhosa como para tanta gente. Quando iria virar a moeda?

DANÇAS COM ESPÍRITOS

O espírito poderia estar lasso, distanciado de preocupações mínimas. Mas havia que superar aspectos menos importantes e seguir em frente naquela noite, Uma sombra surgiu a Dionísio numa paragem de autocarro chegando da luz que iluminava o passeio.

-Boas noites.

-Boa noite. Estou surpreendido por vos encontrar por aqui. Não é o dia o vosso ambiente de trabalho?

-Sim, naturalmente. Mas eu não consigo descansar, de modo que vim dar uma volta pelo parque. É como se tivesse perdido o sono do meu dono. Não consigo estar junto à fogueira com os meus semelhantes. É como se nada valesse a vida do meu original.

-Quem é o teu original?

-Um psicanalista. Acho-o uma pessoa vazia. Não tem vida própria. Nem sequer merecia Ter uma sombra como eu.

-Estranho e curioso quando falas nisso. Não sei o que diria de mim a minha sombra. Por acaso não a conheces?

-Acho que não. As sombras têm um trabalho muito próprio. Reúnem-se à noite em antigos castelos ou junto a regatos para expor as suas observações sobre os donos. Falamos em factos, não em nomes. O que nos interessa é o conteúdo das acções, a motivação, social ou subjectiva.

-Pois eu te digo que não sei mesmo se terei sombra com alguma inteligência. Às tantas não tenho tempo para fazer sombra. Absorvo totalmente a tarefa da minha sombra. Se tiver uma, será uma sombra de um velho arqueado olhando insistentemente para o seu passado, não achando coerência alguma nos seus actos diários.

-Eu tenho falado com outras sombras e encontras-me aqui por acaso. Tens sorte em falar comigo, a estas horas. Mas

gosto do teu aspecto. A tua sombra não deve ser como a pintas. Talvez não seja assim como tu dizes. Pode ser até que a conheça...

-Seria bom dizeres-me o que ela tem a dizer de mim, o que conta nas vossas assembleias à noite.

A PERSISTÊNCIA DO EU

O carro parou junto de uma praia. Saímos. A chuva começava a cair miudinha. Olhava-mos para as raparigas e fazíamos comentários que todo e qualquer homem faz para outro homem sobre mulheres. Eu tinha uma vida complicada, embora não tivesse emprego. Vivia de rendas numa casa comprada pelo meu pai quando (não porque) acabei o meu curso universitário. Pela primeira vez, depois de tanto insistir, estava convencido de que não pertencia a este mundo. Um pouco como Cristo. Isso tornava complicada a relação com as mulheres. Mas eu também não queria uma mulher qualquer. Fomos a banhos. A água estava surpreendentemente boa e eu fiquei por lá, com a água pelas coxas, levando água ao rosto, baixando-me para que a água me cobrisse o corpo em forma de onda.

Os meus pensamentos intrusivos faziam questão de me estragar o dia. Fumava um cigarro quando achava que não

tinham importância e que nada de grave nos iria acontecer. Os acontecimentos visuais não me perturbavam como quando despertei para a adolescência. Aí penso que não tinha consciência dos outros, não os avaliava tanto. Os nossos diálogos limitavam-se a mulheres e ver casas de quem está de bem na vida. Bem demais, para as nossas perspectivas. Tínhamos ideias nesse dia. No entanto, quem sabia o destino que nos esperava? Éramos aldeões ainda, no meio da cidade, porque admirávamos os edifícios e as mulheres. Ainda bem que não éramos lisboetas. Eu, no meu íntimo, pensava que era algo mais que um lisboeta, pensava que tinha apenas de lisboeta o cosmopolitismo. Seja como for. Eram quase seis horas e eu pensava que devia deslocar-me até ao Largo da Feira da Ladra para me encontrar com simpatizantes do Yoga. Vou, não vou, penso eu. Aliás, não tenho dinheiro para ir de autocarro. Vou, não vou. Gastei o dinheiro em telefone para casa. Falei com a minha mãe. Mas, como estava dizendo, o

carro parou junto da praia. O sol não apreciava, nem julgávamos que houvesse mais gente na nossa vida. Vinha de casa. O chá sem açúcar não me soubera bem. Continuava adito ao meu cigarro. O meu computador estava com problemas e não conhecia nenhum técnico de computadores. Afinal, tinha de aderir às novas tecnologias e ao multimédia. Não tinha, até chegar àquela praia, ganho nada por ser um humanista. Não era já um jovem. As minhas capacidades de aprendizagem estavam reduzidas consideravelmente. Contudo, tinha de arranjar forças. É estranho dizê-lo, mas julgava-me uma pessoa jogada à rua, que por sua própria conta e risco tinha de viver dia após dia. Sentia-me como um sem abrigo. Sentia-me melhor do que numa sessão de yoga ou em casa. Sentia-me melhor olhando a praia de gente.

O meu espírito não levantou nesse dia como uma ave que anseia por uma visão panorâmica. Não, estava se

arrastando por lugares próximos e eu sentia-me posto a um canto, onde tinha de desenvolver o meu lugar de poesia. Acordara levado pelo sonho e pelo sonho saíra de casa. O meu espírito bloqueava em certos aspectos. Dormira à tarde, falhando uma oportunidade de ir até à praia. A casa, a maldita casa, era o meu refúgio, desse para o que desse. Estava longe de muita gente. Contudo, entreguei aquele documento para mais tarde, pensando que dali a meses me sentiria muito melhor. Como no casamento da minha irmã, em que tive a coragem de ler as leituras na missa. Tinha de continuar a falar em público. Era essencial para mim ser recordado por alguém. Ela passara perto de mim e estava diferente. Ainda pensei em voltar para trás para lhe lembrar que era eu, aquele que um dia a confortou, que ali estava. Mas não voltei para trás. Mais adiante, na minha deslocação pela cidade, bebi um sumo de laranja e comi um pastel de nata. O café, ou descafeinado, metia-me nojo. Como me metiam os passeios, quer à noite,

quer de dia. Comprei o maço do dia e fumei o primeiro cigarro não sei onde. Voltei a casa, à maldita casa que me tira a liberdade para voar. Pensei na minha mãe, no meu irmão, na minha irmã. No meu pai também, embora não mantivesse com ele uma relação de diálogo. Eu havia de voltar, como filho pródigo, com o coração nas mãos, coração de manteiga. Pensei nos meus sobrinhos, o Guilherme e o Rodrigo, que têm um futuro pela frente no Alentejo. E, porque não, para não variar, pensei livremente em todas as minhas obsessões e no direito de exigir qualidade de vida para mim. Ontem, dois namorados estavam se beijando repetidamente, nervosamente para mim, enquanto esperava pelo bus da Rede da Madrugada. Olhava o chão sujo e encostava-me de quando em vez à parede. Estava ansioso que aquele autocarro me levasse algum lugar. Não imaginava que fosse a minha casa. E foi assim que começou o sonho.

Havia uma paz perto mas por pouco tempo. A alma roía por dentro e essa paz doméstica teria de ser um dado adquirido para Manuel Ventura. Sonhava com viagens as outros lugares, como Madagáscar e Albânia. O primeiro país, porque era um ilha e de pequeno tinha uma ideia idílica do lugar. O segundo, porque pertencia à Europa e fazia sentido, porque pertencia ao programa Eureka como país PIN. E todos se lembravam dos países da Europa e este país, tão esquecido, por Manuel Ventura o mais pobre da Europa, deveria ter algo para contar. Entretanto, no seu pequeno reino, as coisas pareciam funcionar, era um rei sem trono, um rei itinerante, e as regres sociais pareciam estar cada vez mais presentes no seu espírito, pois que não tinha de as contornar e evitar. Eram um dado inevitável e Manuel Ventura oscilava em campos distintos do conhecimento, com saudades dos livros que lera em pequeno. Não estava agarrado a um coisa, as suas perspectivas tinham aumentado e o que o prendia era

aquele canino que lhe desarrumava a casa e roía. Em breve, numa das muitas viagens ao Alentejo, o canino iria ter um outro lar, outros donos. Dizia-me em pequeno que se um cão tem o céu-da-boca negro é que é bom para a caça. A caça fora uma actividade de nobre e hoje estava disseminada com actividade lúdica e até erigida a fenómeno desportivo. O amigo mais chegado, que cursara engenharia informática, espantara-se por Manuel Ventura ter vendido para da sua colecção de vinis. Ele estava pensando em comprar um sistema de som, um gira-discos e era um purista audiófilo que, embora desconhecesse os nomes mais significativos do jazz ou da clássica, sabia distinguir o bom do mau no que respeita a som. Conversavam sobre isso e sobre um descafeinado com pau de canela. Manuel Ventura sabia os nomes e dava-lho amiúde, mas raramente estava atento ao modo de ouvir bem a música e por vezes, a maior parte das vezes, deixava Domingas falar, fitando um ponto no horizonte do espaço em habitavam por

instantes em questão de pretexto para passar o tempo. Pela primeira vez na sua vida, Manuel Ventura não estava agarrado a um posto, nem sequer considerava a velhice como um posto. O dia era grande e desfilavam no seu espírito ideias das mais variadas. Sabia que um dia encontraria uma actividade que o furtasse à tentação carnal que estava controlada por uma timidez e uma nostalgia do nada, um retenção em tons de desilusão. Dizia-lhe um sacerdote que reencontrara depois de muito tempo que “tens um pouco de tua mãe, um pouco de teu pai”, e era bom ter descoberto essa verdade. Não era questão de dupla personalidade. Ele havia sido o filho do meio, um filho talvez inesperado quando o casal de progenitores esperava uma menina depois do primogénito. Era essa a sua interpretação, o padre tinha razão. Em breve voltaria a ver esse seu amigo que viajava entre os Açores, Itália, Alemanha. Depois, os pequenos caminhos que percorria já não tinham um carácter de infinito. É certo que havia lombas no caminho para

abrandar. O seu carro era especial, estava adaptado às suas necessidade. Com ele fazia viagens a lugares portugueses onde ainda tinha esperança de encontrar um Portugal grande nas suas gentes e simpatias. Parava o carro e deparava-se com a natureza intacta num promontório. Quantas pessoas se teriam suicidado naquele lugar? As notícias tinham sido muitas a esse respeito e remontavam ao princípio no século, aos tempos da primeira republica. Corpos que tinham vindo dar à costa milhas adiante e que um anónimo pescador encontrara. Hoje em dia os suicídios eram também o cartão de visita do lugar, o Cabo Espichel, mas o que atraía Manuel Ventura para aquele lugar era um certo ar de sobrenatural que curiosamente não encontrar no convento entre irmãos. Aí, outro tipo de impressões lhe ficaram registadas. Do tipo estar enfrinhado no quarto e ir até ao refeitório lanchar, o jogo da bola aos sábados, a apanha das frutas, as sessões de catequese aos domingos às crianças pobres que viviam perto do Porto. Há

um registo sonoro que ele guarda com zelo de uma visita de seu irmão, fotos de um cenário genuinamente franciscano, onde uma cruz encimava um bosque de árvores e folhas voluptuosas. Às vezes diziam-lhe coisas que não queria ouvir, cada vez menos, uma personagem feminina que se aproximava e que gerava suspensão levava-lhe ao espírito tempo antigos em que era um jovem apto. Não que agora não o fosse, mas o tempo pesava e ele sabia que estava uma fase decisiva em que tinha de escolher o seu caminho futuro. Mas havia alternativas a uma linha-férrea antiga, havia a sua mente, a gestão das flutuações de humor e a dor não tinha um carácter permanente como quando se perde alguém. Por isso valia a pensa continuar a fazer o que sempre fizera, mesmo que não encontrasse contraponto no mundo real. As personagens estavam ali por perto, muitas das vezes ao seu lado, e não havia que ter pudor em relação a CPir as suas actividades. A maior parte delas era lúdica e mesmo assim

Manuel Ventura continuava a acreditar na vida, que a vida seria um desafio, uma aventura e que teria interesse descobrir sentidos e que não só as palavras se multiplicavam até ao infinito. Havia muitas sensações e sobretudo ideias que desconhecia. Isso excitava-o deveras. As faces da cidade, no metro e nos autocarros era cada vez mais diferentes. Todas elas diziam-lhe o que não dizem as palavras. Uma imagem fala por mil palavras e quanto a isto era bem verdade.

A sua mente distorcia-se quando pensava em várias coisas como mulheres, viagens, dinheiro. Diria ele próprio aos amigos que “tenho isto”, “tenho aquilo” e podia desculpar-se com isso. O facto é que a sua situação era frágil e não sonhava com coisas do outro mundo. Contudo, as situações em que se via eram atravessadas por um fundo de uma tristeza inamovível que faziam dele um *zombie* sem interesse. Estava naquela fase da vida, das vidas, em que queria recolher-se na sua casa, ler um determinado estado de coisas e não ver o futuro

como negro. Sim, porque qualquer cor que fosse abaixo do branco era para ele uma cor negativa. Mas não podia ser tudo branco, nem sequer as suas palavras proferidas por uma boca que esperava há muito receber beijos. Nunca dormira com uma mulher e esse seria porventura o seu maior desejo. Não uma mulher qualquer, uma mulher que amasse, mas não estas coisas não se dizem, essa figura que podia nunca mais aparecer não seria uma mulher especial, não adiantava estar a preparar o caminho para ela passar. Mas será que só havia para Manuel Ventura uma maneira de fazer as coisas? Porque é que insistia em não dizer que o mundo era feito de possibilidades? Porque é que não lutava pelos seus sonhos. Talvez, simplesmente, porque lhe faltasse um pouco de coração, de emoção, talvez porque as racionalizações eram tantas que o tornavam um ser pouco produtivo, em conflito apenas consigo, pouco atento ao mundo em redor afinal. Entretanto, não saíria do lugar onde estava, onde permanecia

todos os dias e imaginava palavras. Não tão cedo. Agora que tinha o touro na mira iria agarrá-lo com todas as suas forças. Ninguém podia ajudá-lo naquilo que ele próprio tinha de fazer. Ser pai um dia. Um outro sonho que não adiantava forçar. A descrição deste homem levaria anos, os anos que ele viveria e para isso não está aqui esta voz. Contudo, das palavras nascem palavras, como sementes que lançamos à terra e a terra que misturamos com o arado. Sobrevivia ainda, através dos seus pensamentos, atormentado por espadas que lhe feriam a mente todas as horas. Sobrevivia e de que lhe valia a pena dizer que a sua aventura era única e ainda seus olhos brilhavam para propósitos válidos para si como pessoa e úteis para a sociedade? Já não era o homem das viagens que volta com uma história comovente ou significativa para contar. Era um homem da cidade que tomava a palavra em vez de tomar o lugar. Vivia da palavra. A palavra ouvida, a palavra lida, a palavra viva. Contudo, algumas notas de música e uma

melodia simples acompanhava-o neste caminho que esta voz irá descrevendo. Podia vir um mundo de críticas contra ele, que ele não se importaria. Num gesto, um dia, a sua pequena vingança seria alcançada. Não seria uma vingança à moda antiga, uma vingança no sentido restrito do termo. Seria uma vingança contra uma parte dele próprio que lhe trazia pensamentos inconvenientes e lhe impedia de ter um trabalho, de ter relações sociais. Suportar esta dor era pior do que morrer, pior do que não existir. Contudo, a luz continuava acesa à sua espera, para ler um livro, para estar na sala, sentado, para ir ao trabalho. Não se podia considerar um doente crónico, nem sequer uma pessoa normal. Aquele personagem, irmão gémeo de Manuel Ventura, recapitulava diante dos seus ouvidos os pretextos por que haveria de viver uma vida sem neuroses. Tinha condições para isso, contudo, não o fazia, por mais que se esforçasse. Talvez os seus genes fossem fracos. Talvez simplesmente pudesse mandar tudo à

merda e mais quem queria que ele participasse da carneirada geral que era ter opinião sobre o que preocupa a maioria dos portugueses. “Não, não conheço portugueses que se preocupem” pensava uma noite depois de ter estado com uma amiga. Estava longe de uma paz que estava perto, todos os dias, contudo não lhe chegava com os braços para agarrá-la, aprisioná-la, domesticá-la. Os dias acumulavam-se na sua mente e se falasse tudo o que lhe ia na mente iria provar a sua pobreza de espírito. Tinha, por isso, receio de ser mal interpretado. Era este ser conflituoso como Kafka, moralista como Pascal, religioso como Kierkegaard, mas contudo tão distinto e tão distante deles que se acumulava como o pó dos livros nas bibliotecas. Era um livro esquecido, que continuava a conter palavras secretas, rumações que a ninguém interessavam. Um dia a glória viria, muito para além da morte, quando se suicidasse e descesse à terra para servir de alimento aos bichos que por ele esperavam. Estava Manuel

Ventura farto de recomeçar, farto de pensar nas mesmas coisa, de esperar e sonhar que o mundo podia ser um lugar ideal para viver e que ainda ia a tempo, todos os dias, cada novo dia ainda ia a tempo. Era pesado, como um corpo morto. Contudo, quando caísse outra vez no chão, outra vez se levantaria. Um dia talvez voltasse à Grécia para chegar acompanhado à beira domar e contemplar do outro lado do mar a costa turca. Talvez fosse até à Albânia, país que se auto excluía da Europa por decénios e do qual ninguém se lembrava. Contudo, sozinho não podia fazer tudo. Por isso neste romance há mais personagens. Para obedecer afinal aos critérios instituídos. Estava a desperdiçar a vida por fumar, queimando dinheiro ao desbarato. Continuaría a andar no metro, vendo rostos circunstantes, bebendo um ou outro café, comendo dois bolos acompanhados por um galão a duzentos escudos o que diga-se naquela época era extraordinário. Cortara o cabelo e agora parecia mais jovem. Mas em breve

iria mudar para melhor, uns óculos pós-modernos iriam ser postos sobre o seu nariz e sairia de casa com vontade de conhecer alguém verdadeiramente. Esqueçam o verdadeiramente. Iria conhecer alguém, saltando sobre os obstáculos, com o rosto sempre virado para a frente, para alguém que sorrisse no fim do noite. Era um risco ter de perder o que mais precisava e não se dava conta, no entanto parecia estar atônito, queria estar atônito, ter emoções, em vez de racionalizações, vivia numa situação urgente todos os dias e não sabia como contar aos outros. Descia e subia escadas todo o dia, no seu trabalho, juntando papéis, enviando faxes, resolvendo assuntos que diziam respeito aos outros para ter no final do mês algum momento de descanso de guerreiro. As suas preocupações eram indizíveis e a pouco e pouco o seu corpo envelhecia. Envolto na teia burocrática, estava longe de fazer o que sempre sonhara. No entanto, ainda esperava algum recolhimento da sua casa, afinal era a sua casa e fosse

o que fosse acontecer, poderei permanecer a sendo a sal casa. Não tinha varandas nem vistas de deslumbrar, mas ele tratava da sua casa como se trata das flores de um jardim. Pensava, pensava, reservava um dia para a pôr bonita e acolhedora, mas pouca a gente a visitava. Mudar para quê se um pouco de mediocridade até é salutar. Apesar disso, Manuel Ventura continuava atento, e nos próximos dias as histórias haveriam de chegar. Os dias nunca são iguais. Talvez houvesse algo de interessante nisso. Depois, uma vez mais, sonhos que não se contam a quem se deve, porquanto se espera de um personagem que nos faça sonhar. Todas as ideias são importantes e se o narrador se convencesse disto este romance não teria fim. Há que ver em Manuel Ventura, personagem central deste ensaio, o que de mais importa, o que mais motiva. Poucos amigos e muitas letras, inventando no dia uma razão de viver, como um músico. Seria Manuel Ventura um artista? Seria um especulativo que jamais se daria

com as mulheres? Quisera agarrar os momentos e estava longe de quem conhecera razoavelmente ao ponto de dar um filho. Ela, sim, ela tinha agora um filho...ah! Como seria ter um filho? Como seria antes de mais, ser feliz necessitando de apoio no diálogo, estar presente alguém em todos os nossos momentos. Algo que nunca tivera era o que Manuel Ventura reivindicava da sua companheira. No entanto, o seu percurso de vida negara tudo o que ele queria. Mas não se podia torturar mais em procura de respostas. Elas poderiam surgir se continuasse atento, fazendo ligações, hiper ligações. Afinal, depois de amanhã era o dia do exame de inglês e ele tinha de estar preparado, preparado para tudo. Não, Manuel Ventura não lia fazia muito tempo. Um livro de quando em vez. Os acontecimentos da sua vida resumiam-se a poucos actos, a poucas pessoas. Vivia como se tivesse mergulhado num lago chamado "poucos mas bons amigos". Não podia ter nada em definitivo, nem podia esperar por um clique, havia de encontrar

as ligações do seu passado com o presente. Antes do teste tinha ainda um fim de semana para passar em Espanha. Não, ninguém há-de ler isto um dia, por isso posso falar à vontade, ele disse que eu podia falar e eu gritava à minha mãe que finalmente podia falar e na escola não me davam atenção, desde cedo que não me falavam de questões profundas, quando eu sabia que as tinha de descobrir conforme o crescimento das glândulas, desenvolvimento do corpo. A mente era o que lhe interessava. Não, não tinha medo do mundo, não era um covarde como muitos que podia nomear mas não faz porque é um humanista. “Um Homem bom é um Homem morto”. Nesse dia comprou o livro que o haveria de fazer reviver os tempos, de voltar à escola, ao seminário onde se discutia a vida em quadrantes congelados, naquela capela, no genuflexório onde pousava os joelhos e os cotovelos e falava com Jesus. Levo-o para Espanha e alguém o leu entrementes e lhe deu uma opinião. Trouxe livros em

castelhano sobre temas vários, entre os quais sexologia e psicologia. Mas também geografia. E era hora de regressar a Portugal, ao teste.

Estava quebrado, mas recompôr-se-ia com alegria no rosto. Falta de diálogo, falta e ausência do que não podia ter pela força. Estava longe de saber alguma coisa. Dava-se conta de que os anos que tinham passado haviam sido uma aprendizagem de algo e que teria de recomeçar todos os dias, todos os dias eram uma visão do mundo. Na rede ninguém dava conta dele. Passava disfarçado de pessoa comum. Era uma pessoa comum. No dia seguinte partiu para uma grande viagem a um mundo desconhecido, a Albânia. Um país pobre, onde tradicionalmente havia mais homens do que mulheres. Um país esquecido dos Balcãs. Não, os albaneses do Kosovo não haviam sido esquecidos. Era uma situação parecido à dos curdos. Já no aeroporto, lia um livro para passar o tempo depois do *check-in*. O seu destino era Atenas, só então viajaria

para Tirana. É certo que iria sair da sua casa, da sua adorável casa e Vlad estava aguardando por ele no aeroporto. Era um tipo franzino, de face oval e olhos endiabrados. Falava uma língua estranha e seria de hoje em diante o seu cicerone, não que Manuel Ventura fosse necessariamente uma visita estranha. Procurava obter por lá o que não conseguira em Portugal. Uma perspectiva diferente da vida. E porque é que se havia lembrado da Albânia, logo da Albânia. Por que não a Suécia ou a Dinamarca? Porque não a Itália ou a Grécia, a Espanha ou a França? Simplesmente porque tinha consciência de que a história estava mais ou menos feita nesses países e tudo o resto era um *fait-divers*. Naquele antigo bastião comunista, tudo estava ainda por fazer e aquela gente precisava do olhar dos estrangeiros que um ditador negara por tanto tempo. A estátua de Enver Hoxha estava lá, predominante na praça principal de Tirana, ainda, não eliminada nem beliscada por nenhuma revolução. Gegos e

toscas não se haviam ainda unido contra esse terrível homem, um esboço de pessoa que, muito pior que Hitler, Salazar ou Estaline, castrara os desejos de um país crescer

No seu pequeno mundo, Manuel Ventura, perdera o contacto com o exterior e agora pensava em refugiar-se em si próprio, ficar em casa. O suicídio era uma hipótese, embora nunca admitira falar nela em aberto. Os sonhos, os seus sonhos apenas passavam disso. Havia uma grande distância entre o que sonhava e o que poderia fazer. Todo o santo dia era uma luta para se procurar sentir bem. Ninguém compreendia como tinha ele razões para não ser bem sucedido. Do modo como estava fazendo (ou não fazendo nada sequer) não iria conseguir nada. Mas o que se espera conseguir quando já se perdeu a esperança e a força escasseia? Porque é que tinha de ser assim? Os seus colegas, os seus amigos, em breve ficaria sozinho mais uma

vez. Não suportava. Não reagia. E porque não viver com o que tinha, em vez de sonhar com mundos impossíveis onde ele era o centro das atenções, o artista principal?

Os mecanismos da sua memória retinham o seu corpo num espaço que não compreendia nem abraçava, embora não tivesse outro poiso. Por causa da merda de uma doença tinha ficado desempregado e ninguém já ouvia a não ser a irmã com quem discutira imenso durante dias naquela casa, à procura de um pretexto para o seu comportamento. Já não tinha um padrão de comportamento, mas sim um padrão de pensamento. O seu corpo, é certo desejava estar em paragens contínuas, mas desde pequeno que se habituara a contar os seus desejos. O seu pai representara algum papel neste aspecto. A sua mãe também. Manuel Ventura pensava como é que o isolamento podia ser tão mortal. Depois de uma tarde terrível em que tinha feito o esboço de um quadro, ficara retido

na cama não querendo saber que o mundo existia. Afinal esse direito ainda tinha, ainda tinha o direito de se recusar a viver um mundo de ligações, violento, um mundo de confrontações contínuas onde parecia já não haver valores. Depois, dizia adeus ao sexo e ao desejo aos poucos. Continuava a fumar e ultimamente pensara várias vezes em deixar. Se deixasse, o que aconteceria? Não conseguia imaginar, portanto não iria deixar. Era como uma prova de força que fazia com o seu pai continuamente na sua cabeça. Mas vamos lá tentar compreender: se de facto ele não tivesse pensamento, não pensaria em nada e não estaria entregue a si próprio. O facto de ter pensamento era indício de que, por um lado, algo estava certo, mas pelo outro, estava desfocado, enredado em tramas subjectivas que não tinham fim. E isso tirava-lhe a força para cumprir uma geografia que construía paralelamente. Não se podia voltar atrás, um dia haveriam as coisas de serem diferentes, iguais na sua composição, simples, mas diferentes.

E em Lisboa uma manhã nova, uma aurora poderia ter outro brilho, outro sujeito, um Manuel Ventura renovado, plenos de relações pessoais e familiares. Aproximava-se o Natal, mais um Natal e ele já não sabia se haveria de gritar de dor ou se já era tarde e deveria conter-se e viver egoisticamente a sua vida. Havia muito mais coisas a aprender e quanto mais aprendia, mais tinha a ideia de que estava se distanciando do mundo. É certo que se aproximava de um padrão psicológico próprio dos escritores sofredores. Mas não podia ceder, não podia continuar a insistir em coisas que não interessavam para o contexto e ele queria realizar uma família, ter filhos, mas longe, longe de si estavam essas perspectivas. O seu horizonte era vago, incerto. Seja como for, precisava urgentemente de conhecer outros horizontes, outras vidas. Os seus bloqueios, depois estava já farto de médicos e médico quer fazer carreira, antropólogo quer fazer carreira, poeta e romancista também. E porque se excluía destas categorias?

Tinha assim tanta certeza da sua obra? Sim, Manuel Ventura também escrevia. A mente descontrola-se por vezes, por isso Manuel Ventura precisava de tomar notas acerca do seu destino. Talvez um dia também os outros poderiam fazer ligações ao mundo com as suas palavras, como ele fazia com as palavras dos livros que lia urgentemente. Deus não existia já na sua vida, sabia-o porque o chamara várias vezes. Talvez o seu problema se resumisse a uma falta de fé. Simplesmente. Contudo, era ainda forte, um fura vidas dos pensamentos. Era hipersensível e conhecia-se bem. O que iria acontecer no dia seguinte? Continuar a inventar desculpas para não se comprometer com o mundo, para não se assumir? Faltava uma peça qualquer no seu jogo, na sua demonstração de vida. Um dia poderia vir à tona respirar, embora gostasse imenso de nadar debaixo de água.

Não adianta fazer a figura do ceguinho para esta personagem. Manuel Ventura tinha inteligência suficiente para

perceber o que era o mal, o que era o bem, mas suspeitava que em breve as coisas não iriam ser tão maniqueístas. Tinha de manter a esperança, apesar das forças negativas na sua alma serem imensas. Tinha de lutar contra essas forças, com toda a sua força. Um dia vingaria, um dia estaria de espírito sossegado, deixando o cigarro, deixando de andar de um lado para o outro da sala como um prisioneiro. As notícias do cenário haviam-se modificado. A fé era outra coisa, fé nas palavras ditas e escritas, mais nas palavras escritas, porque as ditas não têm fundamentação científica. E Manuel Ventura não procurava legitimar-se dentro de nenhum grupos de cientistas sociais ou investigadores. Um dia talvez fizesse questão de falar com as pessoas, um dia talvez as pessoas falassem com ele de outro modo. Contudo, não esperava milagres. Mas um milagre era preciso para reavivar a chama de viver a este velho jovem, corcovado com os anos em frente ao computador. Elas estavam sentadas num bar, eram seis. Eles

os dois chegaram e aperceberam-se de que havia uma hipótese de sexo. Depois, punha-se a pensar no filho que queria ter um dia e quanto mais pensava mais distante essa ideia estava do seu horizonte. Isto tudo falando sem fundamentação científica. Claro, ele era um ser humano, mas não economicamente viável. Não podia ser professor, não podia fazer investigação, não podia estar exposto. Então o que poderia ele fazer afinal? Talvez ele não tivesse mais obrigação do que os outros de ser ouvido. Agora mais do que nunca. É claro que não tinha resposta para tudo, nem tinha de ser como os outros eram ou pareciam ser. O seu trabalho estava por um fio e porque ainda esperava fazer alguma coisa na área da ciência. É certo que muita coisa lhe escapava pois era como era, mas havia uma faceta que não o preocupava, que era o facto de se por sempre em causa. Gostaria de contactar pessoas com situações semelhantes à sua e decerto que de duas uma podiam ser muitas ou podiam ser poucas. Das duas

uma. Ou as duas. Afinal, Manuel Ventura se conseguiu livrar do demónio da ciência e começou a criar uma prosa original, autenticamente sua, um pouco como fazia antes de fazer 18 anos.

De repente, deu-me vontade de dizer mal de toda a gente. Principalmente de toda a gente que via na televisão. Parece que é preciso fazer televisão, fazer teatro, fazer filmes, para mostrarmos que existimos. O problema está em que não basta fazer parte que existimos, temos de mostrar aos outros isso do que somos feitos e partilhar emoções. Estava sentado no meu carro, com as pernas para fora, apoiadas no chão, com a porta aberta. O meu espaço havia sido durante dois dias o mesmo, os diálogos os mesmos, idas e vindas de lá para cá. Não descrevia viagens que tivesse feito. Não era alvo de admiração de alguém. Pouco importa. Estava no meu cantinho, com o meu bicho de estimação de que gosto os olhos. Os carros

passavam por mim a alta velocidade e não desconfiavam essas mentes o que se passava com a minha, fardo que eu tenho de carregar toda a vida e que nunca mais me liberta. Sentia que tinha andado em círculos, vindo ter ao mesmo destino que era um desfiladeiro. Bastava tirar o travão de mão e nunca mais precisava de contar histórias. Contudo, acreditava nas moléculas, no estigma da frequência psiquiátrica que nos faz sentir vivos e ser objecto de atenção. Nunca mais teria de ser actor na vida. Decidi isso. Teria de ser eu próprio. E julgava-me perfeito. De facto era. No meu espaço protegido, nada existia ao acaso. Nem eu próprio. Talvez vivesse em função dos meus objectos e poucas vezes os olhava com sobrançeria. Mas outras vezes confundia-me com eles e minha alma impregnava-se na sua constituição física. Era assim com uma pequena estátua que desejava pintar há semanas. Tinha-a adquirido numa loja de bagatelas. Era de barro. Um dia juntei as tintas, seis, sete cores e decidi ocupar

algum do meu tempo pintando a estátua. Ela representava um dos milhares de homens de um exército em terramoto descobertos na China. Daí não havia nenhuma ilação a tirar. Era apenas uma estátua de barro, ainda por cima oca. Se caísse ao chão nem o tapete a salvaria. Dia após dia fui acrescentado uma cor. Comprei mais estátuas iguais e a moça da loja não estranhava nem um pouco eu levar três e quatro de cada vez. Comprei até se esgotarem. Durante meses dediquei-me àquela tarefa terapêutica, àquele *hobby*, como lhe queiramos chamar. E com que ardor e meticulosidade! A primeira estátua, que tinha seis, sete cores, estava agora numa loja de artigos de decoração. Tinha mais para vender e era o que faria. O que faria com as dezenas que acumulara em casa? Continuar a vender. Até à última. No último dia, fumei um cigarro sobre a obra, tal como supostamente se fuma depois de sexo. O meu espaço protegido estava sendo o meu inimigo. A última peça, aquela que me deixaria recordações

sobre o meu trabalho foi por mim estilhaçada contra uma parede. Comecei então a destruir vários objectos da minha sala, fechei a casa de banho à chave e joguei a chave fora. Depois de cansado de tanto destruir, sentei-me e pensei nas minhas palavras que não saíam, na revolta interior que sentia por estar fracassando como ser humano. E de que me poderei queixar? A cena voltou atrás -num *rewind*- e tudo foi reconstituído. Estava pronto para começar de novo. Se não fosse com estátuas, talvez fosse com mulheres. Talvez um dia me tornasse implacável e não tivesse mais amor ao meu espaço protegido. O meu ardor, a minha emoção saía pelos poros e cada vez mais me confundia, tal como um camaleão, com o ambiente. Era agressivo, mas não feria ninguém. Era espontâneo e não tinha receio das críticas. Era um homem com nome de gente. Talvez os diálogos surgissem um dia destes, esperando ou surpreendido. Estava dando voltas com o carro, ocupado na distribuição. tudo se passara dentro da

minha casa, mas o meu carro não respondia e parecia não ter motor. Fechava-me cada vez mais aos contactos com o exterior e não me dava conta disso. Mas que podia fazer numa cidade senão revoltar-me e ser eu mesmo? Decidi arrancar, mesmo sem motor no carro, fechei a porta e lá vou eu, descida abaixo. O motor surgiu depois, e as mudanças até que eram automáticas. Num flash estava longe do meu espaço, noutra espaço, sentindo o vento na minha face, sem saudades do que era, mas gostando de mim, perdoando a mim próprio tudo o que havia feito de ilógico.

Tenho de pensar que sou boa pessoa, tenho de pensar que sou capaz. Já estive mais longe da vida do que estou actualmente. Tudo isto é razão para contar a história de dois pássaros exóticos. Um deles pulava de ramo em ramo, o outro permanecia a maior parte do tempo, descendo até ao chão para sacar insectos da terra, minhocas, outros bichos que

constituíam o manancial de vida daquele bosque. Um era o oposto do outro. Um hiperactivo, outro inactivo, parecendo estar mais próximo do estado vegetal. Um dia, o vegetal viu movimento entre as folhas cá em baixo. Um jovem preparava-se com a sua fisga para lhe atirar. Levou a mão ao bolso e sacou de um berlinde de vidro, tal era a sua convicção de que ia acertar. Ou nunca tinha mandado um berlinde pela fisga, era novidade. A bola de vidro voou através do ar e o passarinho inerte viu-a aproximar-se. Desviou-se pouco antes de chegar a ele, no último momento. A bala prosseguiu o seu caminho e foi acertar no pássaro irrequieto que esvoaçava em volta do vegetativo provocando-o. Caiu inerte no chão e na mão do jovem, orgulhoso por ter apanhado um passarito com um berlinde, inerte para sempre ficou.

Fechei as torneiras a meio da noite. Entrei no quarto de uma pessoa. Mais tarde, lembrar-me-ia disso como de uma

pesada memória que nos persegue e incomoda. Entrei mais tarde num centro comercial e comecei a ver caras novas. Pareciam-me inócuas, sem sentido. As pessoas parecem-me sem interesse. Poucas são as pessoas que conheço verdadeiramente, razoavelmente. No meu canto recôndito imaginei amizades com pessoas cujos *nick* consultava *online*. Lá longe havia vida à minha espera e um dia podia visitar essa vida. Estariam certamente mais pessoas como eu, à espera de um contacto que mudasse as suas vidas num instante. Afinal a vida parecia resumir-se a isso mesmo. O mundo cibernético espalhava-se pelos neurónios do meu cérebro e eu deixava. Ouvia um som desconhecido numa loja de música. Bebia um descafeinado e julgava-me fora do mundo, isolado na cidade, muito diferente de quando tinha os anos do despertar para a vida e o conhecimento. As minhas pálpebras pesavam pela primeira vez, desejava o trabalho como um sedento do deserto. O que me parava estava apenas dentro de mim, mas

não podia explorar isso demasiado, pois havia sido demasiado explorado. A minha vida estava como que exposta, para mal e para bem. A carreira 42 conduzia-me como sempre a casa e eu não suportava o cheiro a bedum da parte de trás do autocarro. Um dia havia estado em Espanha e fiquei com o gosto na boca. Perdi os lábios de uma espanhola na “Casa Verde”. O que estaria por lá acontecer era motivo de imaginação. Um dia havia lá estado, sei que sim. Um dia estaria noutro lugar, bem longe de casa mas nunca completamente liberto. Apenas momentos. Os meus pensamentos direccionava-se ao chão, apanhei um maço quase vazio do chão da paragem do autocarro onde haviam cuspidos há dias as pessoas que por eles esperavam. As coisas eram uma existência e a minha mente tinha de acreditar nesses dados. Tudo existe no seu lugar, não é preciso que desapareça. *Online* conheci Vision, uma advogada que ficou com o meu telemóvel e que dizia que eu estava retraído na

conversa e era frouxo. Poderia estar um dia inteiro on-line, mas não suportaria deixar de ir à rua e conhecer alguém à moda antiga. Nunca abdicaria disso.

OUTRAS PERSONAGENS

Nos primórdios tudo se ensaiava. A vida era um palco e Francisca acreditava nisso. Era curioso como parecia ter jeitos de mulher, dizendo os amigos que era uma maria-rapaz. Subia às árvores para ver o estado da nidificação. Pisava as uvas do pai com uma força e jeito parecido aos velhos conhecedores da arte. Contudo, a sua vida rural de criança em descoberta de novos mundos numa geografia próxima da casa onde a mãe lavava a roupa enganara o seu destino, que foi entrar numa escola de artes dramáticas. Ali, aprendia que o excesso tem de ser controlado para se chegar à fama. Nem todos ambicionam a fama. A fama é questão de paciência e muita, muita psicologia. Não, Francisca não consultava médicos. Ela conhecia os outros. Tirava-lhe o retrato depois de algum tempo de exposição aos seus olhos. A verdade é que o seu colega Jaime era diferente. A verdade não lhe interessava. Dançava

como que enfeitado os temas mais comerciais, fazia vibrar os tímidos e todos os outros. Sentado uma tarde de sábado em frente ao sofá, os seus amigos jogavam à bola no ringue da escola primária, ele estava de bem consigo próprio. Afinal que mal havia em ver televisão? Que mal havia em sonhar o que não queria ser, o que queria mas veio mais tarde a descobrir ser difícil porque talvez não fosse o seu destino ter fama. Na escola de arte, a sua mente particularizava-se no domínio do cómico. Sabia que havia muito lixo que se iria rir das suas piadas e o homem que ela amava estaria ao fim da noite com o jantar aquecido à sua espera lendo um bom livro. Um professor dizia que só se fazem duas, três coisas interessantes da vida. A meio do curso ela começava a ver que essa verdade deveria estar contida num livro sagrado.

As páginas estavam juntas. Ela pegou no livro e sentou-se, começando a folhear. Há tempos que não lia um livro,

numa tarde descansada. Agora estava sentido um stress verdadeiramente depressivo, mas sabia que tinha de continuar. Não podia desiludir-se com as primeiras contrariedades. Não estava junto dos seus amigos. Nem sabia que tinha amigos. Por vezes uma conversa com alguém desconhecido dizia-lhe que sempre conhecera aquela pessoa. Anabela começava a compreender que não há uma lógica nas relações humanas. A lógica do coração é coisa a que se deve estar atento. Não demasiado atento. Essa tarde descansada, de falares sinceros e bonitos viria um destes dias. Tinha a certeza. Em Lisboa ou noutra cidade. Ou mesmo numa aldeia portuguesa. As mesmas aldeias de que estava já cansada podiam ainda acolher a sua alma e cortejá-la com gestos humanos, sinais e signos de novo conteúdo. Era questão de esperar, com calma, esse dia. Sabia que uma nova juventude estava para começar, a juventude das ideias. Depois das vozes desconexas que lhe chegavam aos ouvidos, dos gestos

numa sala onde corpos se cruzavam tentando uma performance, ela parecia estar noutra lugar. Contudo, fazia tudo para agarrar a alma com as duas mãos. Desde pequena o fazia. E mesmo que tivesse dificuldade em transmitir suas emoções, continuaria, convicta de si própria. Um dia, essa tarde viria. Bastava ter livros para abrir.

Lavei as mãos do pecado. Sartre está muito perto, mas demasiado longe para o poder compreender. Todos os pensamentos se podem eclipsar de um momento para o outro num lugar, estupidamente. Não me digam que há vida para além da morte. Quando tentamos por todos os meios viver a vida, sentir que Deus existe, que Deus existe nos outros. Não me digam estupidamente que Deus existe. Digam-me que tudo é válido para compreender a vida nos termos de uma filosofia. Queimamos os neurónios e queremos saber mais, fazer ligações. Por um lado envelhecemos, mas o nosso

pensamento rejuvenesce como se estivesse cada vez mais perto do elixir da juventude. Eu sei lá que contas e que difícil está a minha vida. Mas não me queixo, como Cristo pregado na cruz. Não quero, no entanto, pagar pelos pecados dos outros como o salvador. Não quero ser sério, mas divertido. Adormecer como o boneco que me orienta no computador, acordar para um mundo feminino. Queimo o dinheiro e a vida a pouco e pouco. Invento histórias, mas esqueço-me da minha: poucas vezes me vejo realmente ao espelho. Gostaria de dizer bom dia com o sentido do dever cumprido, sem ter lido livros, como quem experimenta mergulhando na vida no mar de tréguas de que o mundo precisa. Parar e recomeçar, a sensação de estar por fora. O infinito está nas ligações que fazemos com o mundo. Honestidade. Pobreza, castidade, obediência.

Tentou começando por subir a escada. Dois passos adiante, um passo atrás. A mente revertia para o andar em cima, no que estava na casa. Veio alguém para ajudar, um jovem de nome Tiago, desenrascado. No alto da escada uma jovem esperava por ele. Amarga a recordação do momentos que haviam passado juntos. Voltou para descer a escada. Afinal era o jovem que se iria encontrar com a moça. Precisava de se despachar, a hora do emprego estava perto, ali perto. A moral, a ética não estavam presentes. Contudo, ele tinha por hábito frequentar um grupo de jovens católicos da paróquia. O dia de amanhã preocupava-o, quando nada o devia preocupar. Na sua mente neurótica havia sofrimento que não se espelhava, um sofrimento que não se pode contar, porque a alegria é sempre bem-vinda. Diante das pessoas com quem lidava no quotidiano não expressava os sentimentos de forma sincera. Pensava sozinho sobre essas pessoas, antecipadamente, o que deveria dizer. Na sua mente as coisas

desciam e desfilavam lenta e vagorosamente. Não valia a pena reagir. Podia estar noutra lugar, longe, vivendo uma vida completamente diferente. Mas não valia a pena pensar assim. Do sexo com a miúda passou a intelectualizações, a esperanças de fazer uma viagem até longe. Tinha saudades de estar sozinho na casa dos pais, naquela tarde de Outono, pensativo estava na companhia do seu animal de estimação. De leve pensava também em arranjar artifícios e contar histórias de personagens como Júlio Verne no seu pequeno espaço de imaginação. Estava perto de conseguir um estado de alma em que a serenidade invadissem a sua mente. Um telefone alertou-o para o estado em que estava. Esse estado. As janelas estavam sujas e Rosie brincava lá fora. pensava em preparar uma página de internet que versasse o tema da ciência para entrar em contacto com pessoas. Pessoas. às vezes, como naquela tarde, o mundo era banal. Sempre as mesmas pessoas que não conhecia, sempre os mesmos ritos.

Sentiu-se aprisionado num mundo que não se modificaria tão cedo. Contudo, havia uma pequena felicidade em gestos, em pensamentos, em coisas que surgiam dentro do lar. Dir-se-ia que era um monge sem comunidade, mas de monge nada tinha, sobretudo os pensamentos. Havia qualquer coisa como uma calma religiosa que havia perdido. A música de Erik Satie era o écran de fundo de alguma melancolia, enquanto o seu companheiro de casa trabalhava ainda, pensando na hipótese de mudar de casa. João Paulo Santos, o pianista, estava ali presente, pretendendo ter mais calma que o ouvinte. Ninguém invejava a vida daquele ser, totalmente dependente de si próprio para fazer da sua vida algo útil. Para Tiago, que deixara expelir o seu sexo na noite anterior, pouca coisa interessava e as suas investigações não eram o mais importante. Já era e havia sido um actor cheio de conflitos interiores. Importava agora não repetir erros do passado. Erros, e a sua vida caminhava atrás das costas como um

fardo, cada vez menos como um fardo, nada acontecia por acaso. Pouca coisa acontecia na verdade. Era tempo de esperar. Cada momento era importante. Não queria mais ser dona de casa, nem falar como as velhotas do bairro que têm uma atitude horizontal nas suas palavras, nem como um actor, que olha sempre em frente. Era tempo de ser ele próprio em cada momento, em cada pensamento. Tardava a visita de alguém importante a sua casa. Talvez estivesse no fundo ainda preocupado. Ou à superfície apenas, não se sabe. Na aquele sábado, as folhas voavam perto do chão do pátio. Como seria o mundo lá fora? E o que era feito do infinito que pressentira há dias. Voltaria a sentir essa sensação nos próximos dias?

Três dias fechado em casa. Tudo pode acontecer. Aqui não se trata do Big Brother, não há outras pessoas. Há um medo, pensamentos vários, uma companhia irrequieta em

forma de cadela. O amanhã é incerto. O menino é de ouro, não façam caso, é pequenino. Quantos sonhos aqui se fazem e desfazem! Esperamos pacientemente que a mente mude de cor, para um azul de paz ou um vermelho de actividade, ou para um amarelo de alegria. Longe de tudo e de todos, apesar de tudo ouvem-se as notícias e o mundo continua com suas guerras, com política e acontecimentos desportivos. Esperamos que a mente procure mais fundo motivações. Esperamos por algo que nunca chega. As coisas simplesmente acontecem e não adianta criar um cenário divino para cair do céu abaixo para as profundezas da terra. Gostaríamos de ter esperança para aqui a relatar em forma de história. Porém, uma só história há hoje e é dramática, são os passos de um ser humano pelas ruas, inquieto, com o cérebro dividido em vários interesses, que se julga invencível e não aceita a solidão, que se julga vulgar e sem contudo para dar aos outros só porque tem uma fraqueza humana que noutras

circunstâncias, seria permitida e perdoada a qualquer jovem. A vida foge-lhe por entre os dedos e digo-lhe isto com voz serena não para que ele espera uma ressurreição, uma reabilitação miraculosa. Não, os dias são difíceis. Sobretudo porque não se joga neste jogo com o coração, mas com a mente. E a mente mente. Estaria hoje em diferentes situações este jovem a que chamamos Manuel Ventura. Mas está numa situação distinta, talvez de novo pronto para começar, já que não consegue vislumbrar em fio contínuo nas suas acções e pensamentos. Depois, uma fé que o não anima, mas que o abate e confunde. Talvez tenha compreendido mal a mensagem. Por isso em pequeno fazia o que lhe apetecia e quando obedecia aos pais era contrariado. Não concordava. Tão livre quis ser que acabou aprisionado em si mesmo. E assim ensimesmado vive, contando que só a sua situação lhe interessa quando não se trata de situação nenhuma, não há problema nenhum. Claro que não há uma mulher na vida deste

homem, nem haverá, nem que modifique o seu comportamento. Não há também um filho ou descendência nas mãos deste homem. E não lhe digo isto, de novo em voz serena, para que faça sentir pena aos outros. A pena nunca deu de comer a ninguém. O certo é que Manuel Ventura preteriu desejos e interesses e alimenta-se hoje de um palavreado íntimo que ninguém ouve. Mesmo que ouvisse, seria dado como tão dissonante do que é hoje o mundo que mais deslocado ainda se sentiria. E não adiantaria inventar desculpas para os próximos dias. A sua saga seria compreendida um dia por alguém completamente diferente. Que não tivesse pena. Apenas visse as suas palavras como uma música que nos ajuda a reconciliarmo-nos connosco, com os seres e as formas que assumimos, numa história de melodia baixa e bela. A sua imagética e os seus valores debatiam-se dentro do seu ser, numa guerra que parecia interminável. Conseguiria viver alheado da religião, da político,

dos *ismos* que pareciam conduzir a massa amorfa humana por aí adiante?

É claro que os acontecimentos servem à literacia para efectuar registo mais ou menos subjectivos sobre o que tem para reportar. Factos são factos e a literatura vive de factos. Ora, a filosofia vive também de factos. Mas talvez menos que a literatura. De um lado ouvimos umas coisas depois de uma pausa para café, de outro ouvimos outras, totalmente distintas. O puzzle a organizar tem que contar com a ajuda dos outros. Se estamos fechados e não soubermos ultrapassar a dor do nosso Eu, estamos mal no mundo. Se conviver com os outros custa e dá dor de cabeça, então é porque algo está errado e não é só o passado. É uma atitude em direcção ao futuro o que está em causa. Na minha experiência como professor de geografia tive esta ilusão de chegar a todos, de ser perfeito, imparcial, justo, compassivo. No entanto, acabei por me

perder. Gostaria um dia de trabalhar com grupos mais pequenos, de jovens ou menos jovens. Convém que tenha um equilíbrio e as coisas que tenho em mente fazer (que já foram muitas) não caiam ao chão dias depois. Por exemplo, não deveria estar fumando hoje nem nunca no quarto, mas faço-o por amor à escrita, mesmo que me custe levantar amanhã cedo. Sei que sou difícil de enquadrar os meus propósitos para uma vida prática. A minha irmã tem-me ajudado imenso e o melhor do que escrever será dedicado a ele, pois, juntamente com a minha mãe e o meu cunhado, continuam a ajudar-me materialmente para fazer face a despesas de condomínio e outras da casa. O teatro vai abaixo, parece-me. Escrever é mais indicado para mim e o domínio das emoções não é o meu forte. De qualquer modo, sinto que estou a perder algo de importante, mas não posso atender para já a tudo. A vida tem, assim, altos e baixos.

Li um pouco de Pablo Neruda que peguei na biblioteca onde trabalho, a memórias -"Confesso que Vivi". Lembro-me com afecto do filme "O Carteiro de Pablo Neruda" que fui ver com a minha irmã nos seus tempos de estudante em Lisboa.

Com quatro moedas comprei um maço de tabaco. Com uma moeda um carioca de café e sobrou-me dinheiro. Dei uma moeda ao meu pedinte do costume. Uma moeda ficou no bolso por dar à senhora que jazia no chão com uma ferida na perna. Com uma moeda comi dois bolos e um galão. Virei a última moeda que tinha e sentia-se entre os dedos como um metal precioso do tipo magia de Marcel Mauss. Com esta moeda faço inverter os hábitos de consumo e dou valor àquilo que se deve dar valor. Uma moeda lançada em criança às águas das grutas de Santo António, em Mira d'Aire. É assim que o meu desejo de uma vida normal se manifesta. A contabilidade tem muito a ver com esta coisa de saber viver a vida. E continuarão

a cair moedas nas caixas das almas das igrejas e capelas? Os ricos que paguem a crise. Às vezes gosto de ser do Benfica, de comunicar nos mesmos termos de quem lê o Correio da Manhã. Mesmo assim, hoje vislumbrei que esta época que estamos vivendo será esquecida quando o futuro vier. Estamos imersos no presente. No grupo de teatro as coisas vão correndo bem, embora esteja a fazer um esforço enorme para mostrar os meus sentimentos. às vezes há males que vêm por bem, mas convém não embarcar em entusiasmos estéreis. Muito disso tenho eu experimentado nestes densos últimos anos. Mas voltando às moedas. As moedas dos arrumadores. O meu *low profile* no curso de expressão dramática.

Cansado quando me levanto. Os outros mundos estão fechados a mim. Não há inspiração, nem um lugar onde me sintam bem fora de casa. Mesmo dentro de casa, o meu espírito

voa de um lugar para o outro e fixa-se na cama. Tento ver as coisas a longo prazo. Tenho 30 anos e estou cansado. Todavia, tenho de continuar. Amanhã, depois, mais tarde, não posso desistir, mesmo que apenas o meu corpo esteja presente nos lugares. Bem sei que não me espera um caminho de sucesso. É tarde já para isso. Tarde para ter entusiasmo. Estou dizendo a verdade. O meu coração não fala. Dei a palavra ao meu pensamento e ele traiu-me todos os dias. O sol está disfarçado de uma cor estranha, como se fosse madrugada. Talvez esteja demasiado centrado em mim mesmo e nos meus ditos problemas. Tudo isto é palha que o vento leva. Mas o hábito não é fácil de ser levado pelo vento. Amanhã começa um congresso de estudantes de ciência. Considero-me ainda um estudante. É certo que não irei devido ao curso que me ocupa as manhãs. Há a luz para pagar, a água, o gás, o telefone da internet que tem sido um dos meus vícios. Tenho consciência deste pessimismo. Talvez esteja

morrendo aos poucos de morte cerebral, uma morte estranha. Talvez com a minha vida tenha inventado uma original forma de arte de morrer. E não peço ajuda porque talvez tenha esperança de continuar assim, sozinho, até que alguém me encontre jazendo com o tempo nalgum lugar. Será tarde demais desta vez?

Manuel Ventura dirigia-se entusiasmado para o seu trabalho. Pensara dias a fio no que haveria de dizer ao patrão sobre aquele projecto especial, que tinha um significado único para ele. Teria de fazer uma inversão na sua rota, nos seus pensamentos. Ele era o que pensava. Os sentimentos não tinham lugar na sua vida. O seu coração era de pedra. No entanto, fazia coisas para depender dos outros e dependia de facto. Até ali não tinha assumido as suas posições, protestado por o patrão lhe pagar pouco. Nada, nada ouvia que fizesse progredir a sua vida em termos de bens materiais. Parecia

recuar, ao invés, para domínios que não conhecia, que não lhe eram familiares e com os quais tinha de se dar todos os dias. Odiava a literatura mas a sua vida era um sem fim de pensamentos tormentosos que eram tudo menos literatura. Seriam doença? Seria ele uma dessas pessoas que está condenada à partida ao esquecimento? E das que vivem vidas silenciosas e cheias de sabedoria? Talvez essas vidas fossem uma invenção da sua cabeça, talvez não existissem mesmo. Talvez ele mesmo não existisse. E fosse necessário começar cada coisa de novo. Pois nessa tarde não avisou que iria. Nem que não iria. No seu quarto escuro, ouvia-se uma melodia de Nick Cave. Teria de se agarrar a alguma coisa para resistir, talvez a transitoriedade da vida e dos dias. Talvez isso abrandasse a sua pesada solidão. Naquela tarde não foi. E de início, como no dia anterior, não pensaria o tanto que iria arrepender-se de não ter ido. Não poderia perdoar a si próprio o conflito que se agigantava dentro de si. Como poderia

aguentar tanto e durante tanto tempo? Talvez precisasse um dia destes de Deus para alguma coisa, uma certa coisa. Era, no entanto um urbano de 27 anos. O seu voo era planado, rente ao chão, identificando todos os obstáculos. Não como ave de rapina que vê do cimo as suas vítimas. Ele estava condenado a voar rasante a qualquer coisa. Se batesse, alguém saberia um dia porquê? Estaria o segredo nalguma caixa negra onde as palavras revelariam tarde demais as suas motivações. Não era um ser de todo interessante. Perdera as forças. No entanto, teria de continuar naquele trabalho. Não havia outro de momento. Sabia que tinha baixado os braços a qualquer coisa faltando à reunião naquele dia. Um pouco do seu passado perdera-se. Um pouco a sua esperança, um pouco do tempo.

O meu interlocutor não é um locutor qualquer daqueles que conheci e se mataram na linha de comboio. Regresso ao

passado com a perdição de que sustenta uma posição difícil, ensaiando voos diferentes, donde possa vislumbrar o meu Eu ocupado na casa de banho ou na cozinha. Uma morada normalmente não se esquece, a não ser que venha na Internet que não vem. Estamos escrevendo, tu e eu ao mesmo tempo, eu com o ar pouco estouvado de português com sangue espanhol e nascido em França. Apresento-me, se quiseres. Digo algumas palavras que definem o meu percurso educacional e científico. Não posso dizer que de hoje em diante irei fazer só isto e só aquilo, que ficarei conhecido por ter estudado um determinado ramo do saber. Há aí uma liberdade à solta em que quero embarcar. Essa sensação sentimo-la poucas vezes e queremos que dure, como um orgasmo, mais tempo, com mais intensidade. O meu interlocutor és tu e eu apresento-me. Não estudo uma ciência das artes, nem uma ciência. Sei que já não sou dado a convívios académicos e acho que amadureci por isso. Optei

pelo mundo, por mais prejuízos que isso me trouxesse. Optei por não ser religioso porque, do meu ponto de vista, a minha mente não se encerra em quatro paredes nem numa comunidade de irmãos. Quisera eu que fosse assim. Viver é difícil, digo-te. Viver é o infinito que todos procuramos. E o tempo de que dispomos é breve para conhecer esse infinito. Retido na ilha de Speranza, construo o meu diário pedacito após pedacito de carne de veado que como que comprei ali no supermercado do-mais-barato. O meu interlocutor pode ser o meu canino que repousa na sala do sofá, ou podes ser tu, que me desejas, agora que parti para outros lugares. É difícil no mundo de hoje, no horrífico mundo actual, ter a mente repousada em algum lugar. Toda a gente quer fazer algo para ser conhecido, penso eu no meu contexto de aldeão convertido às andanças dos passeios calcetados da cidade de Lisboa. Dizes-me que não vais repousar enquanto não te sentires bem contigo própria, dizes-me que estás doente porque pensas que

tens alguma coisa na cebeça e tens de inventar algo para que te olhem com menosprezo., uma atenção estranha que desejas. A jorna acaba-se com um último cigarro e estás numa ilha onde não deves nada a ninguém e todos te devem oportunidades para mostrares a ti próprio que sabes ser alegre e que os últimos anos têm sido pura invenção e que um dia destes irás encontrar uma brecha na tua mente que te conduzirá a um êxtase retemperador. Aí fixarás um ponto e desejarás ter estado lá perto, bem perto de conseguir alguma coisa. Mais, desejarás não ter sequer tentado, porque o preço da mercadoria foi demasiado para a tua bolsa. Poderás auferir de rendimentos fixos para te dedicares àquilo que é supérfluo e mais desejarás a vida normal que tens agora, neste momento em que me lêes, porque tudo é passageiro na onda refulgente de uma astrologia de uma revista feminina. As dores farão sentido, o cansaço da manhã fará um dia sentido quando acordares na felicidade de estares perto de ti mesmo, então

poderás falar, poderás conversar, tocar os objectos que te apeteçam sem lavares as mãos mais e mais uma vez. Tudo será limpo na tua cabeça e as cores estarão diante de ti, dentro de ti, iluminando o teu rosto a partir de dentro, sem cessar, num movimento comparável ao dos santos que pensam inconscientemente noutras vidas. Não será pecado comer o fruto das árvores temporãs. Não será pecado seres tu próprio.

Vai daí, penso na hipóteses de poder ter sucesso numa vida em que sou vítima do meu pensamento. É estranho como nos relacionamos com as pessoas e não dizemos o que verdadeiramente pensamos. A vida é chata, há que dizê-lo com frontalidade. O que importa é o que se passa dentro do coração, onde temos sangue, polpa de tomate, mais outras coisas. Compro dois ou três livros a saldo e soldo e vejo como a literatura é chata. É mais uma ocupação a juntar às outras,

às actividades do homem. De repente, fico sem retórica e vejo como estou situado nesta vida de merda. Os acontecimentos dos meus dias são estranhos. Há qualquer coisa que me foge da mão. Oíço o mesmo disto de há tempo e sinto uma saudade enorme de viver e de companhia. Amanhã, um dia, tudo poderá ser diferente. O problema é que eu não acredito. Ah! Porque se eu acreditasse, nada me poderia ter, a vida seria perfeita, eu velaria com dedicação extrema por aqueles que amo. Não falo de velar em velório. Falo em fazer tudo para que as coisas corram bem, não nos limitarmos a aceitar que a vida tem bons e maus momentos. Mas não, a vida tem bons e maus momentos e tenho pena de não ser a pessoa que aqui descrevo. De resto, o meu trabalho não é literatura. A literatura é outro esquema, é uma construção, obedece a regras. Não falo já da ciência. Não me meto naquilo que já perdi. Tudo isso pertence ao passado. Lentamente, depois de tentar desligar-me dos meus pensamentos intrusivos com actividade na rua,

volto a mim mesmo com alguma serenidade. Continuo com medo, não sou aquilo que gostaria de ser, não mostro o que valho, como me pede a minha mãe. No entanto, ainda sou um vencedor, pois quando a noite cai fico só com os meus pensamentos. Aí sou dono do mundo e isso jamais se pode tirar a um homem. E vou andar mais dias com isto na cebça ou vou desfazer disto por algum tempo e sinto que vai voltar a preocupar-me. Não posso evitar. Que importa se não conheço outros mundos se não me conheço a mim? Isto atormenta-me.

Manuel Ventura deveria estar já adormecido, depois de ouvir uma vozes e de se o distúrbio convencer de que tem de ser prático em favor a vida sem abdicar da sua atitude contemplativa em relação à vida. De algum modo, Manuel Ventura, tinha de assegurar o seu sustento. Não, tinha mesmo de assegurar o seu sustento, controlar as obsessões, fumar o suficiente, suster-se no bulício da cidade, viver sob tensão, por fim, conseguir uma mulher. Ele estava consciente dos seus

limites, mas sabia que podia usar da sua liberdade. Usar mas não abusar. Os sonhos eram de segredos inconfessáveis. precisava de muita coisa, tinha muita coisa para fazer. No entanto, algo de estranho o perturbava e essa obrigação de descentrar a sua atenção para o mais útil afligia-o deveras, a todos os momentos. Havia um dia que tudo poderia mudar. Estava já mudando por dentro. Tudo dependia das palavras que dizia ou calava. No fundo, bem ao contrário de seu pai, cuja caracterização faremos adiante, estava dependente do seu cérebro, brutalmente, para levar uma vida desafogada. No seu íntimo, quando distraído, permitia-se ser feliz e a sua identidade ninguém lhe poderia roubar. Junto dos seus irmãos sentia-se ele próprio, embora com a irmã fosse diferente. Ela tinha-lhe dado tudo menos um filho. Não podia ter casado com ele e agora estava casada com um homem que lhe daria um filho em breve. Seria mais um sobrinho. Eram estes os acontecimentos, os factos da vida de Manuel Ventura. Tudo o

resto eram pensamento, que expressava em conversas de circunstância, no ânus que respondia às emoções como o coração, mais do que o coração, pois parece que o que interessava seria ficar, permanecer, restar no pensamento, em vez de progredir, de atravessar uma selva de pedra e de gente indiferente. A cidade era o terreno do seu romance, mais do que do que o seu campo de trabalho. Tudo era difícil, resultado de um processo elaborado de depuração mental. Era convencido de que estava sozinho nos seus pensamentos. E que se os partilhasse perdiam valor. Quanto tempo mais iria aguentar a dor de não ser chamado de “amor” ou coisa parecida é tarefa que só o futuro saberá responder. Uma sede que perdera não a bebia em fontes públicas. Queria uma fonte de juventude donde brotassem palavras, vagarosas, que lhe acariciassem o cérebro e deixassem cair as coisas por gravidade, pois a gravidade é um dado adquirido na ciência. Lutava contudo, contra a gravidade, como o “artista da fome”

de Kafka, sem lucrar dinheiro com isso nesta sociedade de 8 de Novembro de 2000. Puxava naquela época de um último cigarro que lhe desse cansaço para dormir. De todos os seus falhanços na vida prática, não desejava mais ser conhecido. Não iria rir perante câmara alguma. Contudo, continuava fascinado e no fundo tinha paixão por alguém que não conhecia e vislumbrara a eternidade no movimento do mundo, do fazer, das coisas, carros em circulação de correres pouco habituais, semáforos de cores diferentes das usuais, condutores divertidos. Tudo o que era tudo o que fora, era contra si próprio que se debatia num inferno de circunstâncias, procurando livrar-se de grilhões que advinham da simples palavra dos outros. Vislumbrara por fim, o pensamento contínuo e este escapara-lhe há dias por causa dos rituais, Contudo, estaria mais cansado se não fizesse o que fez. E neste momento advinha uma forma de luta estranha mas contínua. O artista da fome fumava enquanto não comia e os

espectadores eram poucos mas fiéis. Manuel Ventura olhava de soslaio e produzia um *facies* de que não se lembrara de ter realizado ao espelho.

Juntos, estariam a salvo num mundo infinitesimal. Ali, perto da lareira, poderiam falar sobre as outras vidas, os movimentos até à capela, ao espaço do jardim, beber à noite um café e fumar um cigarro. Não havia muitos clichés no labirinto das suas mentes, nem sequer tinham medo que o vento ventilasse esse labirinto e o tornasse com imensos e largos caminhos, mas que pareciam opticamente estreitos, e saídas, muitas saídas. Labirintos e mais labirintos, palavras, sons, imagens e emoções. Ah! As emoções! A vida parecia ser injusta, porque se buscava algo do passado e poderia fazer sorrir no futuro. Não se vivia o futuro desenfreado dos hipermercados. E os lugares que nunca veriam, as pessoas com quem nunca fariam. O universo do conhecimento,

acreditavam, era infinito, não no que faziam, mas no que pensavam. A mente era um sistema ilusório de finitude que traía o coração. Lá no fundo, um pequeno coração imensamente vermelho e vivo, debatia-se por procurar emoções, numa luta que parecia não ter fim. As pessoas pareciam não querer as palavras, ou a verdade das palavras, mas antes o que fazia sentido. E, contudo, haveria um fim.

Nos seus retiros, havia uma incapacidade para comunicar. Estavam à beira da modernidade, à beira da sociedade de toda a circulação, como circula o sangue dentro das veias de um corpo. Escutavam depois que foram para os seus quartos, tipos diferentes de música. Mais tarde, a mãe de Bernardo chegou e aprovisionou-se da ementa que ele havia feito durante a manhã. Era uma fórmula de sopa pessoal, um requisito para passar nas provas de afecto que a mãe lhe fazia constantemente quando estava na cozinha. A casa tinha alegria. Desejava-se estar na sala, na casa de banho, na

dispensa. O amanhã era incerto para o pai de Cláudia. Um mal estranho de que se queixava por vezes atrasava as suas provas de doutoramento e o seu corpo abanava de raiva quando tinha de falar de si. Ia ficando cada vez mais envolvido em relações sociais e a pureza juvenil perdia-se por entre os desígnios, as vagas de ar nos ventiladores e canalizações. Fumava o seu cigarro sem ideias, sem corpo para corresponder ao desejo de seus pais, a um instante de ideia mística comum.

A carta iria seguir para Angola. Seria a última com aquele remetente. Que ficassem os escritores com a sua literatura. E que dizer dos psicólogos? Iria morrer para o mundo vivendo através de outras janelas. Podia-se convencer de que a vida é uma prisão e que só nos libertamos com a morte ou pensar que quem cá está no mundo foi porque quis, porque fez esforço para isso, como lhe disse uma amiga. Como chegaria a carta a Angola?

Se donde venho não é fácil encontrar um compromisso, onde quero chegar alguém falará por mim. Falar do seu umbigo dá um resultado de unívoca solidão. Serei cientista amador? Quero ir longe mas quem há-de controlar o meu desejo? Um escritor apenas com pena de ter pena em pluma. O exercício que vamos empreender será a três tempos. Nas palavras que se projectavam pelo peito fora, Octávia intimidava o seu companheiro. Ele estava perdido, sozinho, entregue a um mundo em que nem a tristeza chegava perto dele. Bastavam-lhe cigarros. Numa noite de Agosto, esperava um comboio na estação de Santa Apolónia e as pessoas andavam de um lado para o outro à sua frente. Um sem-abrigo veio pedir-lhe um cigarro. Fumaram os dois, mesmo à fome. As suas obras não eram lidas por pessoas despreocupadas com obsessões, nem com ideias disruptivas. Um destes dias

alguém leria as suas palavras e saberia que não seria preciso esforço para nelas ter esperança ou alegria.

Na véspera de ano novo, tudo se preparava para comemorar uma ocasião que, sendo especial, não tinha o brilho de outros tempos. Contudo, a televisão estava lá e todos os condimentos de comida e disposição de espírito preparados. Quando Berbel chegou, foi saudado como um dos convivas, acolhido como um irmão. Dias depois, atravessava mais uma fase de depressão e decerto que pensava nos amigos, nos amigos de sua irmã, que eram também seus amigos, e tinha saudades deles quase todos os dias, fora aqueles em que andava entretido em coisas que com pouco dinheiro conseguia fazer. “Alimenta-te bem!”-Dizia-lhe uma voz consistente. Um dia poderia ser alguém. Mas não esperava a luz dos palcos nem as audiências dos grandes espaços. Muita gente já lhe fazia confusão. Aquele mendigo atado a pedir

esmola traía-lhe os pensamentos e o outro, o seu mendigo do costume, lá estava, com a mão estendida e silencioso. Carlos, um toxicodependente, admirava-se encontrar uma pessoa assim. “Eu não acredito”-dizia ele, “Eu não acredito”. Pois Lisboa trazia surpresas nos seus mais humildes e necessitados rostos. Leire, e uma amiga alemã estariam pensando algum dia visitar Lisboa? Quiçá algum dia estaria com uma delas passeando, sem ter medo de falar, sem ter medo de estar com uma mulher na rua. No dia do jantar com Vitorino numa tasca perto do técnico, era tudo a despachar. Comia-se bem, é certo, e Manuel Ventura não pensava em desistir dos seus intentos literários. Agora faltava-lhe a soltura para a prosa, para os enredos, a estrutura, a narrativa. No fim de contas, o cego era ele, sem conhecimentos de bastidores e capelinhas. A sua escrita era verdadeira, até certo ponto, mas deixemos o autor em paz por momentos. Deixemo-lo viver a cidade, o viver psicótico na cidade. Bianco estava casado com

uma estrangeira que tinha um fulgor estranho para o sexo. Fazia de resto parte de um grupo de viciados em sexo que se reunia na travessa do cotovelo todas as quintas-feiras. Uns iam para arranjar parceiro. Outros para contar problemas sérios que eram até de dor, excesso, dependência. Dia após dia, nada se cimentava, parecia. O que mais se cimentava era a casa que o pai de Berbel construía lá na terra de costas viradas. Como seria o futuro. Valia a pena ser humano, e as suas ambições estavam justas à sua capacidade. Ler, conhecer, descobrir, ao seu ritmo, um pouco de cada vez, construir uma árvore cavada com raízes fundas na dor, na frustração, que era estrume poderosos contra intempéries afinal. Um dia poderia, no ponto final, pendurar na árvore com confiança um dos seus filhos e vê-lo baloiçar ao vento, seguro, instante, espírito sossegado e alentado com a presença de alguém amado.

Uma resposta exigia-se de Manuel Ventura, uma dádiva, algo que nunca tinha feito antes. A sua dor em casa era imensa, era necessário uma presença de alguém. Não iria repetir, não iria tornar-se dependente dos outros. Estava disposto a dar de volta, a responder, por tudo o que a sociedade lhe fizera. Por tudo o que deixara fazer. Cigarro após cigarro, havia uma luz que se acendia num isqueiro. Atrás dele estavam derrotas e mais derrotas. Era um homem frustrado por não ter o que todos tinham. Será que todos tinham e que afinal tinha de preservar a sua existência nesse limiar entre o prazer e a dor? A sua casa era um lugar de acolhimento das dores e desperdícios de uma vida feita de rosto de que não conhecia as vidas. Os outros escreviam histórias, eram publicados os seus escritos em revistas. Ele nem a esperança do crescer em idade tinha. Estava retido no seu canto, com os seus pensamentos destrutivos que lhe dilaceravam a mente. O que é certo é que tinha de recomeçar

todos os dias. Não vale a pena dizer como era trágica e sem merecimento esta vida de Manuel Ventura. Ninguém se importava, tinha de continuar sozinho. Ou talvez as coisas estivessem para mudar um pouco, para alívio da sua mente. Talvez as coisas lá fora não fossem tão agressivas e houvesse lugar para uma certa forma de estar que sabia ainda ter escondido no seu coração. Os amanhãs eram diferentes uns dos outros. As pessoas não podem acreditar o tão difícil é ter de acreditar. O tão difícil tem sido para Manuel Ventura verter lágrimas que dêem força. Minado pela doença, já não parece um jovem. Agora deixou crescer a barba e tem um ar algo envelhecido. Não, não quero, os outros não podem ter pena dele, não é esse o caminho, ele não tem pena de si próprio. Só que há qualquer coisa que fica por explica na roupa deixada suja e que não se lava toda a hora, Um dia ele há-de contar histórias de castelos, há-de voltar a ler sem parar, com uma curiosidade científica e literária que não se restringe às

academias. Um dia, quando tudo isto passar, há-de chorar com alívio. Ninguém faria com ele, estar no seu lugar, pensando indefinidamente, numa situação económica precária, ninguém faria as coisas ao seu modo. São dez anos de cansaço, dez anos, nem uma casa leva esse tempo a construir, mas chorar sobre leite derramado não vale a pena e o ditado sujeita-se ao caso de Manuel Ventura. Cansaço de estar diante de um computador, ou dois, de estar só quando se teme a presença dos outros. Ninguém sabe, ninguém pode imaginar o sofrimento que se apossa deste ser que a sociedade tende a não encaixar, teima, a não encaixar. Não, ele não quer as miúdas das capas de revista, não quer aquelas que por instantes deseja nos autocarros, nas ruas, quer algo diferente, um estado superior de satisfação mental, um consumismo alegre e intencionado para as pequenas coisas que possam cumprir o desígnio de ter uma casa composta. Quer afinal ter visitas, saber que ainda é importante, que não

foi em vão todo este sofrimento e que as pessoas que os conheceram não o estranham. Quer uma emoção teatral quando nem isso pensa merecer. Não quer atenção, foi já tanta lhe foi dada e ele não ligou. Quer apenas uma vida, um mulher para a vida, um tanto de salário honesto, poder trabalhar, poder realizar-se no trabalho. Não, não é literatura o que o sócio de Manuel Ventura escreve, todos os guiões que manda em seu nome para a editora e que têm um público escasso mas fiel. São os pensamentos de um homem perturbado mas sobretudo só, há muito tempo sem confidente, que se revê apenas no espelho que são os seus familiares, a única coisa que realmente conta neste mundo.

Antes um gato vinha devagarinho ter consigo e uma cadelinha, resgatada à estrada, vinha aninhar-se no tapete que fora muitos anos o tapete da sala que ninguém ousava pisar sem descalçar. Não lhe era exigido um esforço suplementar. Apenas que fosse normal. Contudo, essa normalidade era o

mais difícil de alcançar. Por detrás de um biombo de quatro meses banhava-se um corpo jovem e disposto a encontros. Contudo, parecia banhar-se uma outra pessoa, afoita a pensamentos que envelheciam o corpo e retinham dentro de si uma velhice contida, daquelas que nada servem, que apenas se vivem, que não se transmitem. O corpo saía e os acontecimentos políticos aconteciam. O futuro, aí o futuro, o que seria da esperança, da raiva que se esquecia facilmente, da revolta que não se ousava escrever. O que seria de todos aqueles que viviam suas vidas em suas casas, como se a normalidade não existisse, como se uma transcendência os protegesse e aos seus filhos. Era preciso um conto, uma história, personagens, diálogos, tudo isso era preciso para que os outros, o público em geral soubesse que alguma coisa estava a acontecer com a aquele corpo, invólucro de uma alma dissidente dos acontecimentos que dão votos. Manuel Ventura nunca seria um homem do *mainstream*, fugira a isso para se

afirmar, quiçá. Mas fugira, e caro pagava agora os seus actos.

Ou a falta deles.

Não importava assim tanto estar entre pessoas assim tão diferentes. Não havia assim tanta pressa. Um dia, um dia talvez as coisas mudassem. Ele preocupava-se e pronto. O mérito dele estava nisso mesmo e um dia haveria de arranjar um emprego, um emprego que fosse trabalho, a sua mãe haveria se ficar satisfeita finalmente com ele, não haveria mais choros nem perguntas “mãe porque é que estás a chorar?” Afinal ninguém se importava e ele em certos momentos reconciliava-se com a sua doença e fazia da solidão uma dádiva. Não importava o isolamento, não importava que ainda ninguém tivesse reparado nele. Não importava, mesmo que descessem as lágrimas. Certo, haveria algo nele que merecia atenção médica. Afinal, o seu mérito tinha sido chegar até aqui, com reconhecimento ou sem ele. Não havia nada a reconhecer e seria bom que não houvesse. Na sua idade,

esperavam-se coisas seguras. É certo estar farto da cidade, mas que outro lugar senão na cidade poderia encontrar afinal o que procurava, mesmo não sabendo bem o que procurava. Um dia haveria de vir o fervor sexual e ele não sabia lidar com isso, apenas procurava não pensar no passado. Estava calmo, estava tudo acabado em relação ao seu curso. Não havia revolta, apenas algum bem-estar consigo mesmo. E quando dormisse, poderia continuar o seu caminho.

Euclides torneava na sua loja e pouca gente o visitava, a não ser dois ou três clientes dali perto. A mulher fazia o almoço e Bernardo tardava quando fora ao supermercado. Já regressava e pai não sabia quando deu com o malho em cima de um punho perto de um ferro ardente. A mãe teve de deixar o almoço e Bernardo veio a correr pois a cinquenta metros já se ouviam os berros do pai de dentro de oficina. Marta não queria mais ser mulher. Estava cansada da vida tal como ela fora. Pois dois dias depois, sob as instruções de Euclides, lá

estava ela, dando no malho, atijando a forja que costumava ser o lugar certo de Bernardo que não queria mais ser criança. Na verdade era adolescente. Nos vizinhos não havia raparigas e pouco de rostos bonitos vira até agora que o levassem a querer crescer e desejar com o corpo uma rapariga. Nas férias do verão, as escolas acabavam e era uma sorte vê-las soltas pela rua principal indo até à missa, até ao supermercado. Por via das inversões de Euclides e Marta, o jovem tinha de passar mais tempo na oficina junto de sua mãe, que a idade do velho não lhe permitia fazer grandes encomendas. Os clientes apareciam, desapareciam, sempre sós, sempre precisando de um trabalho para ontem. Mesmo assim, o ritmo naquela pequena aldeia era feito de pequenas pressas que enervavam o jovem. Mas por que andaria toda a gente a correr? E porque as raparigas andavam lentamente, dando a entender que nada tinham que fazer mais do que levar o saco e trazer as comprar, como suas mães provavelmente fizeram, confeccionando a

comida a seus pais. A biblioteca trazia umas obras interessantes. Sobretudo para quem não tinha oportunidade de ir à escola. Eram já 15 anos. Naquele verão, Bernardo lia à noite, antes de dormir, lia, fora das brincadeiras, ignorando o que os amigos estariam a pensar, ignorando que o mundo é feito de ligações e quando não estamos bem é porque não estamos ligados, por isso não estamos transmitindo energia positiva. A sua vida, afinal vazia de sentido, preenchia-a com os livros que chegavam da biblioteca itinerante, onde encontrava pessoas. Um arrepio chegava-lhe ao corpo sempre que ouvia o apito das carrinhas citroën forradas a livros. Tobias, de 16 anos dizia que a biblioteca estava desactualizada e o seu conteúdo era pobre. Não importava. As palavras podiam ser lidas de qualquer direcção, sob qualquer sentido. Às vezes um só livro podia alterar dias e dias de tormento espiritual. Não importava.

Subi as escadas e dois anjos pegaram-me num e outro braço. O entendimento da casa, o espaço mínimo onde movimentava o meu corpo, as razões porque não conseguia controlar os impulsos cerebrais. Uma companhia que se revelou muito acertada e a quem não me queria de jeito nenhum prender, mas que queria ter como amizade, julgava nunca mais acabar o meu dilema mental, inútil, mas o que poderia eu fazer se estes dias estavam em plena maturidade da perturbação que ocupava os meus dias. Depois, a música e o desejo de ter um piano em casa.

A história repete-se. Justino, na eminência de ficar desempregado, inventa desculpas para a sua situação. A história, sempre a história perseguia-o como um demónio esquisito, de existência estranha. Custava-lhe dormir, ter sonhos, custava-lhe levantar-se. Muita coisa se haveria de passar num mundo, num universo de pessoas a que julgava pertencer. Agora era hora de demarcar-se disso, de lutar pelo

seu próprio destino. Se tinha uma doença estranha, estaria perto de saber até que ponto lutava contra algo de genético. Se tal se provasse, tudo bateria certo. Se não se provasse, o que é que haveria de fazer, outras explicações se poderiam arranjar na mesma. Olhava ó écran do computador e desta vez não iria entrar na rede. O teclado de um computador novo estava um pouco sujo. Ele tinha 30 anos. Que causas o manteriam a sonhar acordado? A solidão pesava e não havia meio aparente de a dissolver, assim como os pensamentos inúteis. Teria ele algum dia momentos de pura distração ou criação em que nada importasse se não o que estava fazendo naquele preciso momento? Sabendo que a juventude tinha passado, quando poderia vir a juventude de espírito?

Euclides torneava na sua loja e pouca gente o visitava, a não ser dois ou três clientes dali perto. A mulher fazia o almoço e Bernardo tardava quando fora ao supermercado. Já

regressava e pai não sabia quando deu com o malho em cima de um punho perto de um ferro ardente. A mãe teve de deixar o almoço e Bernardo veio a correr pois a cinquenta metros já se ouviam os berros do pai de dentro de oficina. Marta não queria mais ser mulher. Estava cansada da vida tal como ela fora. Pois dois dias depois, sob as instruções de Euclides, lá estava ela, dando no malho, atijando a forja que costumava ser o lugar certo de Bernardo que não queria mais ser criança. Na verdade era adolescente. Nos vizinhos não havia raparigas e pouco de rostos bonitos vira até agora que o levassem a querer crescer e desejar com o corpo uma rapariga. Nas férias do verão, as escolas acabavam e era uma sorte vê-las soltas pela rua principal indo até à missa, até ao supermercado. Por via das inversões de Euclides e Marta, o jovem tinha de passar mais tempo na oficina junto de sua mãe, que a idade do velho não lhe permitia fazer grandes encomendas. Os clientes apareciam, desapareciam, sempre sós, sempre precisando de

um trabalho para ontem. Mesmo assim, o ritmo naquela pequena aldeia era feito de pequenas pressas que enervavam o jovem. Mas por que andaria toda a gente a correr? E porque as raparigas andavam lentamente, dando a entender que nada tinham que fazer mais do que levar o saco e trazer as comprar, como suas mães provavelmente fizeram, confeccionando a comida a seus pais? A biblioteca trazia umas obras interessantes. Sobretudo para quem não tinha oportunidade de ir à escola. Eram já 15 anos. Naquele verão, Bernardo lia à noite, antes de dormir, lia, fora das brincadeiras, ignorando o que os amigos estariam a pensar, ignorando que o mundo é feito de ligações e quando não estamos bem é porque não estamos ligados, por isso não estamos transmitindo energia positiva. A sua vida, afinal vazia de sentido, preenchia-a com os livros que chegavam da biblioteca itinerante, onde encontrava pessoas. Um arrepio chegava-lhe ao corpo sempre que ouvia o apito das carrinhas citroën forradas a livros.

Tobias, de 16 anos dizia que a biblioteca estava desactualizada e o seu conteúdo era pobre. Não importava. As palavras podiam ser lidas de qualquer direcção, sob qualquer sentido. Às vezes um só livro podia alterar dias e dias de tormento espiritual. Não importava.

Umhas tantas tentativas haviam feito para tirar Bernardo daquele lugar. Umhas rapariga haviam passado por lá no verão passado e rumara para França, onde tinha os pais e diz-se, um futuro à sua espera. O jovem prosseguia os seus dias melancólicos, campestres, não se achando destinado a nenhum destino especial que envolvesse multidões, tapando o pano do seu futuro com os seus olhos castanhos, atrás de uma franja de cabelos escuros. O seu pai um dia morreria, um dia teria que ficar com o negócio, por isso o que lhe interessava era isso mesmo e mais coisa nenhuma. Mas que de especial tinham um jovem ali numa aldeia, longe dos palcos das artes, das políticas, das ciências? Aparentemente, estava só, com os

seus pensamentos, matutando o seu destino, os seus gestos, sentindo que nada lhe podia valer, que perdera o seu Deus e a confiança nos homens. O mais importante, esta parte dos homens, sentia-se fraco aos 19 anos tão só que se contrariava a si próprio, pregara a fé e a espiritualidade e agora queria outra coisa que fosse completamente contrária, a sua vida era um dia interminável, os seus escritos repetições de um padrão, como o bolero de Ravel. Não sabia se era um exercício de resistência, não, não era, o ponto da sua atenção estava desfocado, o seu coração palpitava ainda, havia reminiscências de uma adolescência de paixão. Ah! Seria possível inverter o tempo? Não quero dizer para este jovem voltar a trás, mas espartilhar o tempo e tratá-lo como se de um cozinhado se tratasse, ilibar-se de todos os falsos crimes que não havia cometido. Ilibar-se do sentimento de culpa. Um dia poderia olhar para os seus sobrinhos de um modo diferente? Um dia poderia conduzir como um condutor qualquer sem

correr o perigo de derrapar ou levar as mãos ao volante embriagado? Não tão cedo voltaria para casa, trabalhar o ferro. Tinha conseguido um aliado de peso para continuar, na sua procura fora da aldeia. Por vezes pensava que a morte seria preferível ao tormento da vida. Mas a esperança continuava viva. Contraditório...como se podia esperar o melhor para o futuro se o tempo pura e simplesmente passava à sua frente? Como?

OS PRETENSOS PERSONAGENS PRINCIPAIS

Esta é a história de um jovem que vê homens transformarem-se em animais bestas, animais mitológicos como toiros, monstros de todo o género que perseguem os aldeões por campos de milhos. Ele é um herói que vai salvar a aldeia não se matando-os um a um. Eles, por vezes, são vistos como pessoas pelos habitantes da vila e só Blast os pode reconhecer. Estão vestidos de estrelas de cinema. Durante um baile, os próprios monstros disfarçaram-se de Elvis Presley para cantar junto dos aldeões. O seu objectivo era dizimar a aldeia e juntar as cinzas dos aldeões, depois de incinerá-las e lançá-las num planeta desabitado da sua galáxia, onde se iriam transformar em monstros também. Blast nasceu numa aldeia vizinha, por isso não é bem visto pelos aldeões, quer conquistar uma rapariga da aldeia de Riachos, a aldeia onde decorre a maior parte da acção. Os monstros perseguem Blast

em todo o lado, mas também os aldeões, nos autocarros, saem de dentro deles como se de pessoas normais se tratassem. Mesmo quando não assumem a forma de bestas, têm características sobrenaturais e apelativas, como o corpo e o rosto de Nicole Kidman. Não voam, mas saltam cercas e são muitos rápidos. No meio da cidade, Blast tenta inicialmente fugir aos monstros, há um jogo que joga com vários intervenientes, pensando que está saindo vencedor é quando se vê perdedor, como se mudasse de dimensão, de localização geográfica. Vê-se com um papel na mão que diz 75-Chelas e está de facto em Chelas. Passa um autocarro cheio de monstros, um carro que é a sua salvação, ele corre e toca num dispositivo vermelho para dar sinal que vai entrar que está localizado na parte de trás do autocarro. Corre ao lado do carro e dificilmente consegue abrir o manípulo. Parece-lhe que o carro está ocupado com cinco passageiros, mas ele, ao entrar, vê que é uma mulher que o conduz. Ele não fala, mas

mostra-lhe que têm um assento e direção para conduzir junto dele, se Blast quiser. Ele entra no carro e percebe que ela tem os seios grandes mas isso não o influencia ao ponto de meter conversa. Depois andam de campo em campo fugindo dos monstros. O nascimento de Blast. Tudo foi num cenário completamente diferente da ilha ou aldeia de Speranza. A cidade espreita aos olhos de um personagem, como se fosse o próprio monstro, um enorme monstro, o maior, maior que todos os monstros que atormentam Blast.

Começamos pelo princípio. Blast nasceu num dos planetas recém-descobertos de um galáxia relativamente “próxima”, um planeta relativamente próximo, subiu a pulso na hierarquia dos poderes. Até sair do planeta foi difícil, pois os transportes inter galáxias não estavam muito desenvolvidos naquele ano de 2072. Ele mesmo teve de construir com as suas mãos o engenho que o trairia ao planeta terra. Foi ele quem deu a notícia aos humanos que estávamos sozinhos, que ele era

humano, que estávamos sozinhos no universo. Mas o que era o universo? Ele mesmo não sabia. Sabia que o universo era infinito e que a geração de humanos que estavam no poder poderia morrer com a certeza de que nada mais havia para além desse planeta azul. A sua educação, o seu percurso de vida, havia sido normal até ao momento em que decidira partir para a terra. Orion fora colonizado por terrestres em 2010. Os extraterrestres que se suponha existirem não existiam: estávamos sozinhos no universo e essa era uma ideia que ninguém, mas mesmo ninguém queria acreditar. O homem não sanara os problemas de diferenciação racial e natalidade. Os países do sul do hemisfério continuavam endividados. Os maiores países do mundo reuniam-se em sede da ONU e Portugal desempenhava um papel de moderador no Conselho das Nações. A Groenlândia faziam ainda parte da Dinamarca, o Brasil era ainda o país mais corrupto do mundo. Os seres extraterrestres eram simplesmente os insectos. De modo que

faltavam ainda muito caminho aos cientistas para percorrer, perscrutar a mente humana e os hábitos animais. Os alienados pareciam-se um pouco como esses seres, os toxicodependentes demonstravam que a natureza era a mãe de todas as surpresas e nela se encerrava o segredo do universo e da criação do planeta Terra. Os vícios que atormentavam os humanos haviam sido dominados, contudo as emoções continuavam a ser o grande problema dos humanos. O homem definira-se desde sempre como um ser insatisfeito e a robotização das actividades laborais deixara uma lacuna. O que iria fazer um homem com tanto tempo livre? Não dizemos que Orion era o planeta perfeito e que lá haviam o homem recomeçado tudo de novo, aplicando os princípios da filosofia de Rousseau. As coisas na terra eram, contudo, completamente diferentes. Os homens continuavam em pequenas guerras, ninguém queria saber da ONU para nada e os pequenos países digladiavam-se por diferenças

étnicas bizarras e arcaicas. Os conflitos individuais aumentavam, a vida tornava-se cada vez mais agitada e as tabernas de aldeia haviam desaparecido, dando lugar a cafés altamente decorados. O vinho e o café não tinham o mesmo sabor por causa do cenário. Blast nascera numa pequena povoação da Bretanha e conhecera os reinos dos lusitanos por amizade de um colega de escola. Em termos de evolução, o homem tinha conseguido habitar outros planetas, coisa inimaginável para as outras espécies. Era dado assente que os ET's eram de facto os insectos e que sempre haviam estado na mente dos homens. A sua mente tinha percorrido os mesmos lugares repetidamente e ansiava por mais liberdade, mas colocava-se a questão da disciplina, do sacrifício. Seria o último dia que estaria ali, especado, vendo-se atrofiar por causa de um sonho juvenil que não lhe garantia a eternidade. Sim, seria o último dia que teria o computador no quarto. Aliás, iria mudar de quarto. E porquê? A janela não baixava por

teimosia e Justino acreditava que os outros acreditavam o que ele seria quando amanhã saísse à rua. O boneco do écran executava expressões faciais, via-se ao espelho com as mãos em cima da sua barriguinha de quase meia-idade. É verdade, ainda faltava chegar à meia-idade. Depois, quem sabe...saber mais coisas, parar. É claro que tinha de descontar uns sete, em Setembro, anos por causa do tabaco. Não queria resistir por força viver, estar vivo. Talvez não fosse isso o mais importante para ele. Devia fazer tanta coisa e não sabia onde encontrar energia para tanto. Talvez precisasse de um diálogo por perto, mais perto. Sabes que mais? Estou jogando SIMS e poderia aqui contar a história dos dias naquela casa... e Justino é a cobaia, sujeita-se a tudo, e não tem apego a títulos, porque sabe que sabe, não tem medo, é fluído como uma enguia. E afinal de contas os seus irmãos estavam casados. Eram três. Queria estar com os seus sobrinhos, todos, um dia, queria que os seus filhos brincassem com eles num jardim

onde houvesse mais gente sob uma qualquer religião. No jogo, o dono da casa morreu num incêndio e a esposa de um ataque cardíaco, parece-me. Sim, talvez não tivessem dialogado o suficiente. Talvez o objectivo de Manuel Ventura fosse o diálogo e não mesmo a literatura. Estranho, porque a literatura é feita de diálogos.

As alterações produzidas no seio da sociedade naqueles anos foram profundas. Dentro do ser de Justino, as coisas poderiam ser descritas como uma travessia do deserto, por vezes estava cheio de sede e com um copo de água fresca a seu lado e não lhe pegava. Sabia que estava a ser insistente demais com Lora, que aborrecia as pessoas com os seus projectos e que, de facto, nada poderia escapar ao seu indulto de fazer renascer um embrião que lhe pudesse dar luta, luta que já davam os rapazes que percorriam as calçadas fazendo barulho, mas não, a mãe dizia sempre para fazer diferente, fazer direito, mijar a direito, que ele não tinha o direito de mijar

pró torto e que depois, anos mais tarde, a luz entrava pela janela onde se vestia para uma aula, uma jaula onde vizinhos de primatas ensaiavam a sabedoria, que estudantes e professores todos profissionais, estudavam a culpa, a culpa que um homem semi-deus instituíra há dois mil e um anos, eles agora debatiam e debatiam e nunca mais saíam disso, antes ele era assim, como eles, Justino, o homem de andar escanzelado, procurando uma centelha que acendesse o seu pequeno vício, não por ver o homem de ferida aberta nas pernas e será que iria ficar ali toda a santa tarde e ninguém o levaria para o hospital, mesmo que não tivesse familiares, depois pois, a rapariga que descia a custo as escadas do metro e que Justino viu e quis ajudar como se fosse uma ajuda sexual, depois a enfermeira de óculos redondos que já conhecera e viera ter com ele numa cama de hospital e o estigma, esse demónio de merda que o perseguia e não o deixava ser um homem realizado com trabalho e ao fim do

mês salário, filhos para criar, com quem gritar e dar porrada, levar ao relvado dos Jerónimos, à piscina da penha de França, à escola onde rançosos negros e brancos se assoavam com a manga quando o professor dizia vamos fazer isto e mais isto e mais aquilo e apontava tudo no quadro e dizia para escreverem e cansava-os escrevendo. Quando nas aulas de história o homem cuspiu acontecimentos para cima dos alunos, eram dois, um deles o guarda-chuva, o outro não me lembro, mas era mais simpático e tinha uma esposa que também era professora. E falando, falando das professoras que nunca mais aparecia e das memórias, das imagens que trazia numa região do cérebro e pois, aqui se diz que Justino julgava uma vingança por meio da resistência, como um Cristo, que voltava a face e se dizia rei. Como, se o sofrimento é uma constante da vida e aquela música por instantes passava num rádio de mão eu tinha-la em casa e havia pago por ela, e o amanhã, isto me preocupava, o ir e o ficar e as histórias que

nunca iria contar porque são o que move os meus passos, escrever diários é triste e enfadonho e o que nunca poderei saber se não estou casado mais cansado estou, pois se o meu cunhado se esforça e eu me esforço e nada trago para meu património. Nada traga para meu património e suportei aquela voz demasiado tempo que vou acabar por passar uns tempos numa cama e num bar, que destino é este como o de quem fala indirectamente com as pessoas, por interposta pessoa, e não lhes consegue dizer em presença que as ama e que agora aos trinta e poucos anos aprender a voar é mais difícil do que salvar os membros do Titanic. Talvez não, melhor é impossível, mas quem quer o melhor?

OUTRAS PERSONAGENS, OUTRAS PARAGENS

Num dos próximos dias, se quisesse, Justino poderia alterar o rumo das coisas, isto estou dizendo, fazendo futurologia. O silêncio do seu pai era algo que vinha do fundo dos tempos. Voltava por causa da mãe e da irmã, quase todas as semanas, para passar domingos estranhos, em que não se dava com ninguém, e alguma coisa estaria errado com ele? Que mais poderia ele fazer, que mais senão continuar a acreditar num pensamento que temos em voz alta connosco próprio e nos perguntamos quando é que alguma coisa irá acabar. De facto e esta palavra, esta expressão tinha de surgir algum dia, alguma vez, de facto, faltava-lhe a Manuel Ventura para não já dizer saúde. Mas bom. Naquela noite já os vampiros se começavam a deitar, eles sim distúrbios. Nessa noite iria deitar-se um ser humano que esperara longo tempo mas que nada tinha feito. Que fazer então? A jarra que estava

em cima da mesa naquela tarde fê-lo pensar no natal em que tinham feito seu irmão e seu pai a árvore de natal, as imagens dos chineses que moravam ao lado e do relógio que haviam vendido. Um pequeno rádio, que tinha um relógio como os de pulso. Quando eu juventude tinha visto um vídeo dos Ratos do Porão numa loja de electrodomésticos, nunca calcularia o impacto que isso iria ter na sua vida futura. Desde então seguiu sempre a carreira do grupo. E naquela loja de electrodomésticos estava a propósito de um frigorífico que o mestre-de-obras queria comprar para a sua casa. De resto, era de sol a sol, mandando tijolos para o piso de cima, fazendo massa, chapando massa, enchendo os buracos dos tijolos. E a casa seria aquela e não outra. Não havia espaço para sonhar. A pouco e pouco Justino ia odiando os diletantes, mas também não queria ser um homem demasiadamente prático porque sentia que perdia algo com isso. Como o tutano da vida.

Contudo, teria de viver de alguma coisa, como Raymond Carver, que havia sido, entre várias coisas, gasoleiro.

Justino tinha uma ideia particular em relação à escrita, pois era um dos seus passatempos preferidos escrever cartas a Telma. Nelas colocava sorrisos, pequenos bonequinhos brilhantes que comprava na estação de correios do Colombo, afinal as suas palavras, fosse Telma amante, confidente, mãe ou irmã. Acreditava sobremaneira na telepatia e os tempos que passara em casa incomunicável ajudaram-no a considerar-se um eremita no meio da gente. E essa crença aterrava-o, enterrava-o. Os sinais que via nas ruas eram de feridas abertas, de toxicodependentes no fundo do 42 à noite cheirando mal e preparando cigarros. Havia tardes em que ia até à Fnac esperando...e encontrou um dia “Olhai os Lírios do Campo” e “Mulheres”, de Bukowski, e um livro sobre multimédia de 98 em francês. Sentou-se e queria ter dinheiro para fazer uma biblioteca à sua maneira, onde os livros

pudessem ser visitado. A sua biblioteca particular de serviço público. Tinha de facto um desejo de comunicar ideias, por isso gostava de literatura. Os dias eram iguais, sempre regurgitando palavras, não como as noites em que sonhava acordado no seu espaço permitido. Entrava e a sua cabeça não parava mais até ao outro dia, sonhasse ou não. Portanto esta história tem para já duas personagens, mais todas aquelas que se podem descortinar da realidade virtual. Justino não tinha medo do amanhã, da diferença entre as ideias simples e as elaboradas. Trabalhava num hospital psiquiátrico, por isso não se estranhava. O facto é que o hospital não era para malucos nem malucos eram os que lhe vinham pedir dinheiro para café, beber um café, ou pedir um cigarro. Era um quotidiano. E por mais esforço que fizesse, mais descobria que não era uma questão de esforço. Uma sorte, talvez. Um dia destes estaria noutra lugar, ou no mesmo não interessa a pouca boa vontade e o respeito que tinha com quem lá estava.

É claro que os considerava malucos. O Padre Cabecinhas tinha ido à televisão apontando-se como último reforço do União de Leirena, clube que milita na primeira divisão de futebol. Acontece que era padre. E o padre negro ou sacerdote da Igreja do Maná que por ali buscava almas, um pouco do que os doentes não tinham. O problema é que tinha nascido com cabeça, com faculdades, não eram animais. O problema foi terem nascido com faculdades. Ele estava sentado num banco de jardim, brincando com uma flor, os pombos sacudiam o chão, passando por ele como se fosse um deles. E pensava No princípio tudo parecia atractivo, ele tudo absorvia e as pessoas, os dogmas, as dores de cabeça, as gentes, as origens e os percursos sociais, tudo fazia sentido de algum modo. Descobria que um novo amor se aproximava e um amor que ele demorara tanto tempo, por entre tanto sofrimento, a descobrir. O amor estava no fado, nas canções de Luz Casal e

era em Espanha que o seu corpo se levantava ouvindo sua música, na planície do calor.

Ricardo, o irmão, não tinha culpa de Justino tanta coisa querer e ao mesmo estando tão concentrado em si mesmo. O mundo poderia ser feito de outra forma ou, gritava dentro da cavidade craniana Tinha de me adaptar ao mundo. Nem tão pouco Flora tinha culpa de ter casado com um homem forte para a proteger de incesto. Até Freud tudo estava bem. Uma preposição hipócrita. Depois de Freud e Marx descobrimos Deus. Ficámos a descrevê-lo com os seus seguidores. Mas com Marcel Mauss e Lévi-Strauss descobrimos que somos humanos e que Jesus anda por todo o lado, não é só no rosto de Willem Dafoe. Tinha prometido que o amor venceria. O infinito diria Justino, está dentro de cada um de nós, hipocritamente dizendo, nas relações sexuais e sociais, o infinito, dizia...

De um pequeno livro de pensamentos retirados da Bíblia, Justino lia na capa que “estas palavras são fiéis e verdadeiras”. Sim, pesada era a herança de um catolicismo bacoco de velhinhas. Mas então ao que é que nos iríamos agarrar? O que seria preciso, numa atitude verdadeiramente científica, isto tendo em consideração o conhecimento da natureza humana, seria viver com uma e outra coisa. Sim, talvez Justino viesse a ser melhor cidadão se incluísse a natureza divina, mesmo sabendo que as mais bonitas não vão à Igreja. No regresso a casa, desfazia as malas com o ímpeto de um cavalo saltando a cerca em busca de pasto verde, verde. Ainda buscava numa frase, num aglomerado linear de palavras uma explicação, o saudosismo de um espaço, o que não poderia revelar todos os dias, a verdade todos os dias. Seria necessário como numa aula desfazer os novelos da memória, retirar linha após linha os riscos que fizera numa tela. Sim, amanhã compraria aquele livro de Raymond Carver. Que

se danasse o amanhã, sabia que tinha um corpo para trabalhar, como se diz na aldeia, na pequena aldeia que cada vez mais ficava longe, apenas uma esperança, uma hipótese no café onde bebera inúmeros descafeinado sob efeito do Haldol, que hoje ouvira de passagem alguém CPir. Depois a quem diria as palavras que tinha escrito. O que tinha escrito. Os dias estavam habitando uma outra esperança, que vinha do fundo dos tempos, que vinha do conhecimento dos sistemas, das memórias, uma irrefutável tendência para o suicídio intelectual. Rosa não tinha medo da morte, estava habitando um espaço pequeno e era viva demais para tal. Fazia as suas necessidades ali perto, alguém vinha de tempos a tempos descrever o cenário e implicar um sujeito como culpado. Eram os dias da destruição das torres do World Trade Center. Os homens não lhe interessavam, vivia de uma sexualidade libertada para si, a dois metros de si. Os homens eram perversos e maquiavélicos, essas seriam as palavras que

encontraria escritas num autocarro anunciando também um filme. Seriam essas as palavras que descreveriam em síntese a natureza humana. A religião era mais uma bolsa que explicava o mundo. Uma entre outras como até a música e as *raves*. A jovem alemã escrevera tudo a vermelho, até as mais pequenas reacções de flatulência do indivíduo. Esse Manuel Ventura apenas se arrependia de adormecer todos os dias na falésia com a verdade. Ali perto fizera uma cabana em madeira. Saiu de manhã no dia 2 de Agosto, prolongando o seu andar até à pequena ribeira que fazia um lago a cem metros da cabana. E quando sentisse tristeza, voltaria a reconhecer os seres vivos, voltaria para a cidade e deixaria Speranza. Queria morrer com esse sentimento de tristeza, de fado, esse sentimento que fazia bem. A sua altivez relegara-o para um plano bastante prejudicial ao convívio com os homens. Nessa noite de Agosto pernoitou ao luar, tentando respirar puro. Estava cansado de um esquema de vida da

cidade a que chamam rotina. As mesmas palavras para comprar um jornal, as mesmas canções na rádio os jovens que eram sempre irreverentes e pareciam não ter problemas ou que os tendo os sabiam solucionar. “Arre, estou farto de semi-deuses”, podia dizer como o poeta. Depois de passados meses de recolhimento e eremitério, tinha voltado. E pensar que podia experimentar expressões distintas de um mesmo segmento de concatenações da vida social. Nada tinha feito, nada devia a ninguém, contudo carregava um fardo que só podia ser o da civilização. Carregava uma cruz como a de Cristo, mas não, não se deixaria crucificar. Batera demasiado no fundo para lá permanecer. Arranjar um pseudónimo tratou-se uma questão de opção. Se alguém estivesse aqui para compreender a lógica do meu pensamento! Iria um telefonema resolver tudo? Só no dia seguinte poderia ter uma ideia mais clara. Para já, era tarde e eu desejava conhecer Zoe. Os estranhos sentimentos que procurava erguer para edificar um

edifício novo na sua mente estavam esbatidos no vermelho-sangue de um calçada.

O CERCO

Quanto a Lucas, trabalhava numa fábrica de gesso de um emigrante australiano que tinha regressado, volumoso, com o intento de fazer uma operação para encurtar o intestino grosso e com isso parecer mais magro. Tinha sido uma obra benemérita empregar Lucas, não que ele não trabalhasse, mas o seu atraso psíquico fazia dele a mascote da aldeia. Do outro lado estavam os que tinham saúde e não a aproveitavam. Ferdinando regressara da Holanda e os emigrantes em geral já se tinham todos ido embora ontem. O caso do Sr. Mané era distinto, todos gozavam com ele, por seu uma chaminé ambulante, seja, fumava que nem um desalmado e gastava o dinheiro em prostitutas. Virgílio era dos bons, dos antigos, dos que pouco falavam dos outros, preocupado consigo mesmo e com o seu papel neste cenário monolítico de poucas cores. Numa conversa com Ramiro, Justino soubera que às vezes

tem de se ter subserviência em relação a alguém, nomeadamente no que respeita à propriedade intelectual. As pessoas, aos olhos de Narciso d'Alva, pouco tinham mudado em dez anos. Continuavam personagens como os conhecera nos seus tempos de estudante. Por isso tinha de encontrar um outro local onde desenvolver o seu trabalho, um outro local também onde assentar arraiais para trabalhar. Que tirasse do seu coração os falsos sentimentalismos mas que alimentasse a sua esperança de mostrar os seu trabalho a alguém. Um dia, mais cedo ou mais tarde, a sua hora chegaria. Camus, Dostoiévski e Freud, todos eles trataram da loucura na fonte onde eu ia beber em pequeno, tenho saudades de lá, o que farei, o que não fiz porque dei confiança aos sonhos, o Eclesiastes diz que não se deve confiar nos sonhos e nós andamos aqui todos atrás de Freud e Lobo Antunes, outros ainda acreditam, felizes deles e Ventura tem uma parte da sua alma com esse ouro amarelo que o fará viver de acordo com o

seu destino, traçando o seu destino. A mãe está lá fora, em casa, preparando o jantar para convidados que foram nossos amicíssimos em França, Justino cheio de remorsos por a sua vida não ser linear, agora não há remédio, não é por deixar de fumar que vai ter mais uma conquista amorosa, o *hobby* continua a ser escrever um romance, este romance que levará muito, muito menos que mais tempo a ser escrito. Não será escrito para diletantes ou para aqueles que detêm cátedras de literatura ou outras, mas para os brutos, para aqueles que falam mal, que só falam de futebol. Vou explicar porque é que não posso escrever algo de verdadeiramente novo. Porque este é o meu lugar, sentado diante destas letras e como tive viagens solitárias preciso de vincá-las e atravessar outros caminhos para que se tornem fiéis e verdadeiras, reais, não, não hei-de ser vítima das minhas palavras. Regressando à narrativa, Narciso d'Alva estava naqueles dias revoltado, mas lembrava-se de São Francisco de Assis, o chamado Poverello

e de como tinha se entregue a uma causa e a tinha abandonado porque os homens são humanos e não queria hoje que as pessoas se aproximassem dele como de uma máquina de relatos. Como se tinha entregue à ciência e o homem é humano, soa a redundância, o homem é humano, não é ciência. O seu Eu escondia-se e a sua vida continuava conflitual e adiava o que mais precisava de ser a sociedade não queria já saber com o que ele dizia, o inverso tinha de se verificar. O seu romance final seria o retrato de um país nos anos de consolidação de uma democracia, anos de estabilidade financeira, em que seu pai continuava trabalhando, ele continuava sozinho à volta das letras, talvez fosse por isso que não havia companhia, estava já acompanhado, mas indignava-se com este fado, com este destino que tinha de fingir para sobreviver, vir à superfície. Não, tinha pago caro não ter ficado Sr. Dr., Stôr apenas. Queimara-se em alto fogo, exigira demais para si e agora

pouco tinha de si mesmo para dar. José Ruivo era um professor de geografia do liceu e quando pensara fazer um curso superior questionara-se acerca da filosofia, mas tinha vergonha de vir a ser filósofo. Por isso escolheu o que julgara ser uma espécie de filosofia do concreto: a ciência. No início do século 21, desempregado, sem namorada, ainda pensava, agora mais do que nunca, em ser filósofo, mas ligava esse desejo com a fuga para a frente que o levava a sair do mundo em que vivera até aos 15 anos para o seminário. O conceito de cidadania estava-lhe pouco arreigado. Era uma questão de dualismo entre cidadania e uma atitude ativa de separação da vida prática. O seu Ego estava confuso. Seria uma questão de dualidade? Não seria loucura pensar o mundo e seu destino sem essa dualidade? De um modo ou de outro, tinha perdido a ingenuidade. Os homens, no contexto português, exigiam das pessoas, eram mesquinhos, tinham interesses muito para além do deixar família e bens. À medida que o tempo passava ele

perdia a oportunidade de conhecer pessoas, colocar-se em meios importantes, posicionar-se para um cargo de importância social. Ninguém compreendia que ele queria ler livros numa sala, satisfazer as suas necessidades biológicas e pouco mais. Talvez tivesse Fraga Simões um excesso de modéstia. Talvez pelo modo como seu pai tratara a irmão o odiasse a si mesmo e a moral católica estivesse certa, mas ele não se julgava nenhum guerrilheiro ideológico de esquerda. Esses tempos tinham acabado depois de muitas frustrações amorosas. Talvez as respostas não estivessem nos livros e ele estivesse a fingir. Não havia tempo para justificações, onde quer que estivesse, aguentar diante da família que seria escritor quando o mundo à sua volta conspirava com energias negativas? E a velha bruxa que fumava enquanto fazia a consulta, tarde acabei considerando que fumar ou não seja o que importa, no entanto continua-se a exigir ao cérebro que ele importe palavras que estão no meio de um óleo e não podia

José Ruivo pensar mais em si, é certo que acabaria por adiar mais uma vez as coisas urgentes, como trabalhar todos os dias e ele até custava o problema era a ansiedade e que só naquela altura fazia o que a mãe e a irmão sugeriam, acordando de um sonho mais vívido que um filme que se vê sozinho. Diabolizando, Ruivo tinha o mundo nas mãos e recusava-se dizer todas as injustiças porque se sentia sozinho. Um dia estaria bem consigo mesmo e seria tarde? Mas seria este o seu destino? Mas não podia ficar só, parado, tinha vontade de aprender, tinha vontade de correr, trabalhar, mesmo no lugar onde se deita à noite não goste do seu corpo, ainda é tempo, não há fama a todo o custo, há apenas a conquistar as coisas que lhe são devidas. José Ruivo tinha passado muitos fins-de-semana prostrado na sua cama da sua casa em Lisboa, este homem buscava paz, paz para poder viver, paz consigo próprio, agora regressava à aldeia dos pais e não era velho, estava velho do lado negro da cidade de

Lisboa, pois o trabalho no da parte da manhã no hospital levava-o à loucura todos os dias. Num dia particular, ele sentiu que estava a mais, que havia pessoas que mais do que ele sofriam e ele não poderia continuar insistindo que era doente psiquiátrico. Ele viu-o surgir, mudou da jardinagem para o quiosque onde trabalhava. Humilhou-o num dia e José Ruivo não reagiu, como em muitos outros momentos da sua vida, como quando por exemplo, a mãe e a irmã lhe dizia para orientar a vida. José ruivo tinha aberto a caixa de Pandora aos 22 anos. Começara a exercer violência para consigo próprio, depois nunca mais as coisas se acertaram. A pornografia seduzira-o e ele já passara muito tempo depois da libertação dos seus sentidos. Tinha parado num ponto que o fizera marginalizar e sentia-se, no auge da idade, a ter de escolher uma ou outra coisa quando se tem namorada tem-se as duas coisas, tem-se tudo por uns tempos, julgo. Contudo, este homem, dia após dia conquistava mais verdade, como um

profeta sabedor, como a verdade de que o que está feito, feito está. Ele escolheu por continuar a viver, pelo que a pornografia já não lhe dizia nada. Tinha saudades de ir à casa de meninas onde Dionísio fora, no meio do pinhal, punha-se a reconstituir o caminho e se alguém ainda lá vivia. Tudo isto havia sido explicado num texto a que chamara “O Conflito entre a Carne e o Espírito”. Tinha adquirido uma certa sabedoria, vivia agora os tempos de velho, junto dos pais, como se tivesse já experimentado muito na vida e experimentou, pelo menos a intensidade. Abriam às 9 horas da manhã, sabia bem o café com o jornal que ele comprava para procurar emprego. Ele sabia secretamente que já não lhe conseguia, que esse emprego em Lisboa lhe estava a fugir. Depois era estar ali, fingindo ser doente quando se tinha uma mera perturbação. Era morar ali, era não ver teatro, festa, não era arranjar uma mulher, que uma mulher dá muito trabalho. Dá trabalho e é uma imposição da sociedade. Se olharmos para José Ruivo

enquanto criança, vê-se que nada realmente tenho lá dentro de patológico, que apenas viveu em ambientes que propiciaram que lhe colocassem há anos um rótulo e não foi pior por ele ter feito estudos e ter uma vida interior riquíssima que por vezes afluía enquanto tensão cerebral. Não, deixar a capital de um país ainda patologicamente atrasado, não foi um acto de cobardia, isso é o senso comum que o sugere, foi um acto de coragem. É claro que não é fácil aos 32 anos para quem anda numa itinerância intelectual notoriamente clandestina, mudar as coisas para melhor. José Ruivo desistira pois de estar no quiosque de um hospital porque se enfrascava de café e não se encontrara com ninguém naquela cidade. Mas este Ruivo, que se chama Dionísio, depois Manuel Ventura, Justino e Blast, era portanto um homem de várias caras, um espião, um agente em nome da palavra. Mas porque trabalhava ele tão afanosamente naquela fábrica de palavras, já que de nada lhe rendia, o seu nome fora da fábrica estava

associado a loucuras que entravam na cabeça de seu pai e que nunca mais saíam. Agora sabia que nada valia para seu pai, Brito Cunhal, contudo, continuava a vê-lo e sentir a sua presença incomodativa todos os dias. Depois, tinha sido filho de muitos irmãos, a saber cinco e de todos eles lhes custou separar-se por meio do casamento e mantinha com eles uma relação estreita mesmo após o casamento. Mas disto falarei mais adiante. Nos dias em que convivia com os seus colegas no quiosque, recusava-se todos os dias estar fazendo um trabalho uma pesquisa sociológica, escrevendo palavras para depois apresentar a um professor e obter um grau académico. Era mais livre do que isso, mas não quer dizer que o fizesse e faria-o, pois a isso era obrigado. Pelo menos o que se viria seria este relato, literário, porque já distante se sabia José Ruivo do mundo académico, não valia a pena forçar uma reentrada, era um autodidacta, um erróneo navegante das palavras e não pararia enquanto não encontrasse as palavras

o seu mundo de palavras para nelas recostar a cabeça, lhe
acariciar os contornos.

CLANDESTINO

As entranhas de Sofia iriam em breve ser dadas a comer ao povo, como num festim grego ou romano. Ela ansiava por esses momentos determinantes, contudo, a partir daquele dia começou a evitar o pai. O sargento Braz tinha chegado naquele fim-de-semana e ela, depois de dormir um sesta, não se habituava à ideia de ter de ser verbalmente violenta para com ele. Que se lixe, ele era militar, compreenderia. Depois de ter estado num convento para freiras, depois de ter feito sociologia, temia pelo seu futuro e já não podia contar com a mãe. Segunda-Feira tinha de ir para Congóis para que essa cidade fosse o seu último refúgio, diacho, não haveria de ser nada, tinha de pensar que não haveria de ser nada. Tinha de jogar junto dos pais da irmã e do cunhado, todos os argumentos a seu favor que não ousara jogar antes porque se reservara subentendendo a inteligência dos demais habitantes

do núcleo familiar. Era preguiçosa e calada, é certo, mas já que uma pequena doença degenerativa não lhe havia deixado fazer viagens, tinha de encontrar refúgio nalguma pessoa, é que todos a abandonavam naqueles dias, ninguém se importava, talvez não ouvissem os seus gritos mudos, talvez não quisessem as suas entranhas, mas tão-só que dormisse menos, que lesse mais, que fizesse o que tinha de fazer, tendo em conta essa sua limitação física. Incomodava-lhe finalmente a presença do sargento Braz, viúvo, fumador inveterado, incomodava-lhe. Mais a mais, Dionísio estava na Albânia numa missão humanitária havia mais de dois anos. Justino perdera uma certa visão poética de ver o mundo, como se lhe tivessem arrancado o sexo, perdia-se sozinho em labirintos que só lembravam Kafka, existia, o seu coração batia, batia. Blast deixara o mundo cibernético. Era caro demais, havia lá um deus que não queria dar o seu nome mas que governava aquele mundo. Pedro Nave telefonara quando Narciso d'Alva

abandonara de vez a postura solipsista, telefona para dizer que Lisboa era melhor do que Congóis para viver, Tinhas lá os teus contactos, foi uma mudança radical, Eu quero lá saber, isto é uma aldeia global, a minha mãe adormecida de cansaço, simplicidade e beleza, Pedro telefonou e foi o que basta ou para se Justino ver que o que ele queria era controlá-lo como uma marioneta, porque é que temos de dizer as coisas na frente das pessoas e daí surge a violência. Narciso d'Alva estava noutra situação. Sem o prazer de guiar, encontrava-se preso há mais de um mês na aldeia. Todas estas personagens encontrar-se-iam numa festa, em Congóis ou no Seixal. O mundo é cão, há que vestir a pele de cordeiro sendo lobo. O mundo é dos maus. Os bons são feridos. Esta é uma tese algo abstracta, contudo há que defender ideias que nos protejam no dia a dia. Lara desejava há longo tempo sair da península ibérica, do continente, sair para a América, fosse do norte fosse do sul, sabia de conhecidos seus que havia voltado sem

sorte mas podia ser que se desenvencilhasse num cenário totalmente novo. Todos os dias pensava nisso, todos os dias lia o pouco para pensar que alguém numa parte longe do mundo estaria a pensar o mesmo que ela, que desejasse o mesmo que ela. É lógico que com 40 anos e casada, não ia sair, fazia todas as semanas a limpeza à casa, às vezes com obsessão e á noite não podia sair devido a isso. Tinha poucos amigos, consultava frequentemente a mãe para falar com ela sobre os seus assuntos e problemas, tinha um irmão de nome Lúcio que andava há que tempo para arranjar mulher e pouco se importava com isso. Em Congóis, Lúcio tinha perspectivas abertas. Não gostava de trabalhar nas obras, nunca o fizera com grande vontade, já que a sua genialidade para o pensamento especulativo levava-o para o campo da filosofia. Lara e sua iam ficando desgastadas com a hesitação de Lúcio em escolher um local para viver, uma vida própria. Com estas personagens só se podia esperar um milagre, um milagre

dentro de dias. Esse milagre esteve quase acontecendo não fosse a teimosia e o vício de Narciso d'Alva. Manuel Ventura deixara o tabaco, mas continuava a pensar de modo negativo, mas ao menos sabia que existia outro mundo para além dele. Mais do que isso, tinha reconhecido o que era verdadeiramente, tinha-se visto ao espelho na tarde em que o irmão de Dionísio, Bernardo, lhes tinha feito uma visita, para aquele contudo, o tempo não jogava em favor, já que dentro de dias teria de partir de casa para outros afazeres longe da terra de infância. Era confuso saber como se é sem nem sequer os outros falarem de nós. Avançar ou recuar, vida prática ou teorismo? Livros ou tijolos? Narciso d'Alva, os seus dias estavam chegando ao fim. Não podia ser mais uma criatura só, inerte, uma réplica das palavras de Kafka, um ser entre a ciência e a literatura. Onde estaria a fronteira do medo? Poder-se-ia estar nos dois territórios? O caso tinha de ser resolvido, como o fora a matança de toiros em Barrancos. O caso é que

a ciência académica estava longe, temos de ser realistas. Havia de depositar na literatura a esperança de resolver enigmas como o da vocação de Narciso d'Alva para que nascera e essa seria, aparentemente, escritor. Filósofo para quê, só por diletância ou engano e na sua vida não podia haver enganos, tudo batia certo pois o seu coração batia certo. Pois, tinha deixado Lisboa e não se dera conta ainda das saudades, um dia iria senti-las misturadas no vento de outras paragens. A pouco e pouco, Justino apercebia-se da sua versão subversiva das pessoas e nunca compreendera porque é que um dia Cardoso Pires havia dito que “a função do escritor é corromper”, mas concordava com a frase. No dia seguinte, Justino ou Manuel Ventura iriam fazer uma corrida redentora, já custara muito a Dionísio purgar pelos seus pecados. As nuvens negras, os rituais satânicos que efectuavam um grupo de jovens marginalizados junto ao castelo, à beira da estrada, é de uma viagem interior com

nicotina e cafeína que se trata tudo isto, e as personagens acusam cansaço. Não, que Narciso d'Alva não podia ficar mais tempo naquela aldeia, já que a comunicação com o seu pai estava anulada, isto é um manifesto de honestidade intelectual, pois o delator destes factos vai um dia pedir a alguém que dissemine as suas cinzas no Tejo ou no rio da cidade onde nasceu se algum dia a vier a visitar. É honesto para com deus que Dionísio, enquanto vive a sua idade adulta, se dê com Manuel Ventura e Justino, já que Blast está ancorado num canto do mundo virtual. Justino encarou a possibilidade de abordar uma jovem polaca ou romena que serve no café, seria inédito um casamento desses na aldeia. Andou dias com ela na cabeça, confundia-a com outra que vira em Limoges, haviam saído juntos para um bar, chamava-se Anna e ele sentiu que ela era a mulher da sua vida, mas a sua disposição naqueles dias, descia de dia para dia, como quem

se metera, deixou-lhe uma flor junto à cama e ela não queria nenhuma serenata nem fado, queria antes salero.

Justino estaria de partida para o Porto e julgava-se num labirinto estranho, feito de cimento quem nem sequer estava pintado ou rebocado. Iria tomar um barco até ao Brasil, se desse bem talvez subisse o continente. Queria tudo muito depressa, talvez por isso pouco tinha. A sua amada conhecera-a um Moçambique, num serviço voluntário que para o levava no auge da juventude. Conhecera também o Padre Nunes, reconciliara-se consigo próprio. De Angola não chegavam boas notícias a Portugal, Blast tinha por lá, já que era um pouco doidivanas, um primo que gostava mesmo de África daquele furor de vida que se espera e desespera por encontrar em Portugal e que só em certas altura vem à superfície das gentes. A consciência de Tatiana, sua filha,

desde cedo e pequena que estava activa e a menina de 9 anos não se perdia em palavras.

Viajar não é coisa de tolos, custa investir tempo e energias num destino, Blast no entanto apodrecia sentado a jogar Nintendo já que o pai lhe cortara o acesso à linha telefónica, era um jovem de 22 anos e inconsciente dos perigos em ser conhecido, talvez daí porque conhecera já países orientais e tinha estado em Timor. Mas para Manuel Ventura, que se preocupava exclusivamente com a vizinha Espanha e com a guerra civil, Timor não era um simples destino, desde que lhe tinham negado o acesso a um mestrado sobre colonização-pós-colonialismo, não se tinha apercebido de como é importante para a cabecinha dos portugueses o antigo império. Ele tinha-se apercebido que não vale a pena escrever uma tese para consigo próprio, ela tem de ter alguma inserção social. Narciso d'Alva, de quem se diz mal nesta parte, morreria assim, no seu covil, ignoto do mundo, e das mulheres com

quem sonhava e gastava o seu pensamento nisso e o seu corpo, pois ainda desejava ir às mulheres da vida, já que tinha falta de iniciativa nos seus 35 anos, subjazia a sua iniciativa e não podia fazer nada sem anti-depressivos. O seu primeiro passo seria procurar uma menina que estivesse disposta a aprender as perversidades que habitavam o seu espírito. Mas porque não nos interessa descrever apenas o que soçobra ao olhar, sabendo que a idade traz cansaço do olhar e que mais importante são outros níveis do pensamento, a ordem natural das coisas é mesmo assim, Narciso d'Alva, esse velho Narciso d'Alva acabou, porque deixava as coisas a meio e não interessa aqui ao leitor o processo de uma doença. Num espaço geográfico relativamente ínfimo e sem o estatuto cultural e literário de centros culturais, onde parasitas literários se aproveitam para comer as mulheres que fazem a edição dos seus trabalhos ou as jornalistas que os entrevistam, bem esses não ficam nas histórias, o que fica na história é o

reconhecimento e Narciso d'Alva havia visto nitidamente a sua imagem nas águas do rio, as águas calmas que serviam de espelho perfeito. Mas não valia a pena relatar as muitas afinidades das personagens que evoluem numa metamorfose até se tornar num cadáver que os mirones podem contemplar boquiabertos. Uma mulher, um dia, varreria todas estas páginas e as levaria. Em breve essa mulher iria devassar a vida de Manuel Ventura. Pois, bem se podia esperar, é que há uma honestidade intelectual do delator em anunciar uma personagem que na vida real não vai surgir. Não é intenção ser diferente de todos, ler todos os autores da literatura para ser diferente. Essa não pega para sensibilizar o delator. Tivesse ele sustento e trabalho e não estaria aqui contando as características destas personagens. Contudo, há uma obrigação moral em fazê-lo, como Justino, que esperava somente vir para a aldeia no final da vida e ficar em Lisboa todo o tempo até lá, mas que por motivos de imagem teve de

regressar para um ambiente mais moderado. Contudo, continuava a fumar e beber café, o que se havia de fazer, quando surgisse uma oportunidade, iria fugir para outros lugares, onde fosse ignoto, onde não carregasse a culpa de ser português. Lurdes Norberto achava que tinha o rei na barriga e António Estêvão não respondera ao telefonema de Justino Broas. Dizia ela que tinha escrito um livro, pois eu queria vê-los morando nos Prazeres com futebol parecia uma réplica da situação do campo de futebol na aldeia de Justino. Narciso d'Alva por outro lado, quando habitara na mesma casa de Justino, como hóspede, havia sido jogado para um lado e para o outro e sofrido de maleitas horríveis impossíveis de descrever. Não podia calar, não podia ser em vão. O fruto desses dias seria a potência deste delator, já que os livros não se escrevem com dores de cabeça mas com sentimento. Era tudo uma questão de poder que se jogava na aldeia de Três Riachos e que não importava esmiuçar, talvez importasse em

termos de introspecção, pois o pai de Lurdes Norberto era presidente de junta havia quatro mandatos. Uma questão mesquinha de poder. Nenhum dos filhos havia tirado um curso superior e as suas energias estavam viradas em tentativas suicidas de dominar um território onde ficava a casa de José Gaspar.

Narciso d'Alva nascera depois da revolução dos cravos e isso não queria dizer nada, pois ainda hoje entre nós há forças de direita extremamente subversivas. A revolução deu-se porque se tinha de dar, porque se deu também noutros países a partir do Maio de 68.

O mais irónico é que as instituições religiosas nada tinham mudado e Narciso d'Alva sofreu com isso até à morte. Teve um percurso biográfico que o levou à vida religiosa pela vergonha de se assumir os seus desejos como jovem. Mas tudo bem, aguentou até aos 18 anos. Depois a imagem da

igreja ficou abalada pelas pessoas que encontrou. Aguentou até aos 25 anos, não pôde fazer mais nada.

Encontrou equilíbrio após um curso superior na psiquiatria, mas, muito mais do que na psiquiatria, no encontro consigo mesmo, o que quer que isso queira dizer. E sabe deus que equilíbrio. O comportamento perverso alicia e induz ao comportamento perverso.

DOM QUIXOTE DE RIACHOS

A situação de Narciso d'Alva era desesperante no final da sua vida. A pouco e pouco ia definhando e desenvolveu um tumor nos pulmões diagnosticado tardiamente devido ao consumo de tabaco. Isolava-se e tinha medo de sair de casa, inventava mil desculpas para não o fazer depois de ter casado e de ter tido dois filhos, aos 50 anos encontrava-se senil e com a mentalidade de uma criança. No final da sua vida não se tratava já de desistir ou não, o cancro era fatal. Nada podia fazer. O destino fora mais forte. Seu filho Orestes rumara para o Brasil e estava agora estabelecido na Bahia com um restaurante. Quando recebeu o fax da morte do pai não se comoveu, porque para ele já tinha morrido há bastante tempo, de pois da vida que tinha começado a fazer depois que Laura havia partido deste mundo. Contudo, não rasgou o papel e veio até este lado do atlântico para ver o pai descer sete

palmas abaixo do chão. O mesmo não acontecera com o outro filho, Ricardo, que há longo tempo não saí da aldeia onde Narciso d'Alva tinha poiso e que não se dignou acompanhar o pai até à sua última morada pois era comodista e temerário. Tinha 34 anos e ainda não arranjava trabalho e mulher, embora tivesse condições exteriores para tal. A situação familiar tinha chegado aos limites e Ricardo era o pómus da discórdia, o elo mais fraco, sua irmã Helena tomava já anti depressivos há dois anos, seu pai Narciso d'Alva, ignorava-o e Ricardo adiava uma vida social que podia vir a ter. Há cinco meses que estava em casa junto da mãe, Monalisca, sem nada fazer. Saía apenas para comprar tabaco e medicamento para a sua maleita psíquica que não era mais do que disfarce de preguiça. Que esperar, que raio de esperança manter no seio desta família. Depois, como Ricardo e Narciso d'Alva tinham uma vida parecida, ignoravam-se um ao outro, como se um não tivesse sido gerado pelo outro. O pai de Lurdes Norberto, Ildefonso

zangara-se com José Gaspar havia mais de trinta anos e nunca mais falaram um com o outro. Aquele cumpria o seu quarto mandato como presidente da junta. Secretamente, o povo esconjurava José Gaspar por ter um filho ilegítimo e ter por filho Narciso d'Alva, era peso a mais para a sua cabeça. O povo, que se mostrara tão justo em muitas alturas, revelara-se moralista e hipócrita nesta, como se estivesse castigando José Gaspar conferindo o poder político a Ildefonso. O certo é que a vida de José Gaspar era exemplar como pai de família, no trabalho e no trato com as pessoas. Narciso d'Alva, contudo, estaria disposto a abdicar de todo este território onde se desenhavam estes acontecimentos par rumar para outra terra e embora tivesse adiando o seu próprio futuro permanecendo em Riachos, sabia que um dia haveria de partir para não voltar mais pois fizera um juramento e neste aspecto ele não deixava abébias. A sua presença em Riachos era nula presentemente, no ano que corria de 1979 e ele a pouco e pouco iam-se

anulando da convivência das pessoas. Aumentava a ansiedade da partida e por isso a adiava. Contudo, antes de completar 38 anos jurara que não seria enterrado na terra de seu pai. E o que pensavam a irmã e a mãe de Narciso d'Alva? Rita e Hermengarda gostavam da sua presença, mas eram quem dele faziam um ser minimamente social. Controlavam as suas horas de sono, os medicamentos, o excesso de comida que ingeria. Muito, mais do que foi dito anteriormente, haveria a dizer destes dois personagens no âmbito do território que Dionísio pisava.

Rita tinha acabado o seu curso e arranjado o seu emprego, casado e Narciso d'Alva suspeitava que ela e Hugo não tinham filhos porque a sua situação não estava resolvida, nomeadamente no campo económico, ele ficava a pouco e pouco esquecido para ser lembrado, tinha perdido e aprendido a perder, via inimigos em todo o lado como D.Quixote, sim, talvez Narciso d'Alva fosse mesmo um Dom Quixote que cego

de utopismo não permitia que os outros vissem mais além do horizonte. Hermengarda, por mais triste que fosse para uma mãe, guardava o dinheiro de Dom Quixote para não o gastar numa mulher feita de carne e osso disfarçada de Beatriz. Justino continuava com pensamentos desconexos, falava pouco naquele ano de 89 em que as cinzas de Narciso d'Alva haviam já sido espalhadas pelo rio Mondego. A doença daquele não tinha cura, uma doença pouco comum, diziam os médicos. Quanto a Manuel Ventura, aos 87 anos regressara a Riachos. Imaginar como seria a sua aposentadoria o seu final, *caput*, fim de vida...podia ser escrevendo memórias, ninguém tira o direito à palavra neste país democrático, ninguém tira o direito à vida, ninguém tira o direito à morte, ninguém senão uma entidade transcendente, embora ainda haja alguns ressaibos de direito disfarçados por um catolicismo mais papista que o papa no nosso jardim à beira mar plantado. Adiante trataremos do assunto. Justino teve de passar o resto

dos seus dias no hospital José Régio: de manhã tomava o pequeno-almoço e a medicação, depois saía um pouco para dentro da cidade com o dinheiro que lhe davam no bolso, um 5 euros, gastava-o em café e raspadinhas e muita gente lhe roubava o pensamento. Regressava ao hospital para almoçar, sem dinheiro, depois ia pedir para junto da Igreja de São João de Deus, passava, mesmo tardes bonitas, falando delicadamente com as pessoas. Algumas, no seu ardor de competição nem lhe ligavam e ele logo improvisava com umas roupas um mimo de uma peça de teatro que pelo hospital passara. Cansado e falar e pensar, de estar fora do contexto, dos contextos da ciência, havia-se habituado a dores de cabeça intensas. Diogo estava a 14 de Novembro de 54 à sua espera, para continuar escrevendo um livro, devia escrever no livro amarela como um licenciado se deixou arrastar e foi depois arrastado pelas hierarquias do hospital, desagregando a sua mente e escondendo para sempre o seu sentimento e o

seu espírito. Mas também mais adiante voltaremos a falar neste assunto. A vida era complicada até para Blast. Esperava sempre um dia voltar ao mundo cibernético, mas depois juntar um dinheiro para uma viagem que o ajudasse a ver a vida de outra maneira. O mundo cibernético seria o seu cemitério. Mas o que fazer quando o que se suponha belo está definhando e morrendo? Começar, começar de novo, tentar. É o que se passa com este meu relato. Nesses dias de 1987, passaram dois meses e Justino pouco fazia. Tinha de ir a Congóis e não ia nem sequer para passear, nem ia a Leirena nem a Pombais. Estava só, desempregado, a mesma situação de sempre, aos 37 anos tinha tudo e nada pela frente. Tinha dez anos para tirar a nicotina do corpo e ter esperança de viver mais tempo. Estava de alguma maneira fora do mundo mas não estava condenado, resistiria até ao fim, iria onde quer que fosse com o lado fraco e o lado forte da sua mente. E o mais importante, com o seu coração, com todo o seu coração. Sim, dormiria

sem remorsos de nade ter feito durante o dia enquanto seu pai trabalhava numa casa perto do anexo onde semihabitava, e iria, logo pela manhã, a Congóis, para arranjar um quarto, conhecer a cidade, pois não podia ficar incomunicável com o resto do mundo. Não, Justino não estava no José Régio, estava em casa onde o futuro podia e seria concerteza redentor, não ficaria à espera, cairia em batalha, em pé ou correria atrás do prejuízo. O que acima se disse dele foi um fresco de uma camada da sua memória. Alguém tinha de saber o que se passara com ele naquele hospital, alguém tinha de conhecer as vidas destes personagens, ao menos todos o povo português e quem não soubesse ler que lho lessem alto para saber das tentações, juízos e actos destes personagens. Um livro é um acto de vida, não pode ser acto de diletante, é um compromisso para com a sociedade, por isso o delator anular-se até ao final como o árbitro num jogo. Enfim, Marinela estava bem perto de Manuel Ventura e ele passara por ela

várias vezes e sem dar conta de que “ela” a cumprimentou correndo sempre para afazeres pouco sociais. Seus netos viam horas de televisão e estava sendo preocupante porque se repetia o cenário dela quando era pequeno, primeiro com a TV Philips a preto e branco e depois com a Samsung a cores. Era tempo de partir para outra aldeia, para uma pequena cidade e ele não fazia o mínimo esforço estava constantemente a dar tiros nos pés, não dialogava com o pai por erros passados. Manuel Ventura não podia ficar ignoto do mundo as suas aventuras tinham de ser conhecidas do mundo literário, do mundo, o tempo passado a observar pessoas tinha de ser delatado para que as pessoas fossem melhores. É esse também o objectivo deste delator. Realidades vividas para mais justiça social. Maria Andrade confundira isto tudo e tinha a vida devassada passava quase todos os dias no quiosque onde Narciso d’Alva trabalhava. José Abrantes servi-a com delicadeza e ela, algum tempo depois confidenciou a Narciso

d'Alva que havia sido violada por um irmão de um futebolista. Para Narciso d'Alva as coisas eram claras, estava ali para conhecer pessoas, para se recuperar e mais tarde resultou que contou os azedumes, o sistema em que nunca tinha entrado mas tinha visto o rabo de fora e como era feio! Para Justino todas aquelas semanas haviam sido pensadas em relatar ao delator destes escritos o que fora a sua experiência, a sua mundividência, o mundo no Portugal dos anos 90 era simples, poder, sexo, religião, o que é que podia haver mais, tinha de haver mais, acreditava que o medo era infinito porque infinitos os pensamentos e sentimentos e enquanto o homem estivesse sobre a face da terra o mundo seria infinito. A ideia era um pouco simplista, mas dava esperança aos dias de Justino e Manuel Ventura. Fora um velho ambulante que lhe dissera isso um dia numa rua de Lisboa.

A CRUZ, O CRAVO E A ROSA

Estranho hábito o que nos faz estar perto dos nossos e não ser desejado. Justino não quisera fazer uma estória da sua aldeia naquele ano de 94, mas estava só dando um lamiré da sua presença. Ninguém se merecia um ao outro. Nem o povo merecia Justino, nem Justino merecia o povo, demasiado rude na figura de José Gaspar, que não compreendia qualquer subjectividade, ele próprio era um ser desprovido de subjectividade, acreditem-me os filósofos, e Ana Bolena que vivera desde 1907 e passara fome em duas guerras sendo esposa em terra alheia. Não, estava ficando demasiado par Justino. O prémio para o escrevedor destes relatos seria apenas sopas e descanso, uma nova vida, pois que este filho já se podia sustentar sozinho. Não adiantava estar mais sozinho resolvendo estes escritos. Haviam de ser dados à luz numa ocasião oportuna, quando passasse tempo de

maturação suficiente. Ana Bolena sofria com Narciso d'Alva, que sofrera várias experiências pós-morte e foi um ser atormentado até ao fim da sua vida. Vivera Ana Bolena duas guerras mundiais e seu pai emigrara clandestinamente da Andaluzia para a Galiza, local mais resguardado, onde atravessou facilmente o rio Minho e se estabeleceu como mecânico no lado de cá. Conheceu Laurinda Aguiar numa dos bailes de paróquia de São Tiago de Almarés e, embora nunca tivessem tido casa própria, as suas filhas, salvo Belinda que morre de meningite aos sete anos, sobreviveram do regime salazarista até à primavera dos cravos. Hermengarda sustinha a respiração para no hospital dar luz ao seu terceiro filho. Já tinha nome: Tobias. Os seus dois irmãos, Tiago e Jó eram crescidos e estavam fazendo a sua vida. Jó tinha tido a paciência, que é mesmo assim, de esperar cinco meses para namorar com aquela que seria, no ano de 1991 a sua mulher, casamento civil de religioso. Já Tobias permanecia solteiro, ia-

se casando, o que não quer dizer que tivesse vida fácil. Não tinha carro e isso demovia-o de ir a muitos lugares que gostaria de ir, mesmo durante a semana. Era outro ser que cada vez ficava mais sozinho, como seu avô Narciso d'Alva. Definhava de hipóteses. A sua situação social na aldeia de seu pai era cada vez menos isso, social. Curiosamente, era o café e o tabaco que o faziam encontrar pessoas. Estava faltando-lhe um ideal, ouvia todos os dias a mãe e a irmã incutindo-lhe coragem, mas ele não ouvia, era como um toxicod dependente que não queria largar as drogas. As tentações e os demónios perseguiram-no para sempre, quando julgava estar liberto, esse momento era ilusório e fugaz, outros piores desciam sob a sua mente, impedindo-o de ter um diálogo fluído com uma ou mais pessoas. Sim, Manuel Ventura partiria para uma viagem das ditas reais, para se desenvencilhar, não podia estar mais esperando por Dulcineia, tinha de percorrer todo o país atrás dela, já que tanto tempo tinha esperado pela montanha

mágica. É isto que nos apraz dizer de Manuel Ventura, que ainda não pensara em epitáfio mas andava pensando nesses solarengos dias de Setembro, enquanto se preparava para viajar até norte dentro de poucas horas. Blast, entretanto, fizera regredir a sua vida com jeitos e preconceitos estranho, readquirindo o hábito da sesta. Não era bom para quem tem um estabelecimento comercial e precisa de estar sempre vivo e bem disposto para atender os clientes. Quer, dizer, convém estar sempre bem disposto. Em Riachos, as coisas continuavam na mesma, Manuel Ventura não sentia necessidade de ir até Lisboa ou Congóis, mesmo que fosse premente arranjar por lá um quarto e começar a trabalhar. Estava esperando intervenção divina? Ou intervenção do passado, das pessoas que conhecera no passado? Não valia a pena. Ninguém dava cêntimo a ninguém. A vida era uma roda livre, uma desordem e a ordem estava compondo um dos espaços da roda para se acertar, só um. Riachos era uma

miragem que nunca se concretizaria devido à qualidade das pessoas, por isso nenhum das personagens iria ficar lá até ao fim dos seus dias, cada um procuraria o seu lugar para viver e morrer o tempo que lhes restava.

“Que me importam que alguém diga que estive num hospital...todos me evitam como se tivesse peste.” assim começava o livro de Kafka. Um novo filho estava prestes a nascer. Um estava a definhar e iria dar lugar a outro, talvez um policial. Ou não valesse cuidar desse filho que ficaria para sempre selvagem entregue a si próprio e fosse descoberto pela civilização 50 anos depois. Podia ser que a reencarnação de Ernest Hemingway o descobrisse na selva africana. Não, não valia a pena ir ao hospital pelo mesmo caminho, iria por outro, evitaria o quiosque, trilharia um caminho próprio, pois não podia esperar que um cataclismo familiar me fizesse abrir os olhos e viver a vida 24 horas por dia. Nem a Justino valia apenas ir ao café naquelas horas, porque não se podem cavar

palavras de um homem sem armas. No entanto foi e bebeu um descafeinado e passara sem dizer nada a amigo e não há actos apolíticos, tudo é político, começando pela ausência de actos, de modo que é bem ter o espírito alerta. É com nervoso que o delator continua debitando palavras. Agora sobre a utilidade do romance, que está chegando ao fim. Quando se fica louco com um filho é melhor abandoná-lo à sorte.

Gabriel estava dando-se bem com a vida, saltava contendo depois do pequeno-almoço que lhe dava a mãe no centro histórico de Riachos. A sua tia Graziela tinha procurado fazer medicina, mas ficou-se pela biologia e dava agora aulas perto de Lisboa, enquanto o pai de Gabriel fazia casa a poucos metros de distância, junto do rio. Não sei a que propósito me surge mencionar esta família, talvez seja por estar próxima sua habitação do local onde à luz do computador e canto dos grilos, debito estas palavras. Outras duas famílias estiveram nas férias de Agosto, mas foram já embora porque as aulas

em França começam em Setembro. Pois, estamos em Setembro. A planta dos lugares das casas e dos acidentes da paisagem ficou com uma professora, de que coisas me lembro, talvez este romance me dê por conclusão de que custa realmente ter filhos. E que o delator desta narrativa nunca saberá o que é ser mãe. Afinal sou um simples existencialista como Sartre ou Camus. Lembro-me de pequeno, quando luz debaixo dos cobertores com uma luzinha. Eu não preciso de escrever! Não preciso de saber! Não me bastariam as sensações do corpo para deixar de ser perseguido pelas do espírito?

O delator destes relatos não mais fará desafios deste género. Não cabe bem, tira lugar às personagens. Acabou Narciso d'Alva por renascer como uma Fenix e pegando no livro de Virginia Wolf "As Ondas" começou a ler. Enquanto isso, Manuel Ventura estava sendo iniciado no islamismo. Blast também se convertera ao catolicismo, fez primeira

comunhão e antecipou a velhice de Narciso d'Alva. Corria o ano de 1999. Era este o ano da primeira série televisiva transmitida em Portugal de ficção científica que dava aos sábados que Narciso d'Alva via com o irmão José. Ocorrem várias vezes em que Narciso d'Alva se quis elidir do mundo de tanto que queria sentir prazer extremo em conjunto com outras pessoas. Decerto que a pornografia o interessava, mas era um mal de civilização e isso ele sabia-o. Poder-se-ia dizer o mesmo de Justino? A todo o momento ele não se sentia bem no que fazia. Estava ainda na terra de seu pai, esperando uma oportunidade para ir para um lar de idosos. Não lhe permitia a família que andasse por aí com um carro. A vida corria lenta em Riachos. Manuel Ventura em breve viria visitar Narciso d'Alva e poderiam ir os dois à pesca na barragem. Entretanto, não muitas guerras se passavam na aldeia, o presidente da junta continuava o mesmo, como o pároco, que ia já em 20 anos de pastoreio. Padre Barros era uma dessas pessoas

invulgares, com um auto domínio de um saber enciclopédico que faziam inveja aos professores e aos médicos da aldeia. Sabia usar o seu poder com parcimónia. Não era comparado ao que tinha antes da revolução de Abril, mas mantinha uma casa simples, sem televisão, com poucas peças para além daquelas que lhe tinham ofertado em 1972. Rogério, o coadjutor, tinha andado em África. Houvera escândalo quando se soube do passado do homem, num colégio em que tinha abusado moral e fisicamente de várias crianças em formação. Contudo, o bispado veio à aldeia e isso bastou para que se assentasse da humanidade do homem que dali não passava mais. Soubera-se do passado do homem, que procurava a mãe e fora adoptado, carências afectivas, tudo isso o levava para a pieguice. Narciso d'Alva deixava correr o tempo e sabia que a verdade, em alguma forma, impressa ou sonora, viria sempre ao de cima. Um seu amigo, Aníbal, tinha andado no colégio onde pelo tempo tinha passado padre Rogério. Depois

de se fazerem amigos, Rogério aliciou o jovem de 18 anos que tinha já dois de seminário a ir frequentes vezes ao seu quarto. Deixaram de se falar porque o homem não largara o jovem e Aníbal fugia porque tinha o corpo sujo de pecado nem sequer pensava nas consequências que para a sua fé trouxera aquela manipulação e aliciamento. Pois, para Aníbal, a fé deixou de ser muita. Deixou de ser pouca. Passou a ser nenhuma. Ele, que até aos 18 aguentara puro o seu corpo. Aníbal não conhecera Narciso d'Alva mas um dia o padre Rogério fez com que os dois fossem à fala, isto porque a confissão tem destas coisas. Numa conversa de café, falavam os dois sobre Rogério e do tormento mental que havia sido para os dois abandonar a instituição religiosa. Narciso d'Alva, porque levava as coisas muito a peito e só muito mais tarde percebeu o que é ser-se humano e ter fé. Aníbal porque confiara na religião os seus “verdes anos” e ficara desapontado com uma pessoa em particular. Por isso, os dois não conseguiriam levar uma vida

com independência, eram dois homens perto dos 40 como cegos, vivendo a partir dali uma noite eterna. Os momentos como este fazem-nos valor quão o mundo é cruel, como as crianças dizem, mas fazem-nos duros, por mais amáveis que sejamos no trato com o semelhantes. O que se passa é que os media se servem de acontecimentos como este para conseguirem reforçar o seu poder. Mas passado esse momento, a vida volta ao normal. O impacto das instituições no percurso de Narciso d'Alva foi coisa que durou tempo. Ele não podia ir pela rua interpelar pessoas sobre estes assuntos. Precisava de um lugar próprio. Esse lugar nunca existiu. Até um dia, em que eclodiu uma crise, o ser que o nome Dionísio continha desmembrou-se, desordenou-se, depois de ter vindo aos 18 anos gravemente ferido de uma instituição religiosa, encontra as instituições psiquiátricas aos 25 anos. Não podia seguir sozinho. Deu tudo de si, relatou tudo o que era, o que queria ser, o que sabia fazer. Os médicos nunca

verdadeiramente o ajudaram porque nunca o conduziram a um trabalho remunerado, nem dentro nem fora de muros. O sofrimento deu-lhe autoridade e mais sofrimento. Agora também não ia desejar entrar nas instituições académicas. Estava safo, finalmente, estava salvo de tudo o que lhe impedira o crescimento.

ADEUS RIACHOS

Quando Manuel Ventura chegou a Riachos trazia muita bagagem e o cabelo rapado. Trazia consigo uma mulher de vestes orientais, mas para espanto de Narciso d'Alva, Jade não era oriental. Explicava-lhe Manuel Ventura que ela era muçulmana, mas que ele era budista. Bem, Narciso recebeu-o no seu quarto de visitas, já o tinha vago e preparado há sete anos, altura em que seu pai falecera, sim, porque ser pai era de bom feito e não precisava de ser levado para um lar de idosos. Sua neta, Priscila, cuidava do bisavô como se fosse uma boneca em tamanho grande. Todos os dias lhe fazia perguntas lógicas que tinham a ver com as necessidades fundamentais da pessoa humana e isso agradava ao velho Gerondino. Manuel Ventura era como se fosse um clone de Narciso d'Alva, só que tão temperamentalmente distinto que apenas a semelhança física pois aproximava à primeira vista.

Em poucos dias Narciso d'Alva mostrou a aldeia a Manuel Ventura e ele encontrava-se bem e estava disposto a ceder o lugar a Narciso d'Alva para este embarcar para outros lugares, fazendo a sua velhice um pouco melhor. Mas era tarde para Narciso d'Alva, queria sopas e descanso com a sua segunda mulher, Gretel. Jade trouxe olhares diferentes a Riachos. Era uma mulher morena, boca fina e olhos verdes, rosto longilíneo. Mas ficou por pouco tempo, pois o pessimismo e inveja da generalidade das pessoas fez com que Manuel Ventura regressasse ao Oriente.

Ele não tinha tido tempo para fugir a seu pai. Em Riachos havia um grande silêncio em redor da casa. Contudo, quando começou a agonizar, as pessoas começaram a aproximar-se como abutres, como se fossem votar nele em massa para presidente da junta. Rita e Hermengarda faziam vigília e Ricardo viera apenas ver o pai nos últimos momentos. Trazia já consigo uma turma de filhos, o que era pouco invulgar

naquele ano de 1997. Viviam em Montalegre e eram já todos meninos de escola. Não o viram morrer, havia sido demais para Ricardo ele próprio disse a seu pai que Não há palavras e foram para a terra. Narciso d'Alva agonizava num leito que fora de sua avós Júlia, leitos de corpo e meio da altura da grande guerra. Era difícil controlar o fedor que já saía do corpo do homem, que se borrava todos os dias e que escolhera esta altura da vida para falar sinceramente. Seu pai José Gaspar fora-se já também de morte natural. Mas a Narciso d'Alva calhara o cancro no esófago de modo que parecia um extraterrestre ditando ordens para este para aquele, para todos os que lhe apareciam à frente. Estava lúcido, o que não era nada mau, por isso mesmo vociferava contra todos como se o viessem julgar ou como um Cristo na cruz dizendo humanidades. Rita levava-lhe água para o esófago espremendo um pano de água fresca na boca aberta de vez em quando. Hermengarda chorava porque aquele filho tinha

sido um amor de criança. Dos cinco, em criança era o mais obediente e aquele que mais se tresmalhara e voltara como filho pródigo. Gretel ficara espantada com o comportamento do companheiro nos últimos meses de vida. Dependia da realidade e recusava-se a assentir a sua existência. Às 11 e 46 do dia 13 de Agosto de 2000, Narciso d'Alva deixara de falar. Quem estava perto dele dormia e foi acordado pela quebra do seus ressonar violento. O homem tinha acabado. *Caput.* Hermengarda fora chamar os homens da funerária Antunes e o seu corpo estava sendo lavado por beatas com curiosidade pelo corpo dos homens que apenas duas mulheres houvera conhecido. E pronto, o que é que o delator há-de fazer. Depois de uma pausa para café, ficou sem palavras. A família Antunes era de uma rara curiosidade. A filha tinha sido amiga de infância de Rita e agora tinha um gabinete de escritório de advocacia onde outrora sua irmã Maria de Lourdes dava aulas de catequese. Seu pai, dono da empresa, começara como

marceneiro junto ao café Pérola Azul, do senhor Agostinho e da Dona Encarnação. Cresceu em duas décadas o negócio e o senhor era apenas o responsável pela agência funerária. Eles vendiam sobretudo móveis, a emigrantes, a pessoas em geral da região centro do país. O pai Antunes era já morrido, por sinal num acidente deveras peculiar, numa torre de uma das capelas de Riachos, manejando foguetes, lugar onde Narciso d'Alva um dia levava quase à força uma moça de Vila Verde para namorar numa noite de verão. Por vezes sentimentos que atingimos o limite das nossas forças orgânicas e cerebrais e que já não dá para ir mais baixo, foi assim a vida de Narciso d'Alva, sem limites, quando tinha consciência de que tinha limites.

Manuel Ventura, que tinha sabido da guerra civil espanhola pelo avô e da revolução dos cravos pelo tio, vivia agora num estádio relativamente calmo da sua vida com Jade,

decidira fazer uma viagem até Espanha e pelo sul de França finalizando na Itália. Mas as ameaças à vida dos civis eram tantas porque era difícil entrar em Espanha ou sair dela, França era uma nação de uma intensidade e Manuel Ventura nunca verdadeiramente passara pelo centro da Europa nem fora à Inglaterra, onde a densidade da existência É deveras assustadora. Tinha ido pelo norte de África, onde as regras do quotidiano eram, vistas de fora, bem mais explícitas para ele e sempre tinha Jade perto de si para as eventualidades. Em Riachos, o comboio passava e parava por vezes, conforme fosse regional ou intercidades. A CP, empresa responsável pela linha do norte, suprimira há meses o chamado interregional. Para Manuel Ventura tinha acabado o velho ciclo vicioso das idas semanais de Riachos até Santa Apolónia. Nada tinha de material neste mundo a não ser alguns objectos e esses ficariam onde o seu corpo jovem morrera, em casa dos pais, Hermengarda e José Gaspar. Clandestino é como

continuava este relato, apenas com o interesse de Rita, que sacrificara férias, posição social e reconhecimento profissional para ajudar Manuel Ventura nas viagens. Isto que se diz é relevante e importante, porque até ao ponto Manuel Ventura nunca tinha visto tamanho interesse por uma pessoa estava ficando apaixonado por Rita. Um tipo de amor que nada tinha de carnal e que não a colocava nos seus desejos íntimos mais perversos, sim, porque apesar de ter Jade, os seus sonhos ficavam dia após dia cada vez mais perversos. Memórias expandiam-se como sangue pelo seu cérebro. Desenvolvia então um tipo de amor sobre a palavra, o conselho. Estava dependente das opiniões de Rita e Hermengarda para prosseguir a sua viagem. Retido em Riachos, já não tinha Narciso d'Alva para com ele fazer exercício e passear pela manhã. Jade revelara-se infiel, num mundo não muçulmano, as liberdades levaram-no para as mãos e a boca de um jovem jardineiro do governo local de Lein. Ficar, ir de novo, talvez

fosse bom, deixar Jade e partir para uma última experiência geográfica.

Jade voltou livre para o seu país ou ficou entregue ao seu destino em Riachos. As tradições existem para libertar o homem, não para o oprimir. Manuel Ventura ficou um pouco mais, na Aldeia do Vale, sítio de poucos habitantes que inicialmente visitou depois arranjou por lá casa. Em Riachos nada havia de interessante, os homens não são interessantes se acordamos com os pés fora da cama. Riachos ia ficando cada vez mais longe no mapa do coração. Chovia intensamente, daquela chuva que molha mesmo, para a qual é preciso chapéu, Manuel Ventura preparava-se para conhecer uma terra nova, fora ou dentro do país, seria como conhecer um novo amor, com tudo o que tem de positivo e negativo uma relação. As suas coisas estavam nesta nova fase da sua vida,

provisoriamente espalhadas pela sala, esperando um espaço mais definitivo.

Rogério escalava aquela montanha pela primeira vez. Nem todos os requisitos necessários levava consigo, mas sabia que havia gente soterrada debaixo daquelas casas e que a neve havia causado sérios estragos.

O mau tempo e a chuva chegavam à península ibérica depois de terem percorrido a Europa central e de leste. O livro que viera com o jornal era pateticamente fino. Num alfarrabista teria comprado dois romances maiores da autora. Quem me mandou a mim ter uma mente aberta. Nesta vida de famintos só os obtusos conseguem os lugares bem remunerados, não quer dizer que não haja lugares merecidos. A verdade vem sempre ao de cima? Já começo a duvidar, se não fizermos nada pela nossa vida nem sequer a mulher que nos ama

ajudará. É difícil à minha família viver comigo e de fora dela vejo pouco quem ainda queira apostar em mim. Terei de ser eu a levar adiante o barco que desta feita irá longe de raiva.

A sua mente tinha percorrido os mesmos lugares repetidamente e ansiava por mais liberdade, mas colocava-se a questão da disciplina, do sacrifício. Seria o último dia que estaria ali, especado, vendo-se atrofiar por causa de um sonho juvenil que não lhe garantia a eternidade. Sim, seria o último dia que teria o computador no quarto.

O que tinha escrito. Os dias estavam habitando uma outra esperança, que vinha do fundo dos tempos, que vinha do conhecimento dos sistemas, das memórias, uma irrefutável tendência para o suicídio intelectual. Rosa não tinha medo da morte, estava habitando um espaço pequeno e era viva demais para tal. Fazia as suas necessidades ali perto, alguém vinha de tempos a tempos descrever o cenário e implicar um

sujeito como culpado. Eram os dias da destruição das torres do World Trade Center. Os homens não lhe interessavam, vivia de uma sexualidade libertada para si, a dois metros de si. Os homens eram perversos e maquiavélicos, essas seriam as palavras que encontraria escritas num autocarro anunciando também um filme. Seriam essas as palavras que descreveriam em síntese a natureza humana. A religião era mais uma bolsa que explicava o mundo. Uma entre outras como até a música e as *raves*. A jovem alemã escrevera tudo a vermelho, até as mais pequenas reacções de flatulência do indivíduo. Esse Manuel Ventura apenas se arrependia de adormecer todos os dias na falésia com a verdade. Ali perto fizera uma cabana em madeira. Saiu de manhã no dia 2 de Agosto, prolongando o seu até à pequena ribeira que fazia um lago a cem metros da cabana.

E quando sentisse tristeza, voltaria a reconhecer os seres vivos, voltaria para a cidade e deixaria Speranza. Queria

morrer com esse sentimento de tristeza, de fado, esse sentimento que fazia bem. A sua altivez relegara-o para um plano bastante prejudicial ao convívio com os homens. Nessa noite de Agosto pernoitou ao luar, tentando respirar puro. Estava cansado de um esquema de vida da cidade a que chamam rotina. As mesmas palavras para comprar um jornal, as mesmas canções na rádio os jovens que eram sempre irreverentes e pareciam não ter problemas ou que os tendo os sabiam solucionar. “Arre, estou farto de semi-deuses”, podia dizer como o poeta. Depois de passados meses de recolhimento e eremitério, tinha voltado. E pensar que podia experimentar expressões distintas de um mesmo segmento de concatenações da vida social. Nada tinha feito, nada devia a ninguém, contudo carregava um fardo que só podia ser o da civilização. Carregava uma cruz como a de Cristo, mas não, não se deixaria crucificar. Batera demasiado no fundo para lá permanecer. Arranjar um pseudónimo tratou-se uma questão

de opção. Se alguém estivesse aqui para compreender a lógica do meu pensamento! Iria um telefonema resolver tudo? Só no dia seguinte poderia ter uma ideia mais clara. Para já, era tarde e eu desejava conhecer Zoe.

Os estranhos sentimentos que procurava erguer para edificar um edifício novo na sua mente estavam esbatidos no vermelho-sangue de um calçada. Houve uma mente sacrificada e enrolava. Não podia permitir a si mesmo mais hesitações, mas sabia que elas iriam acontecer. Atendera todos os telefonemas, o que não acontecera com um cigarro na mão, os alimentos escasseavam naquela ilha que chamei Speranza. Porque tinha sido a primeira coisa a encontrar e a última provavelmente que perderia.

Os meus cabelos brancos cresciam. Havia dois dias que nada comia, mesmo procurando quase a rastejar pela floresta. Não procurava companhia, mas sim a sobrevivência, um objecto repetido, um cão que me guiasse cego até uma gruta

onde me refugiasse à noite. Talvez tivesse a imaginação demasiado fértil. Talvez a vida das pessoas fosse muito importante e eu nem todos os dias me dera conta disso. Passei dois dias ensimesmado, pensando, olhando, contemplando imagens na minha mente, esta mente que se desarticulou à custa de tanta gente, de imaginar. E eu que vim de Paris. Nem quero saber....falar de mim a quem não se preocupa e tem uma imagem pouco poética da vida, nunca conseguir apagar essa imagem do meu pensamento, por mais que tentasse, por mais que me tratasse, não me confesso e o facto é que os outros ganham dinheiro por fazer o que gostam, eu tenho a certeza, toda a gente acaba por fazer o que gosta e procura, ora eu tenho o mérito de me pôr em dúvida.

Escrever é usar as pessoas, roubar-lhe o que de mais precioso têm, o pensamento, as ideias que nós temos delas. Continuarei a cometer um crime? Não sei, talvez Manuel Ventura surja de uma outra forma através destas páginas.

Nada tenho a perder ao relatar as façanhas destes heróis e vilões, pois me permitir entrar num mundo de fantasia onde posso inventar todo o tipo de personagem. E sem estar com mais delongas a propósito das condições de escrever, vamos continuar a nossa história.

Onde outros já teriam fugido e dado sinal de fracasso e lamentando-se imenso, Blast resistia como se fosse esse o caso e não simplesmente viver, ele ali estava porque ali tinha as suas coisas. O amor continuava afastado e mesmo que pensasse que a casa tinha sinal negativo, isto é, não atraía visitas, esperava calmamente a sua vez. Mas em breve as coisas poderiam mudar. Mudar num sentido imprevisto. Oxalá. O seu olhar era como uma espada que feria os outros. Ele só tinha pensamentos negativos, a maior parte do tempo do dia, se quisermos colocar a questão nestes termos. E a solidão era o castigo que lhe dava o estigma de frequentar um lugar onde era cobaia. Os seus dramas internos começavam no

relacionamento com os outros. Não, não mostramos um herói social sem mácula, por assim dizer. E isto que surge é resultado de saber de experiência feito, não resultado de conversas, infelizmente. Naquela época, Manuel Ventura estava cedendo. Começou a levar a bíblia para o trabalho. Depois de ter voltado costas à fé, resistido, feito obra, não aguentava mais. Tinha de ceder. Ceder ou morrer, essa era a escolha. Era hora de ceder, antes de envelhecer. A sua mente tinha afinal um salvador. Com letra maiúscula. A mente é um órgão de tal modo importante que qualquer dano no seu interior é irreversível, desejo acreditar que sim. Se acredito na vida eterna, uma vida incorpórea, sim tenho como pressuposto que sim. Sei que esta história apenas vale por si. Cabe em grande parte ao leitor fazer os *links*. Porque é que estas palavras, esta história, há-de ir de encontro ao estereótipo das estórias bem sucedidas ou daquelas que eu sobre valorizo. Originalidade... Jurei não escrever mais diante da minha

amada que arranquei a ferros a dois metros de mim. Senti o amor por perto e agarrei-o. Quero que não fique muito longe. Mas estou aqui para contar uma estória.

E porque é que estando sentado posso imaginar outros mundos que não vivi, outros que nunca conhecerei. Talvez, talvez se acreditar poderei visitar todos os mundos. Quando o meu espírito sossegar saberei melhor contar estórias. A estória de Vera, que tirou um curso de arquitectura e que nunca mais vai deixar a farmácia perto de casa. A estória do estivador que constrói uma casa para a mulher que nunca irá ter, a do carpinteiro para o filho que nunca poderá ter porque a mulher foi esterilizada pelo estado. Mesmo assim, os portugueses vão fazendo coisas de jeito. Não é vergonhoso clamar a história. É, sobre esta que pisamos o solo vulcânico que nos ameaça. A estória do ladrilhador que não deixava sulcos pronunciados e enchia as juntas de massa por igual para que pudéssemos cair e rebolar naquele chão. Lágrimas de sangue caíam, os cestos

de uvas enchiam, o vinho fazia-se a pouco e pouco. A Grécia, berço da civilização moderna que tanto clamamos, está não muito longe. Severino realizava um dos seus sonhos que foi completar uma maratona. Todas as semanas fazia também mergulho. Todos os dias treinava duas horas de manhã, duas horas à tarde. O seu coração não se cansava, fortalecia-se. Virgílio era empregado de uma tabacaria e fumava em serviço. Percorrera todas as marcas. De quando em vez o estômago expelia escarros pela garganta. Mas ele continuava, agarrado à vida, ao vício, ao trabalho. As auras não tinham muitos clientes naquele princípio de século em que se matou com um homem o rei e o herdeiro do trono de Portugal. As mentes eram pesadas e era um risco fazer um documentário sobre aquela época. Não adiantava ler romances para escrever romances. À custa da moral cristã escreviam-se livros, a culpa deitou-a Ferdinando para trás das costas. Um aura veio ocupar a sua mente e ele sentiu que nada mais importava, nem o

facies nem o cabelo enrolado e solto dela que percorria nua a casa a horas de frio e a horas em que não se telefona. É difícil dar, como diziam os Silence 4 no seu tema do segundo álbum. Parecia agora para Ferdinando que tudo ia acabar. Contudo.

Fora corajoso como poucos. Resistira sem mostrar rancor, mas um sorriso. Onde outros teriam se borrado e fugido cheios de medo, ele ali estava, no seu território. Os outros podiam imaginar tudo, dar todos os pontapés na bola pensando que era na sua cabeça ou no seu rabo. Podiam rir. Não haveria vingança. Há leis e regras. Ele pagou já pelo que fez. Quem ri hoje chora amanhã. Demos lugar à vida das personagens.

A CASA E O MUNDO

O carro parou junto de uma praia, saímos, a chuva começava a cair regularmente, primeiro fraca, depois mais forte e dir-se-ia que Manuel Ventura, tipo magriço, cabia entre os pingos. Olhávamos com ele as moças e cacarejávamos, desejando galar. “Ao Passar do Navio”, uma canção dos Delfins adaptada por “Divinus”(canto gregoriano). A religião é um dos valores com que costumamos diluir quem na mente nos incomoda. Escrever esta estória será excomungar demónios que me assaltaram numa localidade fixa. E escrevo, conto esta história, tendo em conta que nasci em França, tenho ascendência espanhola mas sou, com orgulho, português. A vocação de ser português é olhar para os outros, estar com os outros, num olhar distanciado e próximo regulado pelas lentes da combinação entre objectividade e subjectividade. Não sei se sou bom ou não em argumentos,

em palavras proferidas da minha boca, mas se é a cabeça a minha perdição, também é a minha salvação. O homem era um mutante, um camaleão, vítima do seu olhar. Tinha o cérebro demasiado pouco desenvolvido para a época. Resistia ainda no meio da loucura. O facto de não se considerar louco era a sua própria loucura. Já tinha perdido muitas ondas, em linguagem surfista. Estava numa outra onda, talvez. Mas tinha de mudar, tinha de acreditar, nem que um som o salvasse, como um pirilampo na noite que caía.

Vítima do seu olhar, vítima de coisas do passado, como diria Drummond de Andrade, “tarde, a vida me ensina/ esta lição discreta:/a ode cristalina/ é a que se faz sem poeta”. Mas bom, Manuel Ventura estava em frente de uma montra e pensava por palavras, a não ser um plasma de matéria que lhe ocupasse a mente e o transportasse para fora de Lisboa. Estranho não amar esta cidade como os poetas e os poemas que lia. Havia algum problema com ele? Claro que não,

disparate. Apenas a sua perspectiva fosse diferente. Alguém viria um dia endireitar os óculos. Algum diário seria mais honesto para descrever Justino, mas Adelaide não o deixava, sufocava-o, imprimia-lhe toda a sua presença e o coração já não aguentava, tinha medo de uma doença cardíaca ou cerebral, um ataque ou um cancro. E porque não podia discutir política, religião, futebol, sem que tivesse de carregar um peso em cima? Porque é que o pisaram tanto tempo. E porque é que tanto resistira em silêncio. Talvez porque ambicionasse, como quisesse que os extremos se tocassem, um outro palco para si. Havia que crer que Carlos seria bem diferente com as mulheres. Não entrava em comiserações, não, era na derrota mais absoluta que é a ausência de parceira sexual, que ele gritava, dava charme. Às vezes é certo que fumava um pouco mais que o devido, mais cafés do que o devido. Se deixasse tudo...a batalha afinal estava perdida. Havia que regenerar as tropas para a próxima conquista de terreno. Se continuasse

naquele território, aceitaria as normas sociais, tornar-se-ia objecto de análise em vez de analisador. Enfim. Soluções para problemas que não existem porque não nascem do diálogo, do consenso. Mas não os desvalorizo. Carlos, Justino e Manuel Ventura eram todos vítimas de circunstâncias. Sobre frustração, o que dizer. Ela atinge mesmo o mais forte. Tenho andado a pensar que estas coisas que acontecem à vida dos meus personagens não se justificam. Acontecem, pronto. Um dia hei-de ter coragem para contar uma história. E ela poderá figurar ao lado de outras histórias. Um destes dias a raiva terá ido para um lugar inóspito, sem gente, sem vida.

Um aspecto de dor prolongou as histórias mais pretendidas. Contudo, o tempo supera a dor.

Não sei mesmo por onde começar. A história de Alfredo é uma manta de retalhos, tal como a cidade onde vivo. Culpo-

me de não ter chagado a transmitir estórias, talvez seja demasiado egoísta. Alfredo, por sua conta, olhara a cozinha iluminada e custara-lhe apagar a luz. Tinha consciência (eu sei lá!) de três, quatro vizinhos. Forçara-se na semana passada a ficar mais tempo na rua, iludindo-se que a vida é competição e desenrasque. Mesmo tendo falta de emprego, atrevia-se a sonhar a meio da tarde com rocambolescas aventuras sexuais. Talvez lhe faltasse ler. Literatura. Mas como poderia construir um edifício como o de seu pai, em tijolos verdadeiros, sabendo que o seu edifício não seria tão arriscado? Os dias não eram de facto como ele programara, perfeitos, plenos de gente, e o tempo que estamos sentados e o tempo em que temos consciência de não estar sentados, como pode Alfredo comprar um rádio com auscultadores ignorando o ritmo da cidade, os grandes acontecimentos. O romance de Atwood trata, se não me engano, de como vir até à superfície. Como no mar ou na piscina, nunca podemos estar sempre

submersos, a não ser que tenhamos ou venhamos a ter
guelras, que é coisa de que não se fala nos jornais, porque a
espécie humana parece estar de crepitando, e digo que temos
de vir respirar à superfície, todos, ninguém lê o jornal todos os
dias, quero dizer e se lê, o que não é o caso de Alfredo,
Alfredo Reis. Ali estava, na capital de um ex-império, numa
cidade atlântica, celebrada por tantos escritores e poetas.
Como poderei contar-vos a história de Alfredo sem que diga,
que diga...não, sem que diga que a cidade que este
personagem conhece é repetitiva, rotineira, banal? Por isso tão
próxima da solidão, não do desespero, da solidão e da loucura.
Todo o trabalho teórico empreendido por Alfredo terá sido em
vão um dia mais tarde. Porque o que conta é o momento,
importa demonstrar os sentimentos, mostrar, demonstrar, ser
competitivo. Não há descanso, o mundo todo diz-nos sempre
alguma coisa em cada momento. Felizes dos que se espantam
continuamente. Seremos obrigados por quem a ser autistas

durante um certo período de tempo? Difícil no trato era este indivíduo, por vezes muito mal-humorado. Mas devia alguma coisa a alguém a não ser o seu pai, e mesmo que trabalhasse na direcção oposta era a favor dele que testemunhava cada gesto diante dos outros, cada palavra, nunca lhe guardara rancor ou ódio. O seu silêncio deixava-o pensando, mas nunca o quisera realmente matar, nunca mesmo e sobretudo em sonhos, que é quando se manifestam os nossos sentimentos mais arreigados. Não adianta descrever a casa desta personagem, mas os seus hábitos. Levantava-se de manhã e à tarde, quando o sol ainda estava intenso, cansava-se dos olhos e talvez do café, cansava-se por não comunicar. Por isso voltava para casa para dormir uma sesta adiantada. Levantava-se porém, e embrenhava-se em projectos que não se concretizavam. Por vezes tinha a esperança, quando se deitava cansado, sim, tinha direito a estar cansado de pensar, que os seus projectos se realizariam. As terapias alternativas

poderiam resultar e debaixo da lente do seu amigo morava o paraíso. Talvez para mim como narrador não importassem as estórias que tinha preparadas e se as completasse importariam a uma certa maneira de fazer literatura. O que sei é que não tenho fôlego para grandes histórias. Esta começou com um sonho. Com um sonho acabará. Mas como preciso de sobreviver não a contarei. Já perdi um pouco dela indo comprar cigarros e bebendo café. Não fora a simpatia do dono do café, que fazia doces para vender a clientes habituais, não sei o que seria de mim. Talvez acabasse como o José Cardoso Pires. Tanta coisa que tenho a fazer! No sonho a minha irmã obriga-me a sacudir o meu pai que julgo morto. Convence-me de que ele está morto. Depois, não está, na verdade. Finalizo o sonho com uma viagem até França, alucinante, e com uma série de conclusões feitas por ditados populares. Vou de ditado em ditado e termino com “tanto projecto para tão pouca obra!”, ou seja “muita parra pouca uva”. E assim termino. Não, não

termino. Já morri várias vezes, ando com o diabo às costas, mas os meus inimigos não hão-de saborear vitória. Vou continuar a escrever, que é o que melhor sei fazer. Posso começar como uma lenda, posso começar como um conto. Relembro-me da Alexandra e ela foi-me tirada. Nunca perdoarei a quem mo fez. Talvez seja eu duro demais, insensível. Mas pronto, sou apenas uma pessoa da cidade, que tem direito a viver no seu território. Sou como Mariane Faithfull no filme Intimidade. “Já morri várias vezes”. Não sou assim tão ambicioso que queira estar entre mulheres, mas o poder da palavra...agora vou para o guião.

Rosaldo passou pela cave do Xenon, não esteve lá o meu espírito, mas uma voz chegou perto de mim, levando o meu corpo para a cidade, foi preciso estar perto de cometer incesto para ver a realidade, aprender os bocejos existencialistas, os sorrisos hipócritas, aquilo que dizem ser a complexidade do ser humano. Nas caves e nas cavernas escondemo-nos como

Bin Ladens, tal como cavernosas são os ângulos da garganta, já não há dor de alma, nem de coração, porque me arrancaram tudo isso, mas lembro-me que é quando isso se passa que o motor do velho carro que não me autorizam a usar. Para Rosaldo casar teria sido simples, teria sido lógico amestrar uma fêmea, uma mãe de filhos. Terias sido simples mas, derrota após derrota, ainda Rosaldo sonhava em conhecer o mundo, com olhos de felino ou canino, que são para nossa informação, os animais domesticados do vulgo. E, como estando aqui escrevendo isto, Rosaldo julga-se dono de algum ponto de vista útil à sociedade. Há gajos assim. Que velhinhos, os Heróis do Mar. Tá bem, fui buscar pacotes de batatas fritas ao vizinho, confessou Rosaldo na esquadra, na 10ª. Num outro quarto, um bebé dançava ao som de "Paixão". Nem os americanos faziam melhor. No corredor contíguo, um guarda bebia compulsivamente um café, uma velhinha diziam que em breve tinha de saber onde se compram em Lisboa bengalas de

senhora. De neurótico a psicótico vai um passo, é como ter os pés no arame e cair com os ossos num chão de taco. Estas palavras estão práki arrumadas só para me dar consolo. A literatura é tudo o que me resta. Não, restam-me mais coisas, talvez eu não tenha persistido o suficiente. Rosaldo era um artista. Não havia regras. Naquele dia de Outubro, não ligara a televisão na hora das notícias, como costumava sempre fazer. Estava aborrecido. Foi à casa de banho e levou um jornal. O ventre estava oprimido fazia já vários dias. Havia tomado um laxante e uma corrente líquida irrompeu do seu ventre. Decidira que não iria de novo isolar-se, mas que tinha de fazer-se social, assumir-se. Já lhe chegara a experiência de Dionísio. Pronto, estava aborrecido e começou lendo um livro. Há tempo que não lia mais de dez minutos. Sabia que se lê-se escapava-se dos problemas como por magia. Mas nem isso conseguiu. Saiu para ver um filme. Sabia que nas aulas de português se leccionava o conto com o mesmo nome. “Uma

abelha na chuva”. Como queria de novo dar aulas! Como desejava estar conversando, alegre e interessado, com crianças ou jovens! Lá fora, no pátio, o mesmo pátio que vira em pequeno duma janela de Paris, tudo estava sossegado. Era cedo, tipo oito e meia da noite. Escurecia. Acendeu a televisão. Só porque alguém lhe deu valor, não aguentaria por muito tempo a fantasia de sentir o seu Ego reconfortado. Muito pelo contrário. Uma luta diária até ao fim dos seus dias estava para começar. Antes de mais, emprego. Estranhamente, estava tudo sossegado lá fora. Saberiam que ele escrevia, o que escrevia? Os acontecimentos futuros seriam descritos, o passado ignorado, porque não esquecer definitivamente o que os olhos viam? Devia falar à sua irmã de poluição visual. À sua irmã. Isto perturbava-o, porque não era justo e os trâmites morais que desenvolveram actuavam agora mais do que nunca com muita força. Que fazer? Reconhecer-se um homem religioso. Há anos que não entrava numa igreja! Viver entre

extremos, talvez. Difícil claro que era, mas não tinha outra opção. Um dia destes iria alugar um carro e fazer quilómetros para sair do impasse que vivia entre o seu local de trabalho e o local de infância. Nascera num outro local distante, fora do que pequeno país que também era pequeno para ele, mas ele simplesmente desistira de certas coisas. Por detrás de um sorriso, que é uma máscara, pode estar muito sofrimento. A realidade não é o que era, não é o que os olhos deixam ver.

Esta seria a parte onde entraria uma figura feminina e fica aqui registado que o autor está com isso sacrificando a sua intenção de fazer amizade com alguém. Pensar que não é justo estar a falar com as pessoas com intenção de escrever o que elas nos provocam na mente é aflitivo. Escrever sobre Rosaldo, Dionísio, Manuel Ventura é uma forma de ensaio mas com personagens. E porque ainda seduz, após tantos anos, escrever? É uma fixação, mais, uma obsessão.

Já se dizia no bairro que Manuel Ventura estava maluquinho. Tinha feito serviço militar em África e quando se levantava de manhã pensava naqueles cus de judas para onde o mandaram em nome da pátria e da religião. Mas enfim, não haveria de ser nada, a pouco e pouco poderia construir uma ideia de si que não fosse em demérito dos seus próprios projectos. O seu rosto caiu de lado, depois inspirou e sentiu uma alma gémea perto de si. Levou a cabeça para trás, ao que se levantou pegando no livro de Tagore, “A Casa e o Mundo”. Pérolas a porcos! Toda a sua vida tinha dado pérolas a porcos. No entanto, retinha-se num pequeno território que era este de Portugal e numa cidade que o embriagava de café, Lisboa. Após mais de dez anos não conhecia as pessoas nem as ruas. Talvez fosse altivo em certo grau, talvez nunca tivesse encontrado as pessoas certas. Ou houvesse energia negativa, quero dizer, na sua casa. Mesmo assim, não faltaria à peça de teatro na Caixa Geral de Depósitos. Títulos, vivia por fachadas

de portas e títulos, pensava por palavras e esse era tido um diálogo interior, isso o tinha aborrecido desde cedo. Torromfilm, 1998, é este o *label* do filme que mostra o nosso quotidiano, depois Manuel Ventura acredita que não tem corpo, que o mundo está composto de energia negativa e energia positiva. Enfim, Dionísio, isto parece mesmo e às tantas é uma cópia do modelo de Fernando Pessoa, via a cidade através da televisão. E este *spots* de televisão que só nos deixam mais saudosos da juventude e quem me manda descrever as aventuras de Manuel Ventura, as obsessões de Dionísio, a ingenuidade de Rosaldo. Enfim o emprego que nunca mais iria chegar porque tinha de caminhar ele próprio para o emprego, pois que as artes eram o domínio de Manuel Ventura, porque desejava em muitos momentos do dia sair de si próprio como uma besta desenfreada e plena de vida, outras era Dionísio, pacífico e tímido, naqueles tempos decorria o mundial de futebol e nós alimentávamos muitas expectativas

como sempre em tanta coisa. Contudo, uma outra personagem poderia surgir, pois se para cada passo pensava um dois, três, quatro, aqui é o palco em que se diz a palavras de um ser que não quero soçobrar mais e procurava fazer o melhor sozinho quando não era isso que devia ser, pois devia estar num lugar longe do mundo estudando a natureza humana. Em todo o caso, devia estar noutra lugar, longe, mas restava num cais em Lisboa, em atendimento de um barco que poderia chegar dentro de dias. O telefone entretanto, de Matilde estava desligado, eram pedaços de estórias e porquê tanta solidão, falta de solidariedade que o que mais vemos neste mundo é egoísmo, começando pelos académicos, sejam antropólogos ou psiquiatras e não estou suando ao falar disto. Ah aquele sabor a vida de manhã quando se sai para a cidade, é certo que Manuel Ventura era um calão, como se diz neste país, no entanto o que lhe faltava seria trabalhar, só isso lhe faltava, de resto seria em rei como que dizia Luzia.

A Narciso d'Alva só o poder da palavra restava. Quem não reconhece o poder da palavra? As palavras pensadas, as palavras escritas, as palavras ditas, sussurradas, gritadas e violadas. Enfim. Tudo o que Luzia gostava de ter não era o fantasma do androgenismo, mas sim casar com a sua alma gémea. Não, o casamento seria o início de qualquer coisa tormentosa e ele ainda a descrever como vivia os seus dias e nunca os outros tinham tido quebras tão grandes como ele. Sim, gostaria de saber como é que os outros se sentiam. Mas ao fim de tanto tempo sem trabalhar, tinha contactos de gente, amizades, sabia por onde andar e por onde não andar. Sim, a obscenidade preocupava-o porque perdia a atenção para o trabalho, o emprego. Naquele pequeno quiosque passara perto de 4 meses. Era tempo de zarpar. Era tempo porque a identidade havia sido já ferida, o orgulho, como dizem, está café e cigarros à mão, que outro prazer um homem assexuado pode ter. O tabaco antes e depois do sexo. Não devia escrever

isto, mas tanta coisa já escreveu este ser humano que as personagens são já mesmo realidade. O meu pressuposto de tese é que o homem realiza uma determinada acção para impressionar a fêmea. Vamos à etologia, pois então. Vamos. O terreno de futebol que amaldiçoou muitas vezes está agora silencioso porque a nossa selecção perdeu um jogo. Tudo na rua fala nisso, vozes abafadas se levantam se a equipa ganhar, enfim, como soi dizer-se, já basta de prazer individual, quero lá saber do passado, sei que ele conta, que nunca como agora tive tão consciência da sua importância. Basta-me escrever, é o último poder que me resta, já que não sou machão, que é isso que uma mulher gosta. Tomara que Manuel Ventura fosse ainda a tempo. Afinal era verão e já não tinha de esconder-se, para pensar, para escrever, para viajar, depois da desordem -e aqui se justifica o título da presente obra de arte- não se recupera nunca de danos psicológicos, mas encontra-se uma paz uma serenidade, como se

fizéssemos já parte do reino dos mortos estando vivos, como se passeássemos sozinhos, pela noite aluada, num cemitério. Vai o diabo dizer-me que nunca devia ter entregue aquela proposta, mas vai vou continuar tentado até ele ceder, já que isto se trata de uma luta de machos por domínio territorial e que um há-de morrer em defesa de uma donzela e ele vai achar querido se vencer, querido se morrer. Estou certo e entusiasmado que cada vez mais conheço estes personagens, mais eles surgem da penumbra, como se diz, mais os vejo acompanhados por outra gente e que vale a pena não exercermos violência. Enfim, tarde é para umas coisas, cedo é para outras, porque é que não me disseram que custava tanto descrever este processo de vivências, mas seja como for, a resistência física há-de servir para alguma coisa, hão-de fazer-se umas corridas de *endurance* para robustecer e porque há de haver ritos e rituais, não percebo porque é que o mundo é tão maligno por vezes e porque estou ligado à mão do meu

personagem e a Lígia, uma condutora da Carris que conheci há dias, e porque é que o sexo existe. Não se explica, simplesmente existe. Simplesmente por existirem é que vou falando dos meus personagens, entretendo-me, analisando a alocação dos seus corpos, os locais por onde param e se divertem, coitados. Já chega de divertimento, mas interessava numa certa estância falar do pai de Manuel Ventura. Era um viciado em trabalho, tinha um destino para as coisas, não sei, mas Manuel Ventura não podia estar em pequeno muito tempo perto dele, depois foi a viagem e com isso perdeu o rumo, mas pronto, não vale mais a pena puxar pela cabeça, na verdade estou a esticar o elástico e o fio-de-prumo está à mão, um trabalho digno tinha Ernesto e Manuel Ventura sonhava o mesmo apesar das suas viagens mnemónicas. É certo que por outro lado, Dionísio não podia sobreviver sozinho, ele era tido como maluquinho, não podia vencer sozinho, mas o fio de prumo estava à sua disposição e agora que tinha começado,

estava perto de juntar os pedacinhos da sua identidade. Às vezes é como estarmos em areias movediças, quando mais nos mexemos, pior é, mas Dionísio ia tomando o jeito, as suas duas estâncias estavam salvaguardadas, não era agressivo, portanto iria vencer, mesmo depois de todos terem perdido a esperança em si. Quanto a Blast, continuava nos seus sonhos sem Freud porque a sua memória estava acocorada no início da humanidade que não importava saber como surgira, pois era um turbilhão de água, era mesmo um abismo, um pântano de areias movediças e que no fundo havia uma célula mãe inicial que não importava descortinar se era masculina ou feminina. Pois, Blast não era aquele ciberherói que se pensava, no entanto estava perto de garantir a sobrevivência, chegava de dores de cabeça, cafés, fumo, não precisava de tudo isto para se sentir mais vivo. Não lhe chegava a solidariedade, ele queria serenidade e paz interior. A vida será uma moeda de duas faces? Seria para Blast porque ele vivia

numa sociedade civilizada, não já para Dionísio, pois este vivia num estágio civilizacional primitivo, com uma economia assente sobre a troca. Blast era notoriamente um perverso. Diferente de perverso, pois ambos eram filhos de avós comuns.

Na janela aberta estão duas fileiras de livros que é o que Blast apresenta. Nada de admirar. Sabe, é que neste processo de autodestruição há um quê de misticismo, de religião que ainda lhe resta de homem macerado pela cidade. É o stress, dizem. Tás a pensar que ganhas, estás é a perder. Afinal, ao fim de contas, o que ele queria não era sexo. Este anti herói brincava mesmo com o fogo, pintava *graffitis*, era mau aluno, enfim, pouca família tinha. E isto é o que resta da descrição social. O raio deste rapaz era distinto de Dionísio, que pensava que tinha o existencialismo e a literatura na barriga. Mas enfim. Blast tinha depauperado o património familiar e seu pai não deixaria que tal estado de coisas continuasse. Ele próprio tinha

um fragmento de memória pesaroso em relação a actos puramente juvenis a que não atribuía valor e que mais tarde lhe pesavam na consciência. Não adianta inventar mais histórias ou estórias são estas que acompanham o autor desta novela. Centelles, o fotógrafo espanhol. Raio, porque o mundo é infinito? Porque não compreendo tudo destas três vidas que se enfronharam na minha cabeça e que desfilo aparentemente até à eternidade! Manuel Ventura era de facto filho de um português e de uma espanhola. Nascera em França, mas isso pouco importa, porque não desejava lá ir.

Num dado momento da sua idade Blast teve de passar uns tempos numa clínica. Os doentes por quem já ninguém se importava pediam dinheiro na rua e Blast via aquele espectáculo do pequeno quiosque, dias e dias corriam, não havia o mínimo sinal de alguém se preocupar com ele. Procurava emprego à tarde, mas vinha já com bebedeira de café e pouco fazia de útil. Estava vivendo do rendimento

mínimo garantido e de uma renda de um jovem universitário que alojava em sua casa. Todos os dias, chegando a casa, suspirava aliviado por cumprir mais um dia daquilo que achava ser a vontade da irmã. Só que o barco tinha encalhado. Tinha batido mesmo fundo e ferido o seu orgulho como pessoa. Ninguém se importava com ele, nem o psicólogo Abrantes nem a psicóloga Magda. O que apenas precisava eram os comprimidos, mas o que estava a acontecer era um processo de rejeição do apoio psiquiátrico que precisava. Mas como todos os dias deixava tudo a perder bebendo quantidades excessivas de café, resolveu anular, anular-se. Sabia que frequentando o hospital nunca se aguentaria num emprego, pois dias depois viria a ganhar como um cão a quem cortam o rabo. De modo que Blast achou que o melhor seria cortar o mal pela raiz. Não iria mais à clínica José Régio. Nunca digas nunca, é certo, mas agora era para valer. Não queria fazer da sua experiência motivo para escrita, mas ao fim e ao cabo,

somente a escrita poderia explicar a humilhação que sofria, dia após dia atrozmente, pensando, sem gemer sequer. Tinha de se levantar de todo o peso que lhe punham em cima. Queria que a sua saída ficasse bem vincada no espírito daqueles com quem tivera conversas de circunstância. Por algum motivo ou outro teria de voltar a precisar de cuidados. Talvez voltasse lá um dia para visitar alguém. Isso, para visitar alguém, alguém como o Senhor Faria. E estava certo que naquele dia em que se resolveu não aparecer mais, o Senhor Faria iria voltar, recuperado de uma aventura sem nexos. A sua presença era demais, tudo estava esgotado. Estes problemas não se resolvem sozinhos. Até que ponto é que Blast se julgava enredado numa teia psicológica da qual queria sair. Teria ainda coragem, poderia voltar ao mundo da normalidade, andar esquecido no metro, encostado, passar dentro do metro e do autocarro da vida em vez de ver passar? Mas voltemos ao princípio desta reviravolta. Estás a vencer, estás a perder,

quando mais tens consciência de estar a perder, estás mesmo a ir abaixo. Ninguém se importa, ninguém se importa senão a sua família, só a família. Limpou a casa de banho, deu uma arrumadela à cozinha, tomou banho e começou a fazer exercício antes de se decidir para sair, ver um filme. Mas como não tinha estado continuamente na cidade, fazendo coisas, resolveu não sair mesmo, pegou num livro do Saramago será que estaria deitando milho aos pardais com isso? Como todos os dias, o seu pensamento estava naquela manhã orientado para o hospital, parecia ser o seu local de trabalho e seria se fosse o seu trabalho de campo, só que não tinha orientador e não tinha sobretudo conversas com quase ninguém sobre a experiência que estava vivendo. Não havia valores na sociedade que lhe passava diante dos olhos, o dinheiro era rei bem coroado, mais que coroado e por todas as raças e a igreja participava no festim. Voltando ainda ao princípio. Rasgar os seus escritos de juventude por um badameco de um padre os

ter lido e ter visto o seu talento, como se o mestre tivesse inveja do aluno por este o ter superado. Escrevia e todos fugiam dele porque não queriam fazer parte de um meio onde se mostrava toda a verdade, vividamente. Esse abuso e aliciamento do sacerdote, que obrigara o jovem a fazer certas coisas que somente entre um homem e uma mulher, trouxe-lhe problemas enormes e desgostos e mágoas, A sexualidade de Blast despontava pervertidamente aos dezoito anos. Não era um licenciado em psicologia que o iria utilizar mais com barman e tirar férias para deixar o estamime por sua conta. Era demais. No dia seguinte iria telefonar-lhe, não iria falar com ele pessoalmente e dizer-lhe que nunca mais voltava ao hospital. Havia qualquer coisa que o tranquilizava, como uma paz de solidariedade, como se tivesse perdido tudo até ao osso. Não queria já as grandes alegrias glórias e ambições, apenas o pão de cada dia, o trabalho de cada dia, a saúde de cada dia, estas coisas não se resolvem sozinho. Não havia nenhuma vitória

para alcançar, apenas tinha de obter o que era seu por direito de ter nascido, que é a saúde. Em muitos momentos, tinha a consciência de que não era doente algum, de que a cidade estava ali perto e o chamava para entrar nela como no ventre de uma mulher. Depois de ter passado a fronteira do campo em que não se é desejado, passou a fronteira do campo em que se é desejado, por todos, pelas mulheres, sobretudo, por isso iria anular-se por uns tempos, mudar de cor como o camaleão, refugiar-se na escrita, na rede, na leitura, numa estância qualquer em que não ficamos condenados por falar depois havia o padre pastor evangélico que estava sempre bem disposto. Era uma moeda se uma só face e isso é impossível, era Jesus Cristo que visitara os *barman* do quiosque todos os dias a fia para eles não perderem o fio e perderem os seus vícios a saber tabaco e café. Mas isso alimentava também os dias de Blast. Manuel Ventura perdera uma das pernas e tivera um abate moral o que a gente pensa

das pessoas, diacho, ninguém se importava e as meninas estavam nas mãos dos médicos que por não fumarem nem beberem café não eram mais fortes que os doentes e os delegados de propaganda médica, uns sacanas de uns oportunistas eu sei que isto é uma visão distorcida da coisa mas é o outro lado da moeda que o descrevedor é que fala destes personagens de modo que Manuel Ventura, numas dessas viagens perdera uma das pernas e esteve internado uns tempos. Armadilhas, a vida está pejada de armadilhas, quando conquistamos terreno logo recuamos forçadamente merda que lhe fugia a criança que tinha ainda dentro e já não ia a tempo de ser actor, um actor não tem uma só perna e não sabia contar estórias, nem as suas próprias estórias aos seus netos um dia, quando chovesse menos, quando o sol lhe cegasse as pupilas e o obrigasse a ir à multiópticas comprar uns óculos de sol, merda, que tinha de lá voltar amanhã e controlar-se, não beber café nem fumar tanto que estava já

queimado por dentro nem mesmo a família lhe daria mais crédito era um momento crucial porque tanta gente o rejeitar e arvoravam-se em académicos, tudo puxava aos seu interesse e este mundo assim era mesmo pior que a droga, era pior que merda preta de marinheiro. A óptica de Dionísio talvez fosse a mais certa. Preocupava-se consigo até ao ponto de sentira que devia preocupar-se com os outros a partir daí deixava de ter identidade, sim, que não somos blocos ora de granito ora de xisto que se movam, temos muitas cores, infinitamente mais do que as que existem na natureza, por causa das armadilhas é que Blast não conseguia estar bem, o país girava depois, muitos anos depois da guerra civil espanhola e da revolução dos cravos, em torno de Eusébio, Figo e Amália sendo tudo o resto política e eis aqui quando o autor reconhece que e leitura lhe está fazendo bem, que afinal os livros não são para deitar para a retrete. E para quê fumando mais um se questiona contar as estórias destes personagens, que afinal, enfim,

viveram muitos mais episódios do que consta até aqui nesta quantidade de escrita. Vá lá a literatura não podia ser desculpa para tudo e mais alguma coisa. O país girava em torno dessas várias coisas, era de aproveitar meus sonhos, os rabos, os seios soltos, os corpos pedindo coação pacífica, amplexo. Dói uma dor de solidão entrever os pensamentos destas personagens, cansado estou de dizer que me desligo dos seus intentos e acontecimentos, a porta grande está aberta e disponível, mas há também uma porta pequena e fazer caso dos pensamentos de Dionísio em ser dono de uma certa atribuição filosófica e as caras famosas que precisam que lhes lustrem o ego ou submergir-se em relações sociais porque os outros também existem, subsistem, sobrevivem e estão à espera. Tou a ver que acontecimentos se irão suceder agora que me desliguei dos factos que caracterizavam a biografia destes três personagens. Virão personagens femininas? Não sei, não sei mesmo, tudo está ficando negro, a noite tá caindo

e as vozes do exterior vão diminuindo, como se o globo terrestre se desta pessoa se afastasse triste condição a do escriba e não sei se ponha Blast no mesmo cenário se invente um com coisas lidas e ouvidas, cansado está o escriba de viver nesta cidade e neste país mas não tem outro destino por isso tem de fazer o país grande e a cidade com recantos e estâncias de repouso das almas sem fim. Acho mesmo que Dionísio continuará a sua vida normal, com um misto de anulação e *low profile* e que amanhã por ser fim-de-semana não virá a ingerir muito café, porque o mal do escriba é já mesmo a mente, contudo a estória faz-se também com prospectiva, por isso adivinho uma melhoria no futuro destes personagens que já bateram no fundo. O que nasce torto tarde ou nunca se endireita é o que pretendemos contrapor. Um dia tudo fará sentido, mesmo os gestos mais banais dos personagens e a culpa é da ambição dos homens que põem loucos os mais sãos e naturalmente aptos da sociedade,

marginaliza, segmenta como os nazis faziam a cadáveres judeus, pior, eles nem a tal género de trabalho se davam. Pobre do escriba que afinal de contas é enfim pouco pretensioso e nem trata assim tão bem os seus personagens, mas não há-de ser nada e pronto tou a ver que Justino, a quarta personagem não vai ver o fundo do mar hoje, depois de ontem à tarde ter presenciado atónito no afogamento de dois adolescentes noruegueses, okay, nada há-de ser, o seu segredo seria de hoje em diante começar a trabalhar num símbolo que definisse a sua vida, uma forma geométrica com cores, que o escriba também pode dar em maluco só de delatar estas coisas. É trabalho demais para uma só cabeça. Isto o barco anda conforme o vento e o vento conforme algum demónio que saiu de uma caixa de Pandora e arre pra quem a abriu.

Marisa cantava o fado sucedendo Amália nas velhas casas, debaixo de vigas de madeira tratada que ajudavam a chegar a voz a todos os recantos das grande sala, a artista cultivava uma solidão quase mórbida, no outro lado da cidade, no Feijó, uma casa estava vazia, a morte tinha passado por lá há cerca de três anos, Manuel Ventura afligia-se quando se lembrava de um funeral ao qual não tinha ido, mas nada na natureza se perde verdadeiramente, era bom consolo pensar-se assim, como uma cobra que muda de pele frequentemente. Entretanto, Jonas, jovem cientista continuava nas suas pesquisas, acompanhado de sua mulher Lorena, da província espanhola basca. O mundo era de predadores e presas, um mundo feito continuamente de agressividade e oportunismo. Ele sabia que não era nem uma coisa nem outra, melhor, não queria ser, por isso media as distâncias, tinha consciência do seu território e do que pensar em cada momento, controlando os seus impulsos, incluindo os sexuais. Poucos sabiam, mas

ele tinha uma perspectiva própria da vida e podia transmiti-la. Não tinha pressa. Naquele tempo, atravessava uma ligeira depressão Lorena, num Inverno de 96, tendo pois consultado assiduamente um médico que lhe sentenciou uma patologia. A jovem Lorena sentia-se só, parecendo que apenas ela sofria de tal doença, sabendo que 5 por cento da humanidade sofria de maleita semelhante, e tendo-se cansado dos medicamento e vendo que não podia realizar as suas viagens exploratórias com o seu companheiro. Via que as necessidades de substâncias para lhe normalizar o quotidiano não coincidiam com as substâncias que estavam tomando, iria pois colocara a questão ao médico, pois estava já cansada de tentar resolver uma coisa sozinha e tendo recaídas frequentes. De qualquer maneira, as palavras iriam levar adiante o que os actos não permitiam, porque não eram permitidos todos os actos. Liberdade na responsabilidade. De facto a TV era um desperdício de tempo, havia de dar ao mundo um resposta,

uma resposta que vinham do fundo dos tempos, à maneira do Conde de Monte Cristo. Nem só as palavras seriam importantes para se sentir vivo, transmitir emoções, mas seriam o veículo dessas emoções, o seu instrumento de trabalho. Nada, nada havia para vingar, já que Jonas não tinha feito inimigos por entre a presença de si, a solidão sentia-a como um pedaço de ferro dentro da cabeça que lhe custava a sair, agora seria uma prova de resistência e se tivesse forças para dar uma reviravolta, revoltar-se contra o seu ego, abrilhantá-lo não era preciso, pois não o esperavam cerimónias públicas, algum reconhecimento, talvez devesse ser como a formiga, sim, como a formiga, o que é certo é que o emprego tardava e tinha feito daquele quiosque um lugar onde todas as suas esperanças cabiam e se perdiam como se existisse uma ampulheta e ele a ver não fazia nada, não podia voltar mais àquele lugar, ao hospital, nem sequer para ver alguém da família doente, como a canção “aqui já não dá”, no

entanto tinha de viver condenado em Lisboa, doce condenação e um emprego estava próximo, sentia, um emprego estava próximo, as coisas não estavam perdidas, a literatura seria o seu refúgio, dentro de horas iria passar uns dias ao Alentejo, à terra de João Moura e Paulo Caetano, como no fio do arame recuperar o fio de prumo, o frio do novelo, ainda não tinha arranjado gato, sim, vivia demasiado sozinho agora que Lorena estava num trabalho longe, com processo de divórcio, ela iria fugir-lhe dos dias, não era certo estar o escriba pensando, contudo, tinha necessidade de relatar as obsessões e esquizofrenias dos seus personagens, não que eles fossem assim, porém estes rótulos serviam para dizer algo, ditar algo, eram uma bolsa onde se verte algo que não se destrinça e que se quer esquecer. Já era tempo de se revoltar por dentro, o seu orgulho havia sido espicaçado como uma derrota imprevisível da selecção portuguesa e assim caminhava pela borda mar tentando uma certa união com os elementos. Não

adiantava semear para colher, viveria na pequena rede de metro de Lisboa, com idas frequentes a casa dos pais, rodopiando talvez, mas com o vento na testa, sentido os cabelos soltos, sim, sentindo os cabelos soltos, até que tivesse alguma lisura e depois desse emprego, encontrasse um carro, sim, talvez um carro, pelo qual pudesse evadir-se e pensava que depois de escrever aquelas palavras iria fumar um cigarro encostado à soleira da porta e naquele momento não havia o barulho da bola e dos jogadores, deitando raiva juvenil ou senil, sei lá mesmo, uns contra os outros, contra o objecto geométrico, parecia-lhe que era ele que estava sendo pontapeado todo o tempo, desde que ali chegara, não era mau pensar desde que ali chegara e montara a tenda, a família não tinha culpa, mas teria de abdicar de certas coisa, era uma bola mas não se podia revoltar, contra quê, contra quem, não era perseguido nem presa, algo distinto, as suas palavras já não contava, por isso mesmo tentava explicar o que era, o homem

da máquina de escrever, resistira e não era mais possível fazer um trabalho sociológico pois Lorena só viria um dia, um dia mais para assinar os papéis. A assinatura que tanto tempo desprezara, que tanto se esvaíra dos seus punhos, só com uma assinatura ele partiria para outro destino, alhures, à soleira da porta, destinado a uma comisseração, não havia coração que a tanto resistisse, coitado do coração como resistia, mas sim, não digo de certeza, ele já pressentira a liberdade, já deitara fora muitas oportunidades, era um falhado, um frustrado, poderia um destes dias de verão desejava tanto o Inverno para deixar crescer a barba, empregado fabril, isso era bom emprego de energias, patrão, disciplina horas certas, isso sim é que era um bom fim para começar tudo de novo, onde o brasileiro fora, tinha de lá ele ir, esquecer-se que tinha formação musical e que nada lhe servia tal universo, agora que os homens haviam descoberto gelo em Marte, havia tanta realidade para conhecer, estava cansado de dar atenção ao

mundo quando por outro lado estava e se movia longe do mundo, de cigarro em cigarro, teria a compensação de ver florir alguma flor e cheirá-la, como Saramago casou com Pilar, politicamente isso dava-lhe cabo dos nervos e do coração devo dizer honestamente, essa voz que sussurra é psicótica e é a voz dos outros, do seu alter ego, a voz da escrita, sim, era a voz da escrita, mas não queria voltar ao hospital, nunca tinha dito nunca, tinha deixado as suas palavras , a sua presença, a sua hipocrisia naquele espaço residual entre a entrada as consultas externas e o hospital de dia, por isso queria um compromisso consigo próprio, mas como iria exigir algo de si próprio quando era assim tão frágil e lhe custava levantar, não adiantava revoltar-se, tinha ainda, as sessões de grupo à sexta-feira, um fado, afinal era português, que importa que sua mão houvera sido espanhola e ele houvesse sido dado à luz no país dos castelos e do vinho, era português, sacrificara muita coisa em nome desses que cuspiam para o chão sem

destino, corta, corta o cordão umbilical, o fado, ninguém mais se importa, passaste a linha, onde quer que vás não encontrarás nem liberdade nem desejo corporizado, esquece que és fraco, não podes lutar sozinho contra a sociedade, ela te absorverá como uma esponja o vinho que Cristo entornou do vaso quando suas mãos tremiam na última ceia, não és judas, mas antes São Pedro, não és judas, não és esse gajo.

Um cigarro à soleira da porta, no pátio, cantando um fado de Camané, a psicologia era pesada, Lídia tardava em telefonar, passavam dias, dias de expectativas e ela nada, nem um mensagem no gravador, ir para o pé de alguém que não conhecesse o seu passado, como se houvesse uma mancha e lhe tolhesse os movimentos, era um aura, fumava, como podia almejar servir-se das filosofias orientais para benefício pessoal? Fazer um curso não é desculpa, a realidade ainda existia múltipla, infinita por si, certo na fé de que era finita mas que nunca, por mais que esticasse o braço lá poderia chegar.

Não adiantava fazer força demais, as palavras haveriam de surgir, como pensamentos, uns após outros, o quotidiano haveria de ser mecânica, bem como o próprio comer de uma sandes no marquês de Pombais quando a menina comia gelado em cima do balcão, ah tudo vinha ter contigo esses pensamentos, suspira que é ilusório o que se passa com esses personagens, não adianta desculpares-te com outro curso, enreda-te, enreda-te nas palavras e acredita em cada uma delas, mesmo as mais pequenas, mesmo as conjunções, que um dia poderás estar noutra país, quem sabe sendo realista num país lusófono, homem tens tanto que aprender, ainda hoje viste o filósofo que falou num programa da TV 2 e ela lhe assentiu às palavras com *hands on approach* nas costas. Um monte de palavras é o que isto me parece ao longe, um bloco de palavras alinhadas, um código que alguém pode decifrar um dia, sim vive sentado à espera desse dia, estás a ganhar

estás a perder, estás a perder, perdeste, nunca desistas
contudo.

INTERMEZZO

Dionísio esperava por Lora num quarto semi-iluminado. Eram quatro horas da tarde e no chão havia um par de meias estreadas dois dias antes, vários pares de sapatos, um par de chinelos. Pegou num livro e começou a ler um livro de Lobo Antunes, cansou-se porque faltam princípios e finais retumbantes, já sabia, a mente do autor era um filtro das conversas psicanalíticas. Pelas 6 horas da tarde, tocou o telefone, ao que Dionas deixou passar a chamada para o gravador, pois já se encontrava estendido na cama, por quanto mais tempo iria suportar aquela solidão, o par de meias encontrava-se ainda lá, dava uma agonia estar deitado, prostrado depois de tanto pensar em espiral, Vem ter a minha casa, casa, casa, casa, porquê tanto medo? Um dia destes alguém lhe espetava uma faca ou uma seringa na rua e seria o fim de tudo, como tanto desejava, que lhe trespassassem o

coração, tinha ultrapassado todas as barreiras e encontrava-se a escrever entre mortos e barulho de futebol, tinha consciência de tudo com se estivesse sonhando, não lhe chamassem psicótico, os negativos achados na rua morais Soares mostravam três sequências, melhor, quatro, uma vista panorâmica sobre Lisboa, provavelmente tirada do castelo de São Jorge e outras que não interessavam, estavam já pisadas de sapatos sabe-se lá de quem, agora que invoquei o diabo nunca mais o prenderei. Prometia a si mesmo mundos e fundos, mas continuava num limiar de sobrevivência, para quê prever as coisas, ali estava, Encontramo-nos daqui a meia hora no Cais da Alfândega, num café perto da bilheteira, okay, até já, quando lá chegou e a via apetecia-lhe dizer Olá...Humm...Humm...Adeus, mas foram andando e conversando até ao Cais do Sodré, depois pegaram uma praia e estiveram, porque é que reagi assim, tenho de procurar o telefone de Alexandra Alpha, será que ela me perdoa, porque

é que tenho de olhar sempre para o passado, o trabalho afinal foi inventado para dignificar o homem, para elevar o seu Ego, não compreendia isso e agora acho que as coisas fazem sentido, Não vale a pena mais comprar o Diário de Notícias, o Público é melhor, fazer como os velhinhos do Jardim Constantino e passar tardes a ler o jornal para sentir adrenalina na réstia de sangue que têm, como aquele velho que saiu da casa de meninas todo espevitado acertando o chapéu. Começava já sentindo-se para os habitantes de Lisboa o calor, era dia de marchas populares, Os jornalistas nunca são os mesmos a dar a cara, ou então não fazem mais nada, são pessoas superficiais, mais papistas e moralistas que o papa, mas fazia segredos de como se vingar por ser pobre e parasita da sociedade, quem se lixe a sociedade, O que mais me preocupa, Lora, é ter nascido com família, que amo minha família, sé que lhes sou um peso económico e um dia destes vais ver-me noutra situação, juro-te, que se lixe o

conhecimento do mundo, mas hei-de ver-me rodeado de dinheiro como o tio Patinhas. Haverá um dia em que o escriba será conhecido é assim com todas as coisas e que em certo sentido o sofrimento será aplacado é tarefa obsessiva estar diante de um écran sem ter material verdadeiramente antropológico, mas é humanamente desejável, já o escriba não é o que mais importa, em defesa do título, as minhas personagens são poucas sob um fundo onde existem já algumas fixas, uma certa filosofia, investir em livros, Ricardo irá dar aulas de filosofia no secundário, já que psicologia ou literatura estão postos de parte, a pouco e pouco deixará de se preocupar consigo para se interessar mais com os outros é como no futebol, em qualquer coisa que fazemos há uma filosofia subjacente, na consciência, sim, um mestrado em filosofia da linguagem e da consciência seria bem mais razoável do que uma licenciatura nova, pedindo empréstimo bancário, tinha o atractivo de conhecer pessoas, de fazer um

curso, sabia que não era do tipo ou já não tinha idade para forçar muito a barra e ser muito activo e ingénuo, mas investir num curso deste género poderia ser importante para fazer conhecimento com professores e colegas. E estava farto de antropocentrismos. Mas não lhe saía da cabeça que tinha de conseguir entrar de alguma forma nos problemas dos outros e desse ponto de vista psicologia era o ideal, É pesado, dizia-lhe a mãe Lígia, pois, mais pesado do que a casa que habitava, mas alguma solução haveria de conseguir, não podia pensar que a intenção seria ser professor ou pesquisador, agora fazer ciência em Elvas não estava com nada, era difícil, mas iria tentar, era mais uma oportunidade. Ainda resistira com os seus projectos, depois de se violentar a si próprio durante anos, depois de ter perdido toda a esperança e ter ficado sozinho com uma doença que o minava e lhe deixava entrever o mundo somente como um palco de sobreviventes e vítimas. Mas um destes dias vou andar de arma um punho, tal

cavaleiro sem cabeça, vingando quem me esqueceu, quem foi indiferente à minha presença, à minha passagem, às minhas palavras. Isto porque até me custa sair de casa para beber um café, agora!

Retomando, Dionos e Lora estavam perto do Cais do Sodré, onde se juntam as putas à noite, fazia calor, chegaram perto da torre de Belém, e estavam em frente dos Jerónimos, tiraram os sapatos e molhavam os pés para diante e para trás num pequeno lago que lá está, entre um longo jardim. Quando Lora estava já pensando para consigo que Este gajo não presta, não tem onde cair morto, não vai a lado nenhum, Dionos, como semi-deus grego começou, Sabes, pelo meu percurso muitos me julgam homossexual, sou apenas tímido, dizem na minha aldeia que quem tem rabo tem medo, mas que se dane, entrou na água a música surgiu e começou a dançar dentro de água, mergulhando a cabeça na água, mergulhando todo o corpo até ficar todo molhado, perdeu a timidez, o

sangue empurrava-se nas veias para percorrer todo o corpo. Não estavam lá câmaras, não era necessário, a sua dama estava ali, não era preciso mais nada, a sua alma gémea estava ali e ele nem sabia, mas ela sabia e ficou atónita com tanto espectáculo, como donzela ficou orgulhosa e juntou-se a ele abraçaram-se cansados até que o sol os secou de amor. E porque é que a orquestra metropolitana ia ao Lux, fazer o quê, deus meu, tinha de ir, não podia esquecer os acontecimentos, não podia deixar-se enterrar, quem interessa que esse fulgor fosse vão, tinha de entregar-se ao mundo, à mão da sua amada. Sabes, Lora, sou um ser alegre, estou farto de fardos e etiquetas, farto de albergar a loucura dentro do coração que a mente não importa para o caso, estou cansado mas com vontade de ir longe, tenho pressa da vida não me arrependo do meu passado, quero viver contigo. Dionísio, meu amor, eu aceito-te como tu és, e um beijo vindo do fundo dos tempos os uniu, celebrou-se um ocaso e muitas promessas, esperanças,

de dias melhores, não importava ir muito longe, afinal tinha Dionísio conseguido com a sua alma gémea aquilo que os viajantes procuram: encontrar-se consigo próprios.

Noutro dia, Josué, o pequeno irrequieto filho de Artides, tio de Manuel Ventura, entrou na cidade com o último livro de um autor a preço da chuva, distribuído juntamente com o jornal Público. Manuel Ventura estava na Suíça, passando uns dias em casa de uma amiga, Josué conhecia bem Lisboa, sobretudo os certos comerciais, tinha nojo das ruas, onde entre as pedras de calçada eram preenchidas por excrementos de várias colorações, e dava-lhe vontade de cuspir, por vezes tinha raiva de viver entre portugueses, mas outras pensava, Não tenho para onde ir, que raio de medicamentos e doença que não me deixa viajar, e é assim: tinha de ler, ler imenso, obsessivamente, inverter a ampolheta para fazer render o tempo. Isso talvez lhe permitisse abrir o espírito.

Entrar num certo comercial como o Colombo seria para Josué como voltar à vida, embora houvesse o perigo do consumismo, não se podia esquecer que tinha 22 anos e estava sendo sustentado pelo seu pai, que dali a meses iria cortar relações com ele devido a incidentes vários, é que os erros pagam-se caro e quando os erros se viram para nós como flechas de índios pecaminosos pior é quando a moral dos brancos se vira contra nós como punhal no coração, estar sozinho toda a vida lendo não seria solução, de modo que estive no meu quarto fechado dois dias, prostrado contra a cama como se fosse o chão de erva da pradaria do tio Jonas. Depois desses dias, o país tinha sido desiludido com a prestação dos jogadores na Coreia do Sul que tudo eram, mas que contra um público possesso e inquebrantável, tinham soçobrado às mãos dos samurais. O tio Jonas telefonou, no Domingo, Diabo pá já nem à missa vais, tu que eras tão

madrugador, compreendia-se, Jonas estava senil e a propósito, os jogadores voltaram ao pavilhão vociferando asneiradas e quem lhes seguisse os passos bem que podiam apanhar uma neurose. Artides ia testemunhar na 2ª feira a favor do irmão de Josué, Miguel, que fora vítima de chantagem emocional e afectiva por parte de um padre inglês, não lhe tinha raiva, talvez isso lhe servisse a personalizar o seu ego, com o andar do tempo talvez só a isso se pudesse agarrar para se sentir vivo, pois tinha consciência de que naquele tempo de colégio religioso pouco aprendia com os outros, pouco aprendia com os seus erros, continuava um eterno ingénuo, até frente a um tribunal que se reunia para tratar de assuntos seus. Jonas tinha uma visão de Lisboa muito peculiar: o autocarro, o café da frente, o café do Sr. Prior, chamavam-lhe assim porque o Senhor Bénard quase fosse ministro de deus, a banca de jornais do Senhor Oliveira e conta-se desta visão não com desejo de abandonar realmente,

já que ainda existe no quotidiano e é seguro que continuará ainda por cerca de dez anos ou até que Jonas arranje um emprego rendível que lhe dê para comer dignamente e pagar a prestação de um carro. Miguel, o mais novo filho de Artides, ficaria para sempre incógnito, esquecido, isolado, sem casar nem dar descendência, isto devido a três quatro coisas que Artides não lhe perdoara como pai e a ter sido presa da falta de inserção social, da frustração de um padre, sim porque mesmo acreditando que a religião pode ser legítima no seio da sociedade e tem de facto uma função que não temos o direito de censurar, a humanidade é tudo aquilo que foge às regras, mas Miguel tinha consciência do que lhe tinham feito e do que ele tinha feito, em relação à religião, à sociedade e às expectativas do seu pai. É certo que gostava pouco de trabalhos na fábrica de madeira que o pai já herdara. Mas até ir para o colégio, seminário, lá tinha aguentado, todos os dias levantar às 7 e 30 da, com o irmão, os três juntando-se ao

Dias, ao Fontes e ao Diamantino. O tio Jonas enfermava dos problemas que Miguel podia vir a enfrentar: sedentarismo, valorização do intelecto em detrimento do coração, dos sentimentos e da forma física. Mas lá na chámil quem se importava disso? Quem quisesse boa forma física que trabalhasse!

Jonas tinha tido sempre boas companhias, mas como ousava ser diferente em tudo, contrariava o pai Botelho e todos os seus amigos. Era assim na bola, era assim na escola. Não que tivesse más companhias, o que tinha de facto era o que se chama em bom português espírito de contradição. Por isso, naqueles dias de 2002 em Junho, vivia numa situação de dependência da irmã Francisca e do irmão Artides. Ia todas as quintas feiras ao grupo terapêutico do Dr. Damião, juntavam-se cerca de 15 pessoas e ele tinha abandonado as consultas da Doutora Fernanda Melo porque não tinha nada para lhe dizer, por outra, tinha muito mas ela logo lhe passaria um raspanete

e que levantasse o rabo e fosse trabalhar já que se empenava de tantas potencialidades diante dela! Jonas, Artides e Francisca tinham boa união, que viera da educação familiar, mas a vinda de Jonas para Lisboa estilhaçara tudo isso o dia a dia era sofrível, penoso, agora deixou crescer a barba porque se tinha dono de alguma perspectiva do mundo útil para a sociedade e quem sabe se seria bem verdade! Lutarei até ao fim dos meus dias por um pouco de dignidade que o meu alter ego parece negar-me, poder, religião, política, odeio todos os ismos, contudo sou abafado por eles, impedem-me de dizer o que sinto, cresço embutido e só me resta acreditar que um deus pessoal existe que possa um dia mostrar aos deuses das outras pessoas o que me vai crescendo por dentro!, dizia a Lígia num fim de tarde nas ruas do Bairro Alto, as festas deprimem-me mas sinto-me atraído por elas. Ao fim de contas, acho que sou um pacato! Lígia estranhava tal comportamento, depois da declaração de amor no lago, as coisas pareciam

regredir, as coisas do amor, o homem parecia contradizer-se. A viragem de Manuel Ventura para uma nova localização geográfica poderia trazer novos frutos e finalmente um alento na sua vida. Foi numa viagem a Viana do castelo que acabou de construir a sua genealogia, tinha uma forte consciência familiar. Dava uma certa margem de manobra às pessoas mas não podia ouvir certas coisas, seu estômago não aguentava, por isso não iria mais telefonar, depois daquela viagem, ficasse onde ficasse, iria viver uma vida sozinho à espera de qualquer coisa, de um sinal não divino que agora só nos homens, num homem vindo de cinzento acreditava telefonava a todas as pessoas menos àquelas que importava o que é que havia de fazer, tinha desgastado a sua vida assim não ia longe não podia esperar que os outros fizessem as coisas por si os erros pagam-se caro e com a sua consciência religiosa, o que não significa obrigatoriamente acreditar num deus, não podia ir muito mais longe que autores citar, de que temas falar, entrar

na rede para que se no dia seguinte teria uma viagem para sul não adiantava por isso forçar os sentimentos das pessoas que estavam em seu redor o caminho estava aberto e ele sabia muito bem o que fazer daquele momento em diante. Ter senso comum era urgente e o senso comum seria estar entre linhas, no meio termo, depois de radicalismo de Dionísio e de Blast e do alheamento de Jonas. Se ao menos Dionísio tivesse companhia para sessões políticas! Não valia a pena ir a essas sessões partidárias com intenção de colher mais frutos no futuro, não valia a pena estar junto dos intelectuais por interesse, só valia esperar que o tempo sarasse as feridas.

Os sentimentos históricos eram realçados todos os dias pelas publicações periódicas, discutia-se a extinção da TV estatal, enfim, não fazia falta nenhuma a televisão, um excesso de audiovisual já fizera Dionísio ir perto do fundo em termos morais. Havia contudo uma nova personagem a renascer, adiante se dirá o nome. Uma personagem com liberdade e solidão ao mesmo tempo, sabendo viver finalmente, após os excessos de Manuel Ventura, Dionísio e Blast. Tal personagem era aparentemente ilusório, um fantasma vindo do passado. Perdulário no que respeitava a dinheiro, Blast era agora um MegaBlast, vindo de Viena com os sons da frente para Lisboa. Nunca havia saído totalmente do mundo académico, nunca havia deixado a sua vida de ente religioso, vida pacata, frequentando pouco as mulheres, sempre com milhentos de projectos com que se entusiasmava e com os quais fazia conjecturas para isto e para aquilo, cursos de pós-graduação em que se inscrevera e não havia continuado e

com os quais se desculpava para trabalhar, era mais uma obsessão, uma desculpa para não se comprometer com as pessoas, com as pessoas, e por isso às vezes, não, a maior parte do tempo, sentia-se tão só que perdia as esperanças de reatar o contacto com o mundo. Contudo, nem tudo eram cravos, deixara para trás um estado psicológico permanentemente instável e com ele todas as tentativas goradas de prosseguir estudos, não se sabe como é que poderia ter andado tão distraído e não se lembrar que poderia ter de novo um estatuto de universitário, sim, estudante universitário e que poderia dar aulas de novo, outro tabu, outro tabu. Era tempo de dar tudo por tudo, em *low profile*, tinha conseguido em dias reduzir o consumo de tabaco, bebia só descafeinado, excepto quando se sentia absolutamente sem forças, aí cedia, cedia e entusiasmando-se de novo tomava um café, no Lorrvão haviam-lhe dito que não podia tomar café, no fundo tinha uma vida monástica, estava só com o seu

pensamento, não, o escriba mente, esta com a sua família, os seus irmãos Jonas e Josué, as suas irmãs Lúdia e Francisca. Havia jurado guerra total em *low profile*. As novas vizinhas pensavam que ele era atiradiço, porém. Apresentara-se e mantinha-se na espera de uma oportunidade, as mulheres são todas iguais, querem homens com sucesso, prestígio social, nem lhe servia já todo o trabalho que seu pai Artides tivera toda a sua vida, passara de santo a cavalo, de cavaleiro a cavalo, mas que podia fazer senão continuar a espalhar o seu CV nos lugares mais inóspitos, com gente embriagada e variegada, que mais podia fazer senão ir de derrota em derrota até à vitória final. Um dia tudo faria sentido, tudo iria fazer sentido, as fixações, obsessões iria descolar-se da sua mente, numa viagem, sei lá, depois de uma viagem, talvez se cansasse um dia e fosse para outro lugar, mas não se podia dar por descontente pois via mendigos e eles eram como que um espelho para ele, via bêbados e passava-se o mesmo,

vivia das esmolas de seus irmãos e um dia....um dia haveria de passear orgulhoso e livre pela cidade, tudo haveria de ser automático, natural, comer, estudar, trabalhar, fazer amor. Esta nova personalidade de uma nova personagem era ilusória, o seu comportamento não era linear, que raio de problema o nosso de pensarmos que tudo tem de ser linear para ser entendido. Ainda não vou dizer hoje o nome da personagem, porque numa manhã de Junho, estavam Blast, Jonas e Dionísio tomando o seu café e falando do sentimento de si. Os clientes tinham ido a uma excursão de modo que o movimento era pouco. Fumavam cigarros e conversavam, mas estranho que cada um parecia estar invulgarmente introspectivo. Um dia, Blast haveria de voltar, estar naquela paz ilusória de pacifismo, como se pudesse estar entregue aos seus pensamentos, meditando, sem que alguém o incomodasse. Blast estava no bar há cerca de três meses. Tinha descido em termos de auto estima e estava quase

desesperado, pois precisava de arranjar trabalho e o dinheiro escasseava. A atenção dos outros era velada, como se pensassem que faria dali uma reportagem jornalística. Tinha de enfrentar a solidão, estar ali não lhe servia, mesmo que não viesse a fazer nada de importante, apenas o seu dever como cidadão, que é ir a um emprego de oito horas cinco dias por semana. Afastava-se de algo que tanto desejara na sua juventude e aproximava-se de algo, de um estatuto, que não queria. Estaria ficando velho, velho do espírito? Na avenida do Brasil ninguém se importava, a situação social continuaria assim por mais de décadas. As pessoas simplesmente não se importavam, eram todas oportunistas. A pouco e pouco Dionísio aprendia a sobreviver. E Jonas já sabia sobreviver. Aproveitava cada hipótese que tinha de fazer dinheiro ou conquistar prestígio social com uma sede e uma fome insaciáveis. Estará o escriba a dramatizar? Não, é claro que haveria de saber qual destes personagens havia aberto a caixa

de Pandora e qual a haveria de fechar. É questão que incorporaremos adiante deste relato. Estamos em alto mar, Speranza começa a desenhar ao longe, à medida que o barco entra na grande baía que a caracteriza. Não é mais um guião de um concurso de televisão. Aqui trata-se de coisas mais profundas e sérias que não têm a ambição de serem pesadas e demasiado existencialistas. Devia ser um paraíso comunista ou então capitalista, mas os personagens são mais de dois. E o mastro são as personagens, o que dizem, como agem, num estúdio da Tóbis. A nova personagem iria afastá-los dessa ilha demoníaca e ensiná-los a conhecerem outras terras, outros mares, num barco de recreio como se fosse uma casa flutuante. É sufocante, talvez produtivo em termos de narrativa, mais, asfixiante viver num país onde não parece haver regras morais Não preciso de me justificar, não vou dar mais nem esperar que a sociedade me de aquilo que não posso conquistar e manter, reafirmava no Blast. Jonas tinha uma

atitude diferente e contou uma pequena história, Noutro dia, estava em casa, com o dilema de sair, eram cinco da tarde, tinha uma entrevista com um sacana de um bruto mal-educado que parecia alguém que eu já tinha conhecido, não estou para servir de carne para canhão, o socialismo está em crise por toda a Europa mas eu concordo com muitos dos seus princípios, de modo que acabei por ficando em casa, apreciar a casa, lendo, fazendo o meu peixe cozido com batatas, com pouquíssimos euros na carteira, sonhando finalmente no filme que haveria de ver. Dionísio sorveu um pouco do seu café e jogou o recipiente no caixote de lixo amarelo, Ah! Isto sim, é um som, levanta o rádio, ó Josué, numa das mesas a Dona Amélia lia um pouco (um pouco...) o seu jornal. O escriba sofre, mal alimentado, com excesso de preocupações, desempregado, agarra-se à escrita, bom, ao menos isto, já que não fez grandes viagens até agora, não ficou calado, a escrita é o seu grito de revolta e inconformidade para com a

sociedade que fecha as portas aos seus personagens. É certo que em certo sentido ele se negará a ser um *selfmade man* como o pai, independente, um homem que arrisca tudo, mas também não será um mendigo, nem chegará a ver o seu abismo em vida, sim porque todos temos um abismo quem, como um tufão, anda por aí e nos pode envolver e fazer desaparecer diante dos outros.

De um pequeno livro de pensamentos retirados da Bíblia, Justino lia na capa que “estas palavras são fiéis e verdadeiras”. Sim, pesada era a herança de um catolicismo bacoco de velhinhas Mas então ao que é que nos iríamos agarrar? O que seria preciso, numa atitude verdadeiramente antropológica, isto tendo em consideração o conhecimento da natureza humana, seria viver com uma e outra coisa. Sim, talvez Justino viesse a ser melhor cidadão se incluísse a natureza divina, mesmo sabendo que as mais bonitas não vão à Igreja. No regresso a casa, desfazia as malas com o ímpeto

de um cavalo saltando a cerca em busca de pasto verde, verde. Ainda buscava numa frase, num aglomerado linear de palavras uma explicação, o saudosismo de um espaço, o que não poderia revelar todos os dias, a verdade todos os dias. Seria necessário como numa aula desfazer os novelos da memória, retirar linha após linha os riscos que fizera numa tela original que não era de tela para de uma outra matéria que explicasse o que digo com cuidado. Sim, amanhã compraria aquele livro de Raymond Carver. Que se danasse o amanhã, sabia que tinha um corpo para trabalhar, como se diz na aldeia, na pequena aldeia que cada vez mais ficava longe, apenas uma esperança, uma hipótese no café onde bebera descafeinados sob efeito do Haldol, que hoje ouvira de passagem alguém rir. Depois a quem diria as palavras que tinha escrito. O que tinha escrito. Os dias estavam habitando uma outra esperança, que vinha do fundo dos tempos, que vinha do conhecimento dos sistemas, das memórias, uma

irrefutável tendência para o suicídio intelectual. Rosa não tinha medo da morte, estava habitando um espaço pequeno e era viva demais para tal. Fazia as suas necessidades ali perto, alguém vinha de tempos a tempos descrever o cenário e implicar um sujeito como culpado. Eram os dias da destruição das torres do World Trade Center. Os homens não lhe interessavam, vivia de uma sexualidade libertada para si, a dois metros de si. Os homens eram perversos e maquiavélicos, essas seriam as palavras que encontraria escritas num autocarro anunciando também um filme. Seriam essas as palavras que descreveriam em síntese a natureza humana. A religião era mais uma bolsa que explicava o mundo. Uma entre outras como até a música e as *raves*. A jovem alemã escrevera tudo a vermelho, até as mais pequenas reacções de flatulência do indivíduo. Esse Manuel Ventura apenas se arrependia de adormecer todos os dias na falésia com a verdade. Ali perto fizera uma cabana em madeira. Saiu

de manhã no dia 2 de Agosto, prolongando o seu até à pequena ribeira que fazia um lago a cem metros da cabana. E quando sentisse tristeza, voltaria a reconhecer os seres vivos, voltaria para a cidade e deixaria Speranza. Queria morrer com esse sentimento de tristeza, de fado, esse sentimento que fazia bem. A sua altivez relegara-o para um plano bastante prejudicial ao convívio com os homens. Nessa noite de Agosto pernoitou ao luar, tentando respirar puro. Estava cansado de um esquema de vida da cidade a que chamam rotina. As mesmas palavras para comprar um jornais, as mesmas canções na rádio os jovens que eram sempre irreverentes e pareciam não ter problemas ou que os tendo os sabiam solucionar. “Arre, estou farto de semi-deuses”, podia dizer como o poeta. Depois de passados meses de recolhimento e eremitério, tinha voltado. E pensar que podia experimentar expressões distintas de um mesmo segmento de concatenações da vida social. Nada tinha feito, nada devia a

ninguém, contudo carregava um fardo que só podia ser o da civilização. Carregava uma cruz como a de Cristo, mas não, não se deixaria crucificar. Batera demasiado no fundo para lá permanecer. Arranjar um pseudónimo tratou-se uma questão de opção. Se alguém estivesse aqui para compreender a lógica do meu pensamento! Iria um telefonema resolver tudo? Só no dia seguinte poderia ter uma ideia mais clara. Para já, era tarde e eu desejava conhecer Zoe. Os estranhos sentimentos que procurava erguer para edificar um edifício novo na sua mente estavam esbatidos no vermelho-sangue de um calçada.

Manuel Ventura levantou-se cedo e vestiu-se meticulosamente, repetindo para si próprio palavras de coragem misturadas com auto comiserações e críticas de que ele nada tinha culpa, só que não se revia na roupa que vestia. Na sua vida anterior tinha sido bem pior, ele estava na frente de batalha da guerra civil espanhola. Lavou a cara e tomou um

pouco de perfume, tomou o pequeno almoço junto à mãe, tomou os medicamentos do dia e dirigiu-se ao café para ter alento naqueles dias que não lhe davam descanso, tantas eram as vozes dissonantes. Na verdade, nem tantas eram assim. Sua mãe, sua irmã, seu cunhado. Nesse dia recebeu logo pela manhã um telefonema de alguém da rádio para o entrevistar sobre uns temas actuais e também nesses dias recebeu um convite de alguém da televisão. Não podia resistir, contudo, tudo o que queria era fazer as coisas por si próprio, ter uma missão. Mas em nome do seu passado, tinha de rejeitar, mesmo que fosse uma oportunidade para ser conhecido, mesmo que gostasse, havia de fazer algo que é muito simples de fazer, levantar-se bem disposto todas as manhãs e continuar até que chegue a nossa hora para uma vida seguinte. Muitas coisas haviam caído para o chão como folhas de plátano no Outono quando se vai para a escola, muitas oportunidades inclusive com mulheres haviam caído,

contudo ele continuava vivo, respirando, dorido do ossos como sei lá o quem e esperando pela sua hora, a hora de partir para uma segunda vida, a hora de deixar a sua pele como a cobra, a hora de fazer coisas novas no amanhã. Lisboa não era aquele pedaço de percurso do Prazeres até à praça do Chile ou ao Saldanha. Não era, definitivamente. Dali a dias, uma nova perspectiva podia surgir dos seus sonhos, contudo, não podia deixar de comunicar, de procurar o seu destino, nas palavras, pois foram o que havia feito até então, nada mais, as ajudas no trabalho do pai, Etéreo, não haviam sido tiradas fora da sua preguiça de que não se recriminava mais, e ali na clínica as coisas continuavam no dia a dia, toda a gente no seu lugar, como um quadro que não se mexe e que espera que alguém mova os olhos para contemplar os seus componentes. E este homem interrogava-se porque é que tinha tanta complacência ainda para com o mundo quando todos tinham a sua oportunidade e a aproveitavam, crentes ou não, cristãos

ou muçulmanos. Porque é que continuava tendo um estilo de vida fleumático, enredado em suas ideias e comiserações que o levariam à morte. Na verdade, em 1947, depois de uma pequena sublevação contra Salazar, o comunista Narciso d'Alva decidiu partir para o Brasil e aí lutou contra a ditadura de Getúlio Vargas, vindo a derramar todo o seu sangue pelos irmãos brasileiros. Depois de duas grandes guerras, o que teria sido português para Narciso d'Alva. Por curiosidade pode mencionar-se que este era o primeiro nome do presidente da câmara municipal onde ele deixara crescer os cabelos brancos. Que mais havia dizer, quando todos lhe passaram à frente a ele com tanta ambição de fazer bem viu-se escolhido para um confinamento atroz, ele que não quisera nada para si e que havia arrastado a mãe e a irmã para uma melancolia de morte, cinzenta como as cinzas que mais tarde seria espalhadas num rio que se sabe designou mas que era ainda incógnito a tempo destes relatos. E cada vez que discutia com

os seus familiares, mais o sangue lhe perturbava as veias porque o quotidiano era de uma espera desesperada. De uma solidão sem palavras. E poder-se-ia dar o nome de romance ao que escreviam estes homens na linha da vida, o deixavam no talmude para os outros ler. Estaria ele decerto perdendo tempo quando outros mais ávidos de eventos literários e coscuvilhice das velhas que nunca souberam viver a vida e que nunca tiveram a consciência de que o mundo é ingente e que provavelmente estaremos sós. O que desapontava Manuel Ventura é que talvez o mundo das palavras não fosse afinal infinito e daí, daí haveria uma possibilidade de ser uma ciência exacta, pelo que era bom passar o testemunho a outros e dedicar-se às palavras. Mas não podia ser, já havia deixado em meio da vida o velho hábito da vida ruminada e agora em meio da vida encontrava-se numa encruzilhada. É certo que teria de trabalhar, em que quer que fosse, mesmo levando uma vida errante, algum dia chegaria a algum lado, com

alguma história para contar aos seus netos. A questão é que vivia demasiado enclausurado no seu mundo e fazia de quando em vez investidas no mundo real, como quem põe a cabeça num turbilhão de ideias e coisas. Não é de trabalho que o delator aqui representa. É de ideias, de como os indivíduos habitam os espaços. Pois essa encruzilhada era fictícia. A sua casa era a sua mente e onde quer que ele estivesse as palavras, ditas ou ouvidas ou mesmo trocadas eram o seu alimento. Não queria mais. É claro que teria de viver de algo, mas cedera já demasiado ao senso comum. Demasiado ao senso comum. E ninguém havia lhe dado coisa alguma. Portanto haveria de saber gerir o seu covil e defender-se com garras de leão. Esse dia ficou marcado para Manuel Ventura, pois concluía que o hábito de pensar era muito mais difícil que o hábito de fazer esforço físico, por isso naquele dia ficou contente consigo próprio. A sua casa era a sua mente. Muito haveria a transformar a partir daquele dia para que o seu

coração se transformasse na sua casa. E estas palavras eram como aquelas ditas pelo Senhor Fernando quando andava em redor do café, dentro do café de um lado para o outro, fumando ou pedindo dinheiro para cigarros. O que se verifica aqui é o mesmo tipo de solipsismo. A Narciso d'Alva não adiantava mais, estava demente e moribundo. Manuel Ventura não podia ficar mais naquela aldeia. Uma lenta recuperação iria verificar-se até que pudesse adquirir de novo a mobilidade em Lisboa. Em Riachos a vida corria naquele Inverno de 71, com todos os seus personagens, esgotada como palco para uma tese de um jovem estudante de ciência. Ele não voltaria a considerá-la como tal no seu todo, não tinha, deva dizer-se curiosidade científica que perdurasse por tanto tempo. Contudo, tinha um enorme desejo de liberdade e tal desejo levá-lo-ia até outros lugar, quem sabe até fora do país, na companhia de alguém conversador.

COMO MALINOWSKI

Agora fala o delator. Até onde pode um ser humano ser humilhado, só querendo, só gostando, como se estivesse numa luta contra alguém, contra si mesmo Disse “fim de psicologia” porque estou cansado de ver os meus personagens numa dança que não parece encantar ninguém, ser convidativa à dança. Jurei que somente iria ao hospital quando precisasse de medicamento. Assim vai ser no futuro. Devo procurar uma outra estância que seja conexas com os meus desejos, que a vontade bateu no fundo, apenas me resta fazer tudo mecanicamente. Já não há sentimento quando o cérebro está doente, as coisas não são lineares, ninguém me paga para estar ali, no bar, numa estância, digo isto como escriba e na primeira pessoa porque estou fazendo um epílogo. Dizem que, para as doenças psiquiátricas, “nunca ninguém resolveu isto sozinho”, pois a sociedade terá de me aceitar, desde que

eu não seja violento ou traidor à pátria, apenas desejo o meu emprego, que os dias de escriba estão chegando ao fim, passei das marcas, chega de introspecções, sei o que tenho de fazer, procurar uma outra estância para de manhã, arranjar um trabalho à tarde, não estou descrevendo fielmente o que se passou hoje, mas o que de facto ontem prometi a mim mesmo foi nunca mais entrar naquele hospital senão, por necessidade, buscar credenciais para medicamentos, mesmo a respeito disto terei de encontrar uma alternativa. Tenho terça-feira duas conversas agendadas, numa delas a psicóloga irá dizer-me que só falta arranjar emprego, fui eu que a procurei, ela não se interessou mais por mim; no caso da segunda conversa, apenas serve os interesses do psicólogo que tem ali um antropólogo a seus pés. Hei-de ou não ir não me interessa agora. Só uma pequena parcela da população sofre de doenças psíquicas e eu não vou negar a minha quota parte, contudo já me arrastei demais, todos sabem que estou

dormindo ou escrevendo, mas noto que tenho de fazer de actor para ser aceite pela sociedade, que raiva!, resisti a muito e não me vou endividar fazendo um curso de psicologia, embora fosse assombroso em termos de curriculum, isto de ter licenciatura em ciência social e psicologia, ramo psicologia intercultural. Não preciso mais de voltar ao hospital, agora para o fim da minha estada por lá tive consciência de que precisava de escrever, descrever, por isso surgiram estes personagens em estâncias desconexas. É provável que daqui a uns anos tudo venha a fazer de novo sentido e venha a dar conta de estâncias conexas. Quem me dera de facto estar numa estância de desintoxicação de tabaco e café e fazer exercício físico para voltar ao antigo eu, não ego, não preciso de fazer reverência à psicologia quando tenho a ciência e eu hei-de contribuir a partir de dias para esse inventário das sociedades e culturas humanas, já que quem poderia fazer um inventário dos indivíduos, analisando-os objectivamente em separado,

refiro-me à psicologia, nunca o fará, já que a velocidade dos que morrem e dos que nascem o impede de todo. Vencer estar sozinho quando isso é uma ilusão, preciso de um banho de mundo real para me purificar dos pensamentos que à minha alma se colaram e que tomei no hospital, voluntariamente talvez. Talvez tenha sido subserviente, esperando ganhar um prémio, de humanismo um dia. Mas estou cansado, de tudo. Porém, anima-me um espírito de descoberta muito novo. Preciso de movimento, de ver novos rostos, jovens ou idosos, de ouvir outras histórias, a atracção e curiosidade pela loucura já foi satisfeita. A conclusão é que não consigo enlouquecer, apesar dos clichés sociais. E não me importa o que conhecem de mim. Há uma espécie de serenidade, como se daqui a pouco começar, depois de um sono sereno, uma segunda vida e estou certo que na reencarnação serei o deus de alguma pessoa, um santo protetor, que já chega de ser endemoninhado, pois pelo rol de coisas abstrusas que fiz

afectando os que me rodeiam o mais prejudicado fui eu, o meu futuro, uma certa ideia daquilo que os meus de mim esperam e que eu poderia desenvolver socialmente. A minha vida tem sido feita de ideais e eu preciso de um novo ideal, estarei perto de encontrá-lo. Não sei, não sei mesmo se deva ser tão radical nas minhas decisões. O que é certo é que sou boi marcado já por várias ganadarias: o convento, os hospitais psiquiátricos. Só me falta a prisão e de facto desejo planejar um assalto a um banco para fugir para o Brasil ou ilhas polinésias, um fim de mundo qualquer e ali estender a minha alma sem culpa nem remorsos. A sociedade é perversa. A sociedade é dos espertos, dos que cantam em segunda voz, não em falsete, quem conta um conto, acrescenta-lhe um ponto, segunda-feira não volto lá, não posso voltar, tenho de imaginar como ficarei depois de beber três e quatro cafés a vir para casa dormir, fica o dia estragado. Resta saber se as minhas maleitas psiques são genuínas. A psicóloga julgará, como a minha irmã, que

são inventadas, que apenas a consequência delas, o sofrimento psíquico é genuíno e digno de atenção e palavras, e emoção. Que diabo, invento clichés para justificar a minha falta de iniciativa, falta de capacidade em trabalhar! No fim-de-semana vou ao Alentejo, passarei dois dias com a família do meu irmão, que é também minha família, com os meus sobrinhos e eles com o tio, cortarei o cabelo e sinal de recusa e demarcação do passado mesmo sabendo que interiormente as coisas aconteceram. Tenho consciência que se me acontecessem coisa verdadeiramente dramáticas poderia ter algum sucesso como escritor, assim, não passa tudo de tempestades em copos de água, não me estou subestimando? Que se dane a autoridade de ser doente psíquico e a conversa psicológica! Vejo as coisas assim, nunca tive jeito para explorar ninguém, está mais do que na hora de seguir o meu próprio caminho, já sei muito da vida, com 32 anitos. Poderei um dia ser considerado um falhado porque tenho poucos

factos como escritor, mas não me preocupo com isso. Relato o que me acontece, sejam factos ou simples conjectura, tenho o defeito de assimilar demasiado os diálogos, pelo que a minha escrita poderá ser vista como monológica ou, não queria dizer isto mas aqui vai para se entender, autista. Durante a minha vida poucas vezes me revoltei, nunca agredi ninguém e fui vendo os outros passar, ficando para trás. Sei que o que lá vai lá vai, não posso modificar o passado, que se dane, não vou tentar recuperar o tempo perdido. Agora, com serenidade e mecanicamente, irei percorrer um novo caminho. Não sei, quiçá já ultrapassei certos limites, quiçá já cheguei ao ponto do não retorno, digo isto que põe em causa tudo o que disse neste epílogo. Mas a vida talvez não seja um caminho em que andamos de trás para diante. Talvez por vezes sejamos em dados momentos destinados situacionalmente a permanecer em certas estâncias, lugares onde nos sentimos sozinhos, mesmo ouvindo o bater de outros corações. Talvez haja vários

caminhos. Talvez não seja preciso chegar a lado nenhum, talvez nunca cessemos de caminhar e esse seja o nosso infeliz destino, afinal a vida é feita, como diz o poeta, de mudança e eu sinto como muitos que tenho de dar o lugar a outros um dia quando o destino chamar com sua voz. E quando estiver vivendo outra encarnação, se puder escrever, direi o nome dessa nova personagem, tal Fénix renascida, ou senão alguém através de quem serei de novo gerado me dará um nome novo. Acabou de falar em discurso directo o delator.

Falhara-me o dito de que Manuel Ventura e Narciso d'Alva tinham um irmão ilegítimo. Esse irmão vivia perto de Riachos, em Vila Seca, uma aldeia com as mesmas características sociais que a protagonista do nosso relato. Quando pequeno, Narciso d'Alva convivia com vizinhos filhos de dona Arménia, mulher de Exposito, emigrantes em França, lembra-se dela nas noites de Inverno enorme

sentada num banco que nem sequer se via, junto à lareira, e Manuel Freire vinha ter com Narciso d'Alva chamando de irmão. Crê o delator que seria para com bons sentimentos. Agora crescendo Narciso d'Alva, veio a reconhecer naquela figura um pômus de discórdia, porque não se lembrava em Riachos de caso semelhante e Adriano seria estigmatizado pelo facto daí o seu levantamento todos os dias pelas sete damnhã para o trabalho, fazendo casas com as suas mãos, Riachos era hipocritamente cínica e condenatória, não deixava hipótese a Adriano senão trabalhar toda a sua vida para pagar bem caro o seu erro juvenil de uma mulher mais velha que o aliciara e isso seria os trabalhos forçados, o seu Auchwitz. Narciso d'Alva definhava ao pensar que a sua ligação com o pai se anulava por este facto e toda a comunidade antropológica deixava de o considerar membro só porque tivera de recorrer às mulheres da vida para satisfazer o seu desejo

que não encontrava numa mulher, talvez estivesse à procura de uma mulher invulgar e diz o detalhor destes factos que Narciso d'Alva quis provocar factos na sua vida por falta deles na sua monótona vida em Riachos. Havia um jovem de sociologia chamado genericamente Otero, as gentes que levavam os carros de bois assim o conheciam, morava perto da estação, numa freguesia que fazia confluência com Riachos. Em alturas do meio da vida de Narciso d'Alva, quando esteve no seu leito de morte não o visitou, quanto depreende o delator eram amigos de infância e fizeram juras de amizades sangue com sangue. Conhecera um catedrático de Congóis que lhe dera acolhimento e o fizera professor e assim ganhava o seu salário e podia comprar livros para encher no seu gabinete e impressionar as visitantes com quem fornicava no sofá adstrito à janela que dava para a janela na rua que dá para a estrada que conduz à sede concelhia de Riachos. Mas

de Otero, o delator promete falar mais adiante. No refúgio dos últimos dias de Narciso d'Alva, Manuel Ventura amparava-o com lora e contavam-lhe histórias de como era o mundo e as gentes de oriente a ocidente, que não era simplesmente uma linha de metro vermelha ou azual, mas um emaranhado de vida que nunca a sua vida poderia conhecer em amplexo por isso poderia dormir perto da morte naquele dia. Estes dias agonizantes trouxeram finalmente reconhecimento, o reconhecimento que Narciso d'Alva procurava para o seu ego durante mais de sessenta anos, é assim, toda a gente gosta do cheiro da morte, até a meninas, talvez se Narciso d'Alva não trouxesse com ele o estes da morte toda a sua vida lhe tivessem chegado perto durante os dezoito anos quando frequentava a escola secundára e trabalhava nas obras com o pai, depois mesmo durante o acampamento de jovens ninguém sabia nada dela a não ser o presidente da junta de freguesia e o

professor catedrático ele mesmo buscara um lugar onde pudesse ter meia dúzia de alunos e agora a obra de Dante era mesmo uma comédia quando deitava fumo a sua garganta e o estômago estava podre e Justino que também viera para os últimos dias teve de ir tomar um café na cave do prédio, do lado de trás, quando uma criança jogava à bola perto dos pais e dizia-lhe o dono do café que era cancro do estômago, por estar ali naquele leito, Narciso d'Alva não foi visitar a tia Adriana que falecera de tanto lutar do vício do homem só teve tempo de a ver morte e disse-lhe e a toda a gente no velório que Ela não está aqui! mas ninguém quis crer e Narciso d'Alva deu às botas pouco depois da mulher do cancro. Aqui ao delator já não dá prazer contar estas coisas, antes dava realmente, antes de Narciso d'Alva se meter em Curvas Apertadas depois veio a ignomínia nos rostos e vozes de mulheres gemendo de prazer no écran e isso destruiu o homem e o

delator cumpre o dever de um jornalista com dados abundantes sobre uma ou várias vidas ou de escritor ou de psicanalista em que as palavras se encaixam num relatório e dizia que num acampamento tinha Manuel Ventura mais idade e teve de ficar um dia retido quando todos foram para a discoteca e observou tais mulheres e ia morrendo das mesmas coisas de Narciso d'Alva só que os sintomas eram distintos já que lhe dissera que fora viajado e isso o consolara. Mas regressemos à agonia de Narciso d'Alva, tenha paciência o leitor, ponha-se no lugar de um deus grego que aqui somos mais católicos que o papa mas admiramos a antiguidade grega. Salva-se os tempos nas instituições religiosas, a médica dissera-o com perturbeção obsessiva compulsiva, antes disso o pedaço caía como pedras misturado com chuva e a francesinha era simpática quando estavam no acampamento, depois percorremos Congóis inteira à procura de médico e as alucinações não

paravam e o homem falava falava como nunca até que na aldeia do Lorvão aquilo era um antigo convento e até soava bem com o passado do homem Ihe deram uma injeção e acabaram com ele como acabam com todos os que são cobaias dos médicos parasitas de sentimentos que nada querem saber das emoções dos doentes que nunca mais arranjam mulher e filhos e ficam a saber da cura e dura verdade que o mundo é para os duros , para aqueles que não têm dó nem piedade em amealhar, em sobreviver, todos se comem uns aos outros e se não vendermos a alma a um tal personagem a Mefistófeles não saímos ilesos para compor o caixão. Isto era o que Narciso d'Alva dizia da sua boca a Manuel Ventura que ouvia com espanto e Lora com mais espanto ainda que, embora não entendesse completamente o português, arfava com a vida que ainda enchia as palavras daquele homem. Nunca mais ninguém nos veio visitar como nos

outros tempos, mesmo os emigrantes familiares e a velhota mãe de Rosália continuava pelas ruas de viana à procura de pedaços do seu passado para poder melhor viver o presente. Ninguém lhe ligava a não ser Dona Catarina, vinda de Moçambique e que agora vendia velharias. Eu tinha na pré escola um amigo preto e dava-lhe rebuçados, conheci um outro que está hoje num ministério que me recomendou A Ciociara e íamos a Braga tomar café Segrafedo e ninguém queria acreditar que eu queria ir para àfrica como o Padre Estêvão, perverso que me destruiu a vida, ninguém queria acreditar, eu sempre fui antropos, sempre dei mais atenção aos outros que a mim próprio. Depois do Lorvão, que o presidente da república foi visitar há dias, a minha vida nunca mais foi a mesma, fiquei cerca de dez dias inerte e compreendi que a vida é um “safas ou morres” e partir daí compreendi que tinha de reagir, como agora não há mulher e choro os

filhos que desperdiço e que podia dar há já muito tempo a um banco de esperma teria muitos agora, mais do que que em àfrica ou na arábia. Nada é definitivo, conheci muitos médicos a quem dei imenso dinheiro, que me disseram para ir a mulheres a quem dei imenso dinheiro e agora não me tenho nas pernas. Foi o doutor com a face rasgada que me entrevistou lá no Lorrão e eu pensava que estava em áfrica até me darem a dose para tirar a energia a um cavalo, depois a mulher do médico que trabalha com Roseta num centro de apoio a toxicodependentes e corre riscos e não ganha nada e me tem ajudado nestes dez anos de câncer em que sei que o destino da morte. Enumerar os médicos para quê talvez o faça um dia quando tiver paciência e acredito que ao dizer personagens estou comprometendo a minha próxima vida que será de um chefe autoritário da europa central, um personagem históricos impiedoso na frente de batalha por

isso será reconhecido e por isso as mulheres virão ter a seus pés e eu não me importo do amanhã é claro que vi o paciente inglês. Posso dizer-te, Manuel Ventura, tudo, porque estou morto, só me restam algumas células e essas são a memória dos meus dias, os médicos a maior parte ganhavam dinheiro com doentes, pudesse eu não ter tirado ciência pois fui ingénuo, deveria ter como Agostinho tirado marketing ou como o Alferes Torre Direito, que me disse Francisca está subindo a pouco e pouco na vida social. Digo-te por fim Manuel Ventura que com a meia dúzia de médicos construí uma vida fictícia plena de planos mas que não se concretizavam, meus pais amparavam-me o jogo e pouco a pouco fui ficando aqui em Riachos, como um diminuído, queria dar o meu sofrimento a alguém, como numa vingança do velho oeste americano para saber, para registar as palavras que saíam daquela boca. Queria. Como um general impiedoso. Depois disso perdi

duas vezes a carteira na cidade de Lisboa, porque a ela me entreguei e em dez anos não consegui amealhar património e arranjar muler para os meus filhos, tudo o que me resta são estes relatos, aponte aí Manuel Ventura, encontrei médicos bons mas que não resolviam o meu problema sempre tive dificuldade em integrar-me em grupos e foi nisso que falhei. Os últimos dez anos da minha vida foram passados num síndrome de lock. Que mais há a dizer?

Deixei o homem falar dos seus falhanços em ser curados dos males psicológicos e olhei para as pessoas que estavam naquela casa vetusta, dos pais de Narciso d'Alva. Duas mulheres em especial me chamaram a atenção. Claro que eram xamãs. Uma delas parecia uma medium. Decidi-me falar com ele e ela contou-me como conhecia "casos como este". Estranho como à distância se podem conhecer casos assim. Deve haver alguma padronização no comportamento que elas

deslindam. Tive de deixar aquele lugar nem me despedi de Narciso d'Alva, entreguei-o à sua sorte.

A família de Orestes quis perguntar como seria se seriam enterrado em Riachos na terra da mulher, ao que logo lhe disse a irmã que seria incinerado e suas cinzas espalhadas sobre um rio, que rio ainda não se sabia pois não se lera o testamento de Narciso d'Alva. Seu pai Otero ainda era vivo e desse é que se importava a família, Narciso d'Alva era um pretexto. Otero tinha trabalhado toda a vida e amealhado um bom quinhão e nunca Narciso d'Alva houvera sonhado com a sua fortuna, ah! Dizia aquilo porque era uma forma de se impor, mas Otero nunca mais havia perdoado ao filho, e a bola passara agora para Bunel, que já tinha imaginado a sua situação em pequeno, quando recebia visitas e compreendia nos rostos de certas pessoas a depressão e a tristeza, ele estava nesse estado agora e não conseguia dar um pontapé em tudo, enfim, o

melhor seria aproveitar melhor possível os momentos de agora pois mais tarde, com a chegada da velhice, iria ser bem pior. Para Manuel Ventura, que decidira partir, Riachos estava bem longe. Ele havia ido para Espanha uns tempos. É sufocante estar vivendo num país que reclamámos nosso território e sentirmo-nos asfixiados por ele. Quanto à política e ao futebol nada muda, o mesmo dizendo quanto à religião, refúgio de espíritos tacanhos que têm medo da agressividade. Não, os medos de Manuel Ventura eram reais, bem reais, e dias a fio evitava ou não conseguia sair de casa. Onde estavam as pessoas que conhecera um dia na faculdade? Onde estavam esses hipócritas?! Por mais que viajasse, sentia estar preso no mesmo pântano, o da consciência perdida, um estado modificado de consciência. E ter visto Narciso d'Alva, ter ouvidoa sua narração, deixara-o mais confuso. Com essa experiência não sabia se vingar-se se passar ao lado da

vida, incólume, esperando outra que fosse melhor. Fernandes tinha sido dos melhores futebolistas e jogara no clube da cidade como sénior umas épocas. Sua mulher era estéril e estava considerando a hipótese da inseminação artificial. Narciso d'Alva conhecera-os porque eram amigos de sua irmã. Desejavam ardentemente ter um filho e Narciso d'Alva deixava-se ir abaixo. Cada vez que arribava entrava em euforias que o levavam a magoar-se a si próprio e culpa, carregava imensa culpa, que não sabia se tinha de fazer análise de regressão ou continuar determinado o seu caminho através dos trinta. Talvez nem uma nem outra das coisas.

Justino procurava um destino onde pudesse comprar uma casa e viver uns tempos afastado da civilização, mas matutava, Tal não é possível, tenho de regressar a Lisboa, arranjar trabalho, a vida não está dividida entre ciência e

vida comum, senso comum, de modo que apanhou o comboio que o levaria até Madrid, daí foi até Hendaye. Esteve lá uma manhã, parecia um viajante solitário, sentia-se mesmo assim, estava gordo, qualquer dia teria um ataque de coração, tinha de deixar de dormir a sesta lembrava-se da sua vida vegetativa em casa dos pais, de como tinha de dar desculpas para escrever em Riachos. E recordava-se de Narciso d'Alva, das manhãs que passava junto à mãe escrevendo e só fazia isso e o dia corria frustrante. De qualquer modo, estava em Hendaye, tomou café e comboio para Valence, o TGV, viu Lourdes e prometeu a si próprio que lá voltaria como peregrino. Em Valence esperava-o um grupo de jovens onde era o mais velho, um português entre outros, franceses, uma turca, duas alemãs, dois ucranianos, uma bielorrussa, um inglês. Passou por lá quinze dias, o maior desafio era o café, não havia descafeinado, coitada da irmã a envia Zyprexa pelo

correio e um dia, quando foram a uma vila não sei de que nome foi às urgências de um hospital, outro foi a uma farmácia buscar o equivalente de Lexotan. Já Lora, passados quinze dias, havia feito comunicação com um lenheiro de Riachos e quando regressou Manuel Ventura tinha como missão espalhar as cinzas no rio Sena. Manuel Ventura iria agora até França de avião, pena não pudesse fumar nos aviões mas alguma serenidade teria de conseguir será que da torre Eiffel se conseguia enviar as cinzas para o Sena? Só porque Narciso d'Alva nascera lá...extravagâncias, porque não espalhá-las no Tejo, no Mondego? Era perigoso agora porque as andanças de Manuel Ventura iriam ficando perigosamente coladas às do delator destes factos, como em criança tinha tantos amigos e vivera uma infância feliz e o pai agora não lhe ligava era como se não existisse mas era criança ainda pois não sabia que fazer com um corpo que se deformava com o

tempo não fosse ele frequentar um ginásio e deixasse de fumar, ficaria bloqueado como todos os escritos, ah! É verdade que os seus filhos eram as letras, mas era frustrante não ter uma companhia, pois Lora ficara com Carlo no ambiente bucólico de Riachos. Nesta localidade previam fazer um centro comercial junto aos adro da igreja isso convinha ao comércio e movimento local, sobretudo no bodo das castanhas, nas festas do sagrado coração de Jesus, no senhor dos passos, as três festas principais anuais e todos os Domingos, claro está. Blast voltara às suas aventuras cibernéticas, passara o 25 de Abril e agora estava em pleno mundo virtual vivendo aí 24 horas, os factos do seu dia também podia ser relatados. Não, Narciso d'Alva não morrera com a carta na mão, de jeito nenhum, nem sequer o espanhol Fernandez lhe ditaria a sorte, mesmo que tivesse sido o seu último emprego na baixa. Agora Manuel Ventura iria para lá, sabia que lhe provocava

stress, mas não era em velho que iria procurar sustento, além do mais, as velhas filosofias estavam com ele e como tinha tudo com ele poderia continuar a vida-romance de Narciso d'Alva. Depois do entusiasmo da manhã, o delator fica sem imaginação para contar mais coisas sobre Riachos, pelo que tem de se deslocar para outras localidade percorridas pelas personagens. Mas não há outras paragens. Não basta pegar num carro e ir descobrindo terras até encontrar a localidade certa. Bunel encontrava-se com 32 anos, com barriga que quase o asfixiava, fumava um maço de cigarros por dia. Fazia de tudo dificuldade. Encontrava-se no meio da vida. Na direcção errada. Estava posto de parte um golpe não património familiar, estava “no meio da vida”, tinha de se decidir e sentia-se pressionado entre o presente e todo um passado. O presente e o passado pessoal e social. Lia naquela altura os existencialistas e não queria ter de alugar

um quarto em Lisboa para fazer um curso de filosofia, nem para frequentar estágios para inserção social. Apetecia-lhe estar em casa, talvez não fosse a casa onde se encontrava, a dos pais, mas a sua casa, pois já era tempo de assentar. E que solução tirar da cartola? Para quem via de fora, como a irmã Francisca e a mãe Jocasta. Estava posta de causa a hipótese de viver longe, coisa que sempre desejara mas que por motivos de saúde não tivera posto em prática. Porque é que desde pequeno deixara que lhe fizessem mal, porque é que não era como o irmão Manuel Ventura? Como se podia ser obsceno e terno ao mesmo tempo? Só num outro mundo, dentro da cabeça do delator. Não havia muito mais para dizer. Havia muito para fazer mas os personagens tinham um passado, por isso o delator levantou os olhos destes factos e voou como um águia para outros destinos.

Em meio da vida, Sebastião Frias tomou resoluções importantes. Até ali havia-se instruído em motivos religiosos e pagãos, não sabia muito bem o que era a vida social, mas tomou a decisão de suspender o trabalho solipsista que tinha para o guardar para depois dos oitenta anos. Isto porque tinha necessidade de comunicar, de estar com pessoas distintas de si, e dizem que no fundo andamos todos aqui para nos conhecermos melhor, foi isso que ele tentou fazer. Reconciliou-se com a sua aventura religiosa juvenil e voltou a frequentar a igreja, pois além do mais tinha chegado a duas importantes conclusões, primeiro, a de que um homem só não pode combater o sistema sobre tudo quando foi parte do sistema, segundo porque a religião continha um conjunto de procedimento de como agir para chegar a uma vida regrada e de certa maneira, dar continuidade à sua geração. Aponte-se que Sebastião morava em Riachos desde pequeno e havia sido

amigo de Narciso d'Alva. Era um dos que estavam naquela noite fatídica de velório em que via com seus olhos que a terra há-de comer que o homem se matara aos poucos e enfim tinha pena dele. O seu exemplo servira-lhe de alguma coisa. Comprou um carro por empréstimo e começou fazendo contactos nas cidades mais próximas de Cintra e Nume, estabelecendo-me como vendedor de artigos de decoração. A escrita da sua biografia e só da sua biografia ficaria para a sua reforma. Quanto a Tereso Lopes, também um dos que estaria no velório de Narciso d'Alva, continuo insistentemente pensando em si, fazendo do curso de filosofia um destino, ensimesmado, pouco falador, vivendo de uma pensão de invalidez, ele que era um mero neurótico. O que aconteceu com estes dois personagens através do tempo foi deveras interessante, pois chegaram a lugares diversos e tiveram destinos diversos. Enquanto Sebastião pôde levar uma vida

saudável, equilibrada em termos de alimentação e finanças, Tereso começou a ganhar barriga, pois dormia imenso e disso precisava porque os seus escritos consistiam essencialmente na compilação e decifração de sonhos. E envolto nos seus sonhos definhava, envolto nas memórias que tinha de infância, nos seus desejos não satisfeitos com as mulheres e com alguma regularidade tinha de ir às meninas em Vale Escuro para sobreviver afectivamente. Este homem embrenhado nas leituras filosóficas e diarísticas, vivia numa extrema solidão, pois pouco comunicava com os seus pais, que faleceram tardiamente sem se aperceber o que se passara no seu interior. Deixou obra escrita depois de falecer em 1979. Sebastião não alojara a sua mente em si próprio nem em nenhuma época histórica, visitara muitos países e conheceu gente diversa mas não almejava escrever quando viu o cadáver esquisito de Tereso. Para ele era

demais, já lhe bastara Narciso d'Alva, de que o delator dá imensa descrição nestes relatos, quanto mais agora Tereso, o pequeno Tereso que jogava consigo à bola, à moeda e se ria das raparigas que passavam.

Cumpra agora o relator o dever de dizer que lhe sabe bem acordar cedo e ter a esperança de dizer algo a um futuro leitor. Mesmo que com cigarros corra o risco de ficar menos potente sexualmente. Enfim, é como se todos os dias de manhã gritasse dentro de nós uma voz dizendo Eureka!

Narciso d'Alva estava morto e enterrado, mas convém ainda falar de algumas das pessoas que o velaram. Maria dos Prazeres tinha tido uma paixoneta por ele, ele mesmo que tinha a chama da paixão sempre baixinha e que viu nela um ser que a inflamasse. Conheceram-se perto de um rio. O carro dela avariou e ele, coincidentemente, ia na sua corrida matinal, pois naqueles 20 anos fazia atletismo

amador com um conjunto de amigos. É certo que deixou de o fazer e esse conjunto de amigos, a maioria mais velhos, fundaram o Atlético Clube de Riachos e todos os anos se faz uma prova que coincide com uma das festas da freguesia. A velha igreja havia sido restaurada e parecia bem a um visitante que viesse de longe, mergulhar a história de uma aldeia.

As festas de Outono estavam perto no calendário, contudo, na memória de Ventura, o único personagem que não soçobrara às tragédias da mente do relator, a obrigação agora era de ir para a capital, enfronhar-se mais em livros. Não, não vale a pena exagerar. A filosofia era agora a libertação final deste personagem, tanto valia que fizesse viagens da memória, do espírito ou reais. Tinha-se libertado afinal. Tinha ganho a sua liberdade na rotina. Não fazia diferença que olhassem o seu aspecto exterior com desdém e gozo. Por dentro ele ainda estava percorrendo

um determinado caminho, que importa que isso trouxesse mulheres ou não pelo caminho. Nada fácil, porém, era o seu caminho. Os vícios, hábitos da mente, estavam-lhe entranhados. Precisava de mais movimento, de visitar locais inóspitos, onde pudesse imaginar marcar a sua presença. Queria nunca ter de percorrer ou recorrer a uma fuga para o deserto. A civilização não era assim tão negativa. Aprendera a detestar os extremos, a natureza e a cultura. Os hábitos da mente estavam cedendo, a sua mente estava sobrevivendo a uma recusa à vida, aos outros, à sociedade. Era livre de fazer ou não o que queria. Deixemos, pois, o personagem respirar.

O delator confessa que está tendo muitas dificuldades em criar novos personagens. Não se vislumbra nenhuma luz ao fundo do túnel. Como pessoa, partilhou alguma da intimidade com os personagens. Contudo, há um ponto de viragem em que temos de dizer não e sermos nós próprios.

Muitos destes relatos foram provocados, como já se disse na nota introdutória, pela ausência de diálogo, pelo mutismo do delator que fugia para o écran depois de discussões com os familiares. No princípio, até rendia, só que agora está tornando-se torturante e é coisa a terminar. Riachos já não existe mais, a realidade já não é o que era. Já não vale a pena ir ao café encontrar amigos, foram criados pela imaginação de um ser necessitando de fantasia para ignorar a realidade, como uma dependência. O delator por muitas vezes não queria chegar a este lugar, ao lugar onde o leitor está, contudo, fê-lo muitas vezes e a este ponto o fará cada mais vezes sem grande motivação. Houve tempos em que prometera a Narciso arranjar um trabalho, um patrão que gostasse dele e nele tivesse confiança e tudo o mais pouco importava. O tempo, contudo, esfumou-se, e o delator continuou com outros

personagens, pouco acreditando na política (e porquê este título?) e mais alguns surgirão no horizonte.

ENXERGANDO FENIX

Estranha náusea esta, estando num lugar que desejava secretamente como lugar de confiança (pois, ao padre sucedeu o psicanalista, a este o computador) mas nem me atrevia a sonhar com receio que não se concretizasse, Afinal há que explorar outros sentidos da razão. Apresentemos mais um personagem. Este representa os dias de hoje, de 2002, alguma vez iria ceder e dizer em que ano escrevo. Sim, e como delator, optei pela primeira pessoa. Como lhe hei-de chamar? Este personagem revela que estamos num Portugal a mudar, onde o futebol está desacreditado para o cidadão, não tanto a política, mas o mesmo cidadão sabe que a política politqueira é sempre a mesma, sucedem-se *boys* e os outros. Este personagem aproveita todos os tempos para sobreviver do que é presente, do que é actual, veste Cardin, não fuma, rapa a

barba todos os dias, toma banho todos os dias como se todos os dias fossem uma oportunidade para ter sexo com alguém, mora em Lisboa ou no Porto, tem telemóvel topo de gama, com computador e máquina fotográfica incorporada. Tem o seu próprio apartamento, que paga a prestações, trabalha para um empresa, navega horas e horas na internet nas pausas do trabalho. Como lhe poderíamos chamar? Blast já não pode ser, embora as semelhanças com esta personagem anterior sejam de monta. Ah, esta personagem tem uma namorada fixa mas não sai com ela todos os dias, sai com outras, talvez uma diferente cada dia. Tem amigos quanto baste do sexo masculino, é heterossexual. Bebe cerveja. Bebe *tequilla*. Então que nome lhe havemos de dar? Um nome frio, como o que sinto no local onde escrevo? É uma sobrevivente nata e não se apercebe disso. Chamar-lhe-emos Fenix? Depois há o personagem que é o contraponto desta, para

veremos o outro prato da balança. Este personagem mergulha na história, não se importa com tragédias, isto é, relativiza-as, vê portanto pouca televisão e nem tem internet nem casa própria. Pouco conseguiu na vida e sua maior ambição é ser um dia reconhecido pelo que escreve e ter tempo para ler uma grande parte dos romances que foram escritos. Esta personagem não vive em Lisboa, mas em diversos lugares, tem carro velho, trabalha onde consegue e é religioso, com uma tendência para o esoterismo. O primeiro chamar-se-á Aurélio, o segundo Beatriz. Eles não se conhecem mas vivem vidas paralelas e provavelmente um dia irão encontrar-se e falarão das suas vidas. Estas duas personagens são como duas Fénix renascidas, que convivem com a morte e já a superaram há muito tempo. Sua vida é por enquanto solitária, entregam-se aos seus trabalhos e gostam de estar actualizados em relação ao que se passa no mundo, isto é, vêm todos os

dias o telejornal pela têvê. Um dia de semana Beatriz chegou a casa e abriu a porta do correio, donde tirou um postal de uma amiga na Suíça, com Lady Vendermeer. Na cidade, Aurélio fez o mesmo, só que lhe saiu publicidade, tudo bem, não estava à espera de grande coisa naquele dia. Abriu a porta de casa e deitou-se um pouco. Não era seu costume, mas naquele dia estava cansado de falar com tanta gente, queria um pouco de paz e silêncio. Apesar do barulho de quem jogava à bola no ringue lá fora, adormeceu. Eram horas de jantar, teve de ir ao supermercado, pois fazia as coisas à última da hora. Sentia os músculos doridos, o corpo pesado, dizia para si próprio “eu vou deixar de fumar” e “vou começar a correr todos os dias”. Na verdade, ele tinha uma barriguinha que, apesar de não o afectar mentalmente, já o estava a preocupar. Tinha de ir ao ginásio. E agora para fazer o jantar, tinha de ir às compras ao supermercado. Havia um bom e um

barato. Um que tinha televisão, outro câmaras de vídeo. Normalmente, este último tinha sempre mais gente e sobretudo àquela hora, 19 e picos. Beatriz lia, que ainda havia luz natural e ela queria aproveitá-la. Sonhava com o seu curso, que lhe saíra em sorte em Lisboa e de como falta já na primeira semana por não ter as finanças equilibradas. Para Beatriz era tempo de dar uma sacudidela no tempo, dar um golpe do baú, tratar da sua própria vida. Aurélio vivia num *status quo* donde rolava dinheiro mesmo todo o fim do mês. Houvesse fé da parte de ambos, estas duas personagens iriam encontrar-se um dia, na trama que vai mais para diante, pois pareciam o yin e o yan, opostos que se atraem. Havendo fé os dias futuros seriam melhores do que os actuais, normalíssimos mas à beira da raiva, à beira da desistência de qualquer projecto pessoal. Ver-se-ia ao fundo do túnel então uma luz, uma figura, uma Fenix renascida.

Lutara durante a noite contra demónios, pois estava afastado da religião há mais de dez anos, não podia acreditar em anjos e demónios, não podia quer dizer, não queria, fazia-se de valente. Contudo, acordara com a vontade de gritar um só propósito: tenho de arranjar uma mulher. Como não fazer disso uma obsessão? Não podia viver os seus dias pregado numa cruz, alimentando-se da moral, neste caso, cristã, nem podia viver da perversidade amoral hedonística, pois sabia que essa era a pior armadilha. Entre os dois limites, sem sufocar. Não, não havia limites senão na sua cabeça, podia muito bem ir libertando-se dos seus hábitos mentais. Atormentava-o contudo o futuro e o presente. Será que algum dia a descontração seria perene e deixaria de andar envolto em mágoas, possibilidades, lucubrações? Que nome dar a este personagem. Será que é preciso ser mau para conseguir determinadas coisas? Ou que a seu tempo honestamente

se conseguirá o que um homem sonha? As perspectivas de intenso trabalho intelectual continuam abertas, contudo é preciso ter cuidado pois trata-se de uma selva com uma faca de dois gumes. Oigo a notícias e sinto que ainda tenho uma porta aberta para com o mundo, mas que a irei fechar quando estiver numa sala ocupado. Aí habita o mal. Quando abrimos a porta para que os nossos olhos vejam a realidade está nas nossas mãos lidar com o bem e mal que estão no interior de cada um de nós.

A percepção do mundo mudara naquelas duas ou três semanas em que havia estado no estrangeiro. Romeu visitara os locais mais comumente turísticos e tinha mudado de casa. Levava todos os livros para casa dos pais. Se tivesse ânimo, emprego e algum dinheiro, arranjava um apartamento onde colocar tudo. Contudo, as suas coisas continuavam disseminadas. A vida agora era sem retorno, depois de uma certa euforia que nada tinha de

revolta, viriam os dias comuns, em que teria de voltar a fazer tudo normalmente. Os fins de semana não podiam ser tão mortíferos para Romeu. Tinha a impressão de que se esqueciam dele, os antigos amigos, a comunidade literária. Talvez fosse por se manifestar pouco. Mas tinham-se esquecido. Talvez fosse por ser tímido. Mas enganavam-se redondamente. A sua ambição era grande. Todos eram hipócritas, tinham receio dos distúrbios psicológicos, mas não ousavam em servir-se dessas patologias em proveito próprio para se prestigiar. Não falo dos médicos. Mas Romeu tinha a vida nas mãos ainda. Muitas surpresas poderiam surgir. Estava agora totalmente livre e sentira ontem esse sentimento, ah que gélidas eram estas palavras, mas essa liberdade não era a de um eremitério. Estaria ainda por equacionar se a actividade sexual é contraditória da imaginação, da escrita, da criatividade. Ora falando de Romeu: ele não era nem de

grandes lirismos nem uma cabeça perversa ou incestuosa. O que acontecia é que se habituara à solidão porque o seu desejo shakespeariano não se realizara até essa idade de 45 anos no Portugal pós 25 de Abril. Vivia contudo rodeado da família e isso era o que de mais importante tinha. O pai chegava a casa e contava as coisas à mãe, esse pai era um verdadeiro antropólogo. Uma certa conversão se tinha dado no coração de Romeu. O sofrimento era-lhe autoridade, ainda fumava e tomava café, mas não tinha pressa, estranhamente não vivia neurótico, vivia com os seus fantasmas e obsessões que vinham à superfície da sua mente e que ele igualava a outros, não procurava combater. Tudo o que se tinha passado com Dionísio e Ventura não estava inacabado. Podia ter sido apenas uma nascimento atribulado. Mas podemos ir para outros lugares, há tantas histórias quanto pessoas e lugares, suponho. Faltam-me as palavras, talvez seja sinal de que

as palavras não comandam a vida. Tarde percebi isso. Não são as palavras que aqui deixo que comandam a vida. O professor estava à saída do departamento e desviou-se para eu entrar, outro professor e mais outro, interrogo-me tenho de me interrogar que não posso ser um simples adepto do existencialismo, tenho de progredir para um pragmatismo lúcido e seguro. Até tomar essa decisão não me falta tempo. Aqui, nesta narrativa, há que distinguir o domínio do real e o domínio em que entrei, a filosofia. Tenho um pressentimento que me estou apagando da sociedade. Nada mais errado, está um campo aberto de flores para eu poder cheirar e contemplar. Sou livre de habitar os espaços que desejo, suportar cisões, fazer desporto, estar com um amigo em particular, estar triste ou alegre conforme os outros, toda uma quietude ou bulício que preciso para viver. E a minha obra escrita tem de sair à luz, esta falta de vida por fora está me matando, eu que

estou procurando ser alguém que não conheço, alguém que me quer dominar. Se tudo isto se trata de uma batalha e um fizeram um trabalho, vencerei, permanecerei vivo para ver meus filhos e netos. Lutarei até ao fim, mesmo que os resultados sejam socialmente escassos. Lutarei até exaurir minhas forças. Mas não, não se trata de uma luta. Será um jogo? Um jogo onde só os mais espertos e resistentes ganham? Também não, não se trata de um jogo. Talvez seja uma espera, uma condenação, estarmos vivos, caminhando inexoravelmente para o fim a fim de ver uma luz no fim. Seja como for, bati no fundo e não me dou por contente com a minha sorte, embora precise de o fazer de quando em vez como estratégia para me sentir contente. Não me dou por contente enquanto os meus sonhos mais profundos não ver realizados. Nem a minha vida será uma busca de personagens. Sei que a minha alma, depois de tantas convulsões, regressará a um lugar,

a uma instância em que já estive, quando era pequeno, ou em certos momentos de adulto. Agora só preciso de informação, sabendo que tenho sempre de estar com um olho nos livros e outro na realidade.

Acordo com o tocar do telefone. Estive sonhando, ainda bem que tenho sonhos, é sinal que algo em mim está resistindo. Passa-se pouco aqui em casa dos pais. Nós é que temos de fazer os acontecimentos. O Sukur está enrolado em cima do tapete. A doutora dizia-me que os pacientes são descritivos. Pois isso não me tem ajudado neste romance. Sinto-o. Em cima da mesinha de cabeceira está a *Ilíada* e a *Odisseia*. A minha vontade de ler os clássicos tem a ver com um desejo de adolescente, não com uma tentativa de legitimação de ordem psicanalítica. É certo que podemos pegar por aí, dizendo que, dizendo o quê, diacho! É claro que sonho com sexo e o complexo de Édipo paira sobre mim, sou como toda a gente afinal. Mas

preciso de me analisar mais? Não, preciso de dados de outras pessoas, de ver o coração de outras pessoas. É curioso como a minha cunhada telefonou quando estava precisamente sonhando com o meu irmão. Está chovendo imenso, espero não ter de recorrer ao papel, a qualquer altura o computador pode disparar, como já aconteceu duas vezes. Estava eu dizendo que senti aqui num ponto meridional da Europa, a náusea de Sartre. O Sukur está com medo ou precisa da minha companhia, pois está ao meu colo. E eu escrevendo não preciso de forçar imagens intimistas pois é essa a ideia feita que tenho da literatura. Sou agora totalmente livre mas com passado. Um gigante com pés de barro, dadas as minhas ambições? Não, cada vez estou mais realista e penso num dia após outro. Explicando o título do meu livro. O título diz respeito ao passado, embora goste de comer laranjas de manhã. É uma pitada de política, embora o poder foi algo que sempre

me confundi. Nomeadamente o poder pelas mulheres. Sei que estou agora imerso numa cultura determinada. Mas tenho a impressão de que de um dia para o outro tudo pode mudar. Tenho essa confiança. Não é fácil apagar todo o sofrimento de uma vida e se algo me tem comandado a vida não tem sido o sonho nem a razão, nem os meus pais, tenho andado ao sabor do vento e levado porrada de um lado e do outro da face. Não me quero legitimar com o sofrimento. Apenas espero dias melhores onde possa ter alguém por perto com quem possa falar e um emprego, espero que não seja tarde demais porque com o espírito não está de boa saúde, mas sinto um sentimento de injustiça em relação à minha pessoa por parte da sociedade. Contudo, estou de bem, resolvi tirar uma semana para ponderar, muito sofrimento está por detrás, não sei se irei ser útil socialmente daqui para a frente, mas não é altura para contemplações, sobretudo no que se CPe

ao meu bem estar económico. O meu pai é para mim nesta altura indiferente para mim, como de resto eu sou para ele. Sou livre e não me apercebo de nada. As pessoas a quem tenho de dar contas são da família, não mais. Não vale a pena imaginar-me em situações sociais determinadas. Prefiro a imaginação para os meus livros. Aos poucos vou tirando elementos da realidade e conjugo-os com a imaginação. Enfim, a minha inspiração tem de ser arrancada a ferros. E não posso querer tudo de uma vez. Se algum deus existe ele sabe onde perdi a minha vida e a minha inspiração. Ele sabe dentro de mim onde deixei de ser capaz de acreditar. Sabe também onde nasceu muitas vezes um homem novo, capaz de acreditar de novo. O meu único amigo que me poderia ter ajudado quando precisei afastou-se. Ignorá-lo-ei. Tive no entanto outro amigo que esteve por perto quando perdi a razão. E perdi a razão porque este mundo em que vivia era demasiado pequeno.

Mas bom, Melanina, esposa de Romeu, preparara a viagem m ao Brasil durante vários dias. Escolhera roupa da melhor mas também da piorzinha para andar à vontade nos dias de calor. Estava tudo preparado e eles ainda viam televisão. Passava um documentário sobre Arundhaty Roy e num programa cultural dizia uma jovem escritora indiana que para a maioria das mulheres indianas casar significava ainda subirem de estatuto social. E por cá não seria o mesmo. Que o diga Manuel Ventura, que de tanto procurar a mulher certa já estava disposto a casar com qualquer uma. Uma mulher é sempre uma mulher, em qualquer lado do mundo. Seria a sua última noite no país antes de uma férias que ambos sabiam não serem férias, mas definitiva mudança para o Brasil. A sua aventura era como que secreta em suas mentes: não ousavam dizê-lo abertamente, mas ambos desejavam nunca mais voltar, por mais difíceis que fossem as condições por lá. Os

portugueses vão e vêm, são assim, não sabem o que querem e estes estavam particularmente cansados do jardim à beira-mar plantado. Outros, vindos de leste povoavam os locais de trabalho.

Ela era ruiva, os cabelos grandes pendiam-lhe pelos ombros, eu amava-a, amava-a por ser estrangeira, melhor, por parecer estrangeira. Trazia consigo um mistério qualquer na face quando falava. Compreendíamos-nos perfeitamente. Um dia, depois de uma carta que recebi e que ficou sem resposta, nunca mais soube nada dela. Voltei a vê-la num café na cidade, conversámos um pouco enquanto o marido não chegava. Ela estava como sempre, deslumbrante. Uns dias depois desta conversa, bati-lhe à janela já era tarde. Veio o seu pai. Insisti que queria falar com ela. Ainda falei, ela ao parapeito de um primeiro andar. “Vou para a América e quero levar-te comigo”. Ela gaguejou, pela primeira vez. Eu achei o convite demasiado

idealista e fui-me afastando quando a voz da sua mãe irrompia de dentro de casa, chamando-a Para mais, não gostei de ter incomodado o pai dela. Foi isso que me perturbou. Lembrei-me de como quando a tinha visto pela primeira vez em sua casa, numa casa mais pequena do que aquela em que vivia agora, o seu pai trocava selos com o meu companheiro de escola e ela tinha acabado de tomar banho só para estar bem na minha presença. Cheirava bem, não a perfume, mas a cheiro de mulher, um champô talvez, a sua pele cheirava bem e eu compreendi que era para me ver. Desde então os papéis inverteram-se. Faço todos os dias rituais de limpeza para recebê-la em minha casa. Para que ela ache tudo perfeito, como num sonho, para que tudo esteja em ordem para a minha donzela.

REVIVER O PASSADO

Naqueles dias de Inverno, gozava de uma certa independência. Tinha um valor de rendas e rendimento mínimo garantido que geria com muita dificuldade, mas que com a cumplicidade da minha assistente social, dava para frequentar as aulas de um curso de filosofia e ir escrevendo um pouco de ficção. Era a minha forma de acautelar o futuro, de trabalhar para o futuro. Mas não precisava de concluir o curso para ver que as coisas iriam mudar. Em breve precisaria de dar aulas e isso seria um novo e último desafio para mim. Na realidade, tentara dar aulas por quatro vezes e só na primeira me dera bem. Na segunda começou a surgir o que estava latente desde há muito tempo: um distúrbio psicológico. Era o que a sociedade impunha a um indivíduo normal. Tive depois trabalhos esporádicos até deixar totalmente de trabalhar. Vendo que

nem sequer para livros tinha dinheiro, comecei a alimentar uma certa raiva; contra a sociedade que me explica como se fosse excremento; contra a sociedade que me queria manter à margem caladinho, a expensas do meu pai, com cuja indiferença tinha de lidar. Um projecto de tese imergiu através dos tempos, das dores e dos prazeres solitários e frios. Guardo-o hoje como segurança, para o caso de as coisas darem de novo para o torto, continuarei os meus estudos. Ao Mesmo tempo pensava o que de tão grave se poderia estar passando comigo que não conseguia fazer passar mensagem nenhuma durante mais de dez anos de actividade intelectual. Seria pelo atavismo do povo português? Os jovens seriam assim também? A minha primeira obra, com 50 exemplares havia servido de mau exemplo, mau começo? Estaria condenado a quê? À fogueira? Ao cárcere, como Sade? Teria de pagar com a vida o conhecimento da minha obra? Teria de fazer um

pacto com o diabo, eu, tão distanciado das coisas do mundo e cada vez mais acreditando na transmigração e eternidade da alma? Sentia-me sozinho, muito sozinho numa noite chuvosa e fria com poucos personagens, talvez apenas alguém personificando o bem e o mal, sem pai nem mãe e irmãos, só, com as mãos gretadas de tanto escrever. Porque é que insistia neste caminho e não via mais nada? O facto de estar numa cidade anónima e numa aldeia quase anónima, em que não era conhecido por nada trazia-me ao espírito muito mais do que uma Náusea, um sentimento de que tinha de lutar sozinho contra moinhos de vento, sozinho contra marés e tempestades. Uma obra é uma obra. E todo o homem é capaz da beleza e do grotesco, não compreenderam ainda? Porque é que o espírito se tem de manter elevado? Porquê o *karma*, o caminho? Não compreendia. Não bastava a minha limitação em termos de espaço-viagens? Tinha de arcar

com os defeitos de moral dos outros ainda por cima? Poderão pensar que não estou bem comigo mesmo. E é verdade. E daí? Não tenho direito à inquietação? Mas creio que este sentimento de revolta provém de um autor mal realizado. Não deixei ainda o café, nem o tabaco e estou longe de esperar que o abandono desses vícios me trouxesse favorecimento junto do sexo feminino. A minha aldeia de Riachos agora é triste. O meu pai trabalha no armazém com o João Carlos, a minha mãe recrimina-me quando me vê a dormir fora de horas. O que é certo é que estou tentando conquistar um espaço e tal está me levando à loucura. Estou na corda bamba e não me posso mexer muito sob o risco de deitar tudo a perder. Há vezes em que penso que tudo isto não existe, que se trata de um jogo, mas não, é a realidade para além dos livros, das frases feitas. Por outro lado, não posso admitir que seja a realidade, tenho de me sentar confortavelmente sob as

palavras e construir um mundo de palavras meu. Já não ando em busca de um lema de vida, de uma poção, de um texto que me resgate. Já não há sequer o conceito de salvação. Estou na terra de ninguém e como o personagem de Paulo Coelho, talvez venha a descobrir-me na minha terra. Não há pressas, está tudo na mesma, o mundo não é perfeito. Riachos é terra, sempre o foi, de poucas raparigas. De modo que tenho de ir para outras paragens. Tenho receio que a loucura que me habita se transmita e faça ricochete contra mim e me deite abaixo. Tenho receio que os outros entendam a minha tarefa de escrita como subversiva. Sim, talvez seja o meu último trunfo, usar a mente, que deixei explorar, toda essa questão do domínio mental que ando desenvolvendo. Tenho medo de ser ferido por isso invento uma revolução. Tenho medo de me ferir com as palavras dos outros. Minha mãe anda desconfiada, talvez seja da idade, já nem vai à missa, o sol parece

brilhar lá fora, acendo o candeeiro, jurei para mim próprio que não iria mais ao café da Igreja Velha mas venho de lá. Poucas pessoas, poucas palavras, talvez esteja ficando rico de palavras, mas não me posso suicidar, não posso admitir que me encostem ao canto assim, sempre pensei em pequeno no que sentiriam certas pessoas adultas com quem falava e eu estou nessa posição agora. Embrulhado em ideias. É tempo de colocar as coisas a claro. Existo e já me chega. Apenas desejo trabalhar e reproduzir-me. É o que me tem pedido a natureza. É claro que desejo coisas diversas, mas a maior parte do tempo não me sinto vivo. Será do tabaco? Será porque quero andar adormecido, sem falar com mais de duas, três pessoas por dia? Não, ingénuo, não é nada disso. Falta de mulher, falta de romance. Eu que pensei que agora tinha terminado, vejo que só agora começou a saga.

Tudo é relativo, há que dar tempo aos frutos para que amadureçam. Domesticando o tempo, poderei entrar noutras esferas de pensamento e deixar anotados os meus sentimentos, mas do que forçar um lirismo que talvez não corresponde à minha maneira de ver o mundo. O que aconteceu faz parte do passado. Apenas eu detenho a memória do que fiz acontecer. Apenas eu pousou a chave para abrir essa memória. Outros poderão tentar entrar nessa casa onde habito como ser, mas muito poucos compreenderão por dentro. Talvez de fora se veja melhor. Talvez seja necessário fazer nesse aspecto alguns acertos. Que maior desdita haverá para um ser do que anular os seus desejos. Que maior infelicidade? Tudo se resume nisso, este livro, tudo o que pretende explicar é simplesmente algo que não aconteceu mas que poderia ter acontecido. E que aconteceu de facto na minha mente. Não

se pode brincar com a mente. Mas aconteceu mesmo porque eu quis. E muita outra coisa poderá suceder.

Dentro do mundo ou separado do mundo. Não concebo tal diatribe. Por mais que nos esforcemos por separarmos do mundo, estamos imersos em memórias genéticas, memórias sociais que não podemos elidir. É de desconfiar a amplitude do saber filosófico. Há qualquer coisa entre a filosofia e as ciências sociais que se deve explorar. Já nem falo da antropologia. Mas não seria objectivo dos homens doutos procurar definir a natureza humana, a condição humana? Isto dado que o mundo, o cosmos, é-lhe superior, o homem não pode controlá-lo. A partir do momento em que o homem tentou controlar a natureza, ciclicamente, esta lhe foi escapando das mãos. Não seria altura de se colocar no seu lugar e parar de armar em deus? Ignorar essa questão. Ser céptico.

Lilly trabalhava num bar chamado Star. Tinha de se levantar todos os dias inclusive o sábado, para ter tudo preparado para os clientes habituais. Ela fazia de tudo um pouco, com a colega Luny. O patrão chegava cerca das 10 horas e queria tudo pronto para a meia dúzia de almoços que iriam servir. Levantar cedo era bem custoso. Não era como quando era criança e os sonhos eram interrompidos pela voz da mãe e logo a mente projectava esses sonhos para a realidade e *allez* upa! Naquele trabalho ela tinha incomodando-a as tristes histórias dos fregueses na cabeça, como se não tivesse autonomia própria. Há anos que tratava da roupa sozinha. Parecia que, poupando trabalhado à mãe, Dona Aurora, ninguém, sobretudo aqueles amigos que a criticavam, se lembrava disso, depois de tantos anos. Não, Lilly não era assim tão jovem quando o nome pode deixar transparecer, nem necessitava de estar empregada num café de aldeia. Mas estava, não

durava muito tempo na grande cidade, os empregos eram fugazes, sentia-se suja e anónima e voltara para casa dos pais duas, três vezes, triste, como se não tivesse vida própria. Pela noite a café-restaurante convertia-se num bar e Luny ia ajudar os pais no campo, enquanto era verão, enquanto era sol. Lilly ficava animando o café, que servia de *intermezzo* à discoteca. O senhor Inácio delegava-lhe a responsabilidade do café. Para Lilly o café fora toda a sua vida, o seu mundo fictício concretizado em personagens anónimas, de modo que muitas, a maior parte das vezes, ouvia os clientes reclamando da mulher, vociferando por causa do futebol, dirigindo-lhe até sinceramente a palavra e ela tinha outra coisa em mente, tinha uma personagem forjada na véspera ou nos seus sonhos que fazia encaixar naquele determinado homem. À noite era distinto. Lilly ainda era suficientemente jovem para falar tu-cá-tu-lá com eles e as conversas, se é que se podia chamar a isso os

curtos diálogos entrecortados com o despejar de uísqui ou licor nos copos, eram breves e sinceras. É assim o ciclo da vida. Quando envelhecemos vamos ficando mais chatos, mais crianças. Quando somos adultos, vamos ficando mais crianças. Não largamos o cigarro e se não temos cigarro temos a palavra ou o *gossip*, que traduzo por gracejo ou pior ainda, o coscuvilhar, o tagarelar próximo de duas vizinhas. Enfim, não vale muito a pena estar aqui esforçando-me num descrição que faz parte desta vida, a de Lilly, que não conhecia outra coisa senão os cafés e a casa.

Fabião não tinha já consciência do que o rodeava, seu pai dava mais importância ao seu cunhado, estava só, sentia-se só e com desgosto de ter deitado semente sua à terra e ela não tivesse nascido e quando se aproximava algo de bom na sua vida lá vinham essas imagens obscenas que tinha visto ou as práticas que tinha exercido

como se estivesse estado possuído. Tudo isto era demasiado triste, porque ao mesmo tempo ambicionava coisas totalmente ridículas e desfasadas do ambiente onde vivia, em Lisboa durante a semana, em casa dos pais no fim-de-semana. Mas a questão não era parar. A questão era aprender a ler o mundo da melhor maneira, aprender a ler, ler.

Obras do mesmo autor:

“Caderno de Encargos” (Tender Edições)

“Razões do Coração: Exercícios de Cidadania” (Tender Edições)

“Mundo Imaginado” (Tender Edições)

“Cristo, Cravo e Rosa” (Tender Edições)

“Pensarilho” (Tender Edições)

“Curvas Apertadas” (Íris Editora)

“A Poção do Amor” (Tender Edições)

“Teoria Social.Aspectos”(Tender Edições)

Pedidos a:

geral@tender.com.pt

Tender Edições

www.tender.com.pt



Estas Crónicas resultam de um trabalho de campo de mais de dez anos, plasmadas num tom diarístico, a que o "estilo Malinowski", num tom informal e por vezes direto, pleno de reflexão sobre as circunstâncias teóricas do trabalho de campo em Portugal, para quem escolheu ser um "estrangeiro em casa"